

4

O RESGASTE DA MISTAGOGIA DE CIRILO DE JERUSALÉM COMO REFERENCIAL PARA A INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS HOJE

*Mesmo assim
não custa inventar
uma nova canção
que venha nos trazer
sol de primavera
abre as janelas do meu peito
a lição sabemos de cor
só nos resta aprender...*
Ronaldo Bastos e Beto Guedes

Neste capítulo, buscaremos recolher o processo elaborado até aqui e apresentarmos fundamentos da experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém para o processo de Iniciação Cristã com Adultos.

Reverendo o caminho feito, iniciamos a pesquisa trazendo um breve olhar para a evangelização atual, e estabelecemos um diálogo entre a dinâmica da evangelização e o paradigma da modernidade, assim como seu processo de crise e avanço, conhecido como pós-modernidade. Mantendo os limites de nossa pesquisa, nos detivemos em alguns desafios apresentados no momento atual para o processo de transmissão da fé cristã, priorizando o processo de Iniciação Cristã de Adultos. Em seguida, nos dedicamos à experiência catecumenal da Igreja, especialmente no final do século III e início do século IV, quando, inspirada pelo Espírito Santo, institui a formação dos iniciantes com uma estrutura firme e com uma pedagogia própria, designada como mistagogia, a pedagogia do Mistério. Para tal estudo, demos prioridade às *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém. Analisamos nesta obra os princípios teológicos e pedagógicos, a partir dos quais resgatamos a dimensão mistagógica que embasava e orientava aquele processo de Iniciação Cristã. No terceiro capítulo, procuramos delinear o rosto de uma comunidade local - a comunidade da *Casa de Oração Batismo do Senhor* - em sua experiência de Catecumenato com Adultos. Após este processo de investigação na linha da pesquisa participante, elaboramos um diálogo teológico-pastoral-pedagógico entre os princípios do processo de Iniciação Cristã de Adultos e a experiência vivida e refletida nesta Comunidade local.

A partir deste complexo diálogo teórico-pastoral e da parceria com a experiência local, nos propomos a considerar as contribuições concretas para um resgate da experiência catecumenal das origens da Igreja, em seu eixo mistagógico, como referencial para a Iniciação Cristã com Adultos nas comunidades atuais.

À luz das categorias mistagógicas identificadas do processo de Iniciação Cristã em Cirilo de Jerusalém, veremos como esta sabedoria das fontes da Igreja pode se tornar fundamento e princípio orientador para as experiências de Catecumenato com Adultos em nossas comunidades locais, em sua realidade, em sua diversidade, e relações que se enredam e apresentam sempre novos desafios.

Na verdade, nossa meta está na retomada do princípio que sempre orientou a evangelização, se atenta e aberta à dinâmica da Revelação. O testemunho da Igreja dos primeiros séculos é Tradição viva, lugar onde habita o fogo do Espírito de Deus, a memória viva e eficaz da Palavra que vem a nós e gera filhos e filhas à Sua imagem e semelhança.

Nossa tarefa hermenêutica desenrola-se a partir da teologia subjacente às *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém que nos fornece o embasamento para a análise do processo de Iniciação Cristã de Adultos na pastoral contemporânea. É a partir deste fundamento que nos comprometemos na construção de uma compreensão sistemática do significado do eixo mistagógico para a ICA. Em resumo, a mistagogia é o centro deste processo teológico, ela é o ponto de partida, a carta de navegação e a meta, a fim de experimentarmos hoje a sabedoria que reside nesta fonte da Igreja.

Neste capítulo trabalharemos em três estágios de elaboração. Na primeira parte, traremos os fundamentos teológicos para a Mistagogia em nosso tempo, em diálogo com as questões apresentadas no primeiro capítulo. Na segunda parte, retomaremos as categorias mistagógicas identificadas no processo catecumenal de Cirilo de Jerusalém e o diálogo teológico-pastoral com o grupo de Catecumenato com Adultos da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, elencando os princípios que devem estruturar a dinâmica mistagógica na Iniciação Cristã com Adultos hoje. Na terceira parte, veremos como os documentos e orientações do Magistério para a ICA trazem princípios para que o processo mistagógico seja realizado não apenas neste caminho catecumenal, mas nos demais processos de evangelização da Igreja.

4.1

Pressupostos teológicos para a mistagogia hoje

Como ‘ouvintes’ das Catequese Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, deixamos que suas palavras ecoassem em nossa percepção teológica e pastoral, descobrirmos a teologia e a metodologia pastoral que brota de suas orientações, e elencamos algumas categorias centrais, que chamamos de categorias mistagógicas de Cirilo de Jerusalém.

No diálogo com a sociedade atual, nos deparamos com desafios que interpelam o processo de Iniciação Cristã de Adultos e, no encontro com a experiência catecumenal da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, percebemos um caminho original, no qual identificamos categorias mistagógicas.

Esse encontro entre a mistagogia de Cirilo e a mistagogia desta experiência catecumenal tem pontos de contato e pontos de distanciamento, próprios do contexto histórico e teológico de cada tempo. Enquanto fidelidade à caminhada da Igreja, na experiência local estão presentes fundamentos teológicos e princípios que estruturam uma mistagogia em nossos tempos. Enquanto comunidade viva, atenta aos sinais dos tempos e dialogando com a realidade, esta experiência catecumenal também é fonte de criatividade fecunda, no Espírito de Deus que a move.

Respeitando o distanciamento histórico dos dois contextos, abrimos um diálogo de natureza teológica entre estas duas realidades. Retomemos brevemente as características principais em cada contexto a fim de melhor compreendermos o cruzamento teológico destas duas realidades.

No contexto de Cirilo de Jerusalém, estamos na metade do século IV, período no qual a dogmática cristã se configura e procura responder às questões consideradas heréticas pelo Magistério. A preocupação dos Padres da Igreja com a Iniciação Cristã, da qual Cirilo participa, dirige-se a firmar a identidade cristã, manter unidade eclesial, ser testemunho e avançar com o mandato missionário⁷⁰⁴. O quadro formativo integra a catequese e a liturgia, a experiência pessoal e o acompanhamento comunitário, a fé e a vida. A mistagogia é consequência de sua

⁷⁰⁴ O contexto teológico, marcado pelas grandes discussões acerca do mistério humano-divino de Jesus e trinitário, é um fator que favorece uma abordagem centrada na pessoa de Jesus Cristo, Verbo Encarnado e Ressuscitado. Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 788.

espiritualidade, de sua compreensão teológica e de um processo catecumenal que integra espiritualidade e anúncio querigmático. Todo este processo se dá na cidade de Jerusalém, marcada pela experiência radical do Mistério pascal e nascedouro das primeiras comunidades cristãs. Cirilo é um mistagogo, um mediador no processo de Revelação, que procura conduzir cada iniciante à abertura e à entrega existencial ao Mistério que já reside em sua vida e em seu coração.

Atravessando a história, a comunidade em processo catecumenal da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, está na virada do 2º. milênio, na pequena localidade da Vila São Luis, no bairro de Duque de Caxias, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. A dinâmica social e cultural mistura elementos urbanos e rurais, características modernas e pré-modernas, uma religiosidade tradicional e também sincrética. Esta pequena comunidade local, bebe nas fontes da espiritualidade cristã, procurando viver uma espiritualidade monástica, integrar fé e vida e, acima de tudo, oportunizar em todo o seu espaço, o encontro pessoal e profundo com o Senhor Ressuscitado. O processo catecumenal é orientado a partir do documento RICA e, ao mesmo tempo, dialoga com a realidade dos catecúmenos, buscando responder às suas questões existenciais e conduzi-los, passo a passo, à experiência de abertura ao Mistério de Deus presente em suas vidas. O sacerdote-monge e o catequista partilham da espiritualidade, das orientações do Magistério, e procuram estruturar os encontros do grupo de catecumenato no eixo mistagógico.

A partir desta breve situação dos dois espaços catecumenais, ousamos afirmar que estamos diante de dois lugares teológicos que, mesmo distantes no tempo histórico, possuem proximidades quanto ao seu enraizamento no mandato missionário e no caminho do seguimento de Jesus. A fidelidade à Igreja e a criatividade no diálogo com os iniciantes é também um elemento comum. Contudo, o primeiro lugar teológico, é berço da sabedoria patrística, fonte na qual a Igreja bebe e procura, nos diversos caminhos da história, perseverar em seus fundamentos, como tesouro da caminhada cristã que deve ser preservado e, ao mesmo tempo, encarnado em cada realidade. A comunidade local observada participa desta caminhada, bebe nesta fonte, procura responder ao dinamismo da Palavra segundo as situações concretas com as quais dialoga e dar prosseguimento à espiritualidade recebida pelas fontes da Tradição.

Em suma, poderíamos sintetizar estes dois lugares teológicos e epistemológicos como um diálogo entre a teologia fontal, primeira, e a teologia

hoje, reflexão segunda. Na dinâmica suscitada pelo Espírito, a comunidade eclesial é *kairós*, é tempo do sopro divino que tudo renova e conduz ao seu abraço amoroso. Em tempos de mudança paradigmática, tomamos esta experiência comunitária como um sinal de esperança, um novo *kairós* propiciado por uma nova situação que pede para ser lida como chave dos sinais dos tempos.

Estabelecidos estes princípios, extraímos das duas experiências as categorias teológicas que fundamentaram cada uma e, a partir de um diálogo com cada contexto, diagnosticamos os fundamentos teológicos que constroem o chão para que a dinâmica mistagógica aconteça na Iniciação Cristã de Adultos hoje.

1. *A dinâmica da Revelação e Fé*
2. *Jesus, o mistagogo*
3. *Ser mistagogo*
4. *A mistagogia da Liturgia*
5. *A pessoa humana e a experiência do Mistério*
6. *A comunidade de fé como lugar teológico*
7. *Fidelidade e continuidade*
8. *A mistagogia como experiência místico-sapiencial*
9. *A constituição prática da Revelação – o seguimento de Jesus*

Eles são condição para que o processo mistagógico se realize, e não tenha um uso técnico-pedagógico na ICA ou uma metodologia isolada da fundamentação que embasa este saber teológico e pastoral-pedagógico.

4.1.1

A dinâmica entre Revelação e Fé

A dinâmica da Revelação é o pressuposto teológico sobre o qual se constrói o conceito de mistagogia e, como consequência, o eixo orientador do processo mistagógico. A Revelação é processo dialógico entre Deus e seus filhos e filhas, entre Deus e toda a Criação, entre Deus e a história da humanidade. É processo pedagógico, caminho de abertura e acolhida do Mistério divino na vida humana conduzindo a história humana ao seu horizonte salvífico.

Muitos são os teólogos que se dedicaram a este tratado da Teologia Fundamental. Contudo, o tema da mistagogia não chegou a receber um tratamento

específico na teologia sistemática. Ao lermos K. Rahner com uma chave mistagógica compreendemos que esta é a base de sua antropologia transcendental, mas o próprio teólogo reconhece que a mistagogia é um tema central em sua teologia, mas que não chegou a desenvolvê-lo⁷⁰⁵.

A. T. Queiruga resgata o tema da mistagogia em seu trabalho sobre a Revelação, e encontra na categoria de ‘maiêutica histórica’ um tratamento mais apropriado para sua elaboração⁷⁰⁶. Para o teólogo, esta categoria é mais qualificada para compreendermos a relação de abertura para a liberdade de Deus e a novidade da história, pois remete mais diretamente à “realidade mais íntima e profunda de que já somos iniciados pela livre iniciativa do amor que nos cria e nos salva”⁷⁰⁷.

Outro teólogo contemporâneo, R. Haight, também aborda a categoria da mistagogia como próxima de sua compreensão de comunicação simbólico-religiosa, como uma inserção da resposta humana no mistério de Deus⁷⁰⁸.

Para nós, importa demarcar algumas características internas a esse pressuposto teológico, que denotam o princípio da mistagogia e respondem a algumas das questões apresentadas pela sociedade contemporânea nos processos de ICA. Todas as características que ora trataremos, possuem uma dimensão em comum, são dialógicas, ou seja, remetem a uma relação dinâmica entre os dois pólos: Revelação e Fé, Mistério e experiência, transcendência e imanência.

Revelação e Fé são dois elementos em conexão indissolúvel. Pertencem ao dinamismo no qual a proposta de Deus e resposta humana caminham incessantemente. A Revelação, ou seja, a Palavra de Deus que rompe o silêncio e se faz ouvir, “não acontece em estado puro. Ela vem mediatizada pela realidade humana”⁷⁰⁹. A Fé é a resposta do Homem à proposta revelada. É experiência

⁷⁰⁵ K. Rahner escreve a Klaus Fischer: “Nunca abordei este lado de uma compreensão da mistagogia, mas não significa que não tem importância para a vida cristã. A mistagogia só foi expressa por mim como um tema e uma demanda. Eu não declarei muitos detalhes ou idéias práticas sobre este tema, isso eu devo admitir honestamente”. Cf. BACIK, J.J. *Apologetics and the Eclipse of Mystery. Mystagogy according to Karl Rahner*. London: Notre Dame Press, 1980, p. X e p. 61. Referindo-se a FISCHER, Brief Von P. Karl Rahner, *Der Mensch*, 1974, pp. 407-408.

⁷⁰⁶ A.T. Queiruga elabora esta categoria teológica em um capítulo inteiro de sua obra sobre a Revelação, como categoria mediadora para uma compreensão adequada da dinâmica real do processo revelador. Cf. QUEIRUGA, A.T. *A Revelação de Deus na realização do homem*. op. cit., pp. 99-138.

⁷⁰⁷ Idem, p. 15.

⁷⁰⁸ HAIGHT, R. op. cit., pp. 178-179.

⁷⁰⁹ BOFF, L. Constantes antropológicas e Revelação. In: *REB* 32. Rio de Janeiro: Vozes, 1972, p.26.

humana acolhida e revolucionada na sua totalidade pela Palavra que lhe é revelada. Nas palavras de J. M. Velasco:

O sujeito religioso pensa no mistério a partir de um prévio ato de presença por sua parte. Por isso experimenta seu ato como resposta a uma prévia chamada, e por isso interpreta sua busca de Deus como suscitada por um prévio encontro com ele e no qual Deus mesmo tomou a iniciativa⁷¹⁰.

Fé e Revelação possuem uma relação de reciprocidade. Neste diálogo, Deus toma a iniciativa e estabelece uma auto-comunicação com a Criação, na qual a pessoa humana, é convidada a responder existencialmente, ao apelo que vem do mais profundo do seu ser. A relação com Deus mantém a pessoa humana sempre aberta a esse impulso vital, por isso o encontro com Deus através da fé interpela a pessoa a reorientar os projetos pessoais e comunitários na nova lógica do Espírito de Deus, que conduz à libertação e realização de toda a Criação⁷¹¹.

Deus é Mistério que se revela, se comunica. O reconhecimento do mistério como mistério não pode ser entendido de nenhuma outra forma que não existencial e experiencialmente⁷¹². A experiência de encontro com Deus está sempre condicionada pela atenção, pela sensibilidade, pelo contexto e historicidade do homem. Enfim, a dimensão objetiva da Revelação é recebida e respondida pela pessoa, na fé, em sua dimensão subjetiva. Entretanto, a presença de Deus é uma fonte indizível, inesgotável, incabível para a compreensão e para a linguagem humana. É mistério que é experimentado pela pessoa humana e, ao mesmo tempo, jamais atingido, sempre tangenciado.

Nesta dinâmica, a pessoa humana experimenta a transcendência ante o Mistério que nela se faz presente e, também a imanência, pois essa presença divina se refere à existência concreta do homem e da sociedade⁷¹³. A transcendência divina é experimentada por nós na imanência.

Nos textos patrísticos não há uma elaboração do tema da Revelação de modo direto. No entanto, os elementos fundantes do tema e importantes intuições estão ali anunciados enquanto teologia viva, pastoral e concreta dos Padres da

⁷¹⁰ VELASCO, J. M. *Introducción a la fenomenología de la religión*. Madrid: Cristiandad, 1983, pp 124-125.

⁷¹¹ Cf. GIGUÉRE, P. op. cit., p. 191.

⁷¹² Cf. HAIGHT, R. op. cit., p. 100.

⁷¹³ Cf. QUEIRUGA, A.T. op. cit., p. 100.

Igreja⁷¹⁴. Também em Cirilo de Jerusalém podemos detectar esta fundamentação teológica na dinâmica da Revelação. Ele discursa sobre a relação entre Deus e seus filhos e filhas como uma relação de proximidade. Seu convite para a Iniciação Cristã é explicitamente um convite para a participação no Mistério pascal, que insere todo o ser humano nesta nova realidade que dinamiza toda a sua existência e suas escolhas em direção a uma nova meta: ser um homem novo, em Jesus Cristo. Em Cirilo de Jerusalém, a Revelação é anunciada na medida em que ele percorre narrativamente e alegoricamente a Sagrada Escritura, apontando os sinais da presença de Deus junto a seu povo e o convite para que os iniciantes se tornem participantes dessa mesma trajetória.

Na mistagogia de Cirilo, é Deus quem convida, se revela e orienta o caminho de cada pessoa, pedagógica e amorosamente. Este pressuposto aponta para o princípio mistagógico que rege a ação pastoral de Cirilo. Suas palavras e orientações catequéticas têm a clara função de mediar o encontro entre Deus e o homem, auxiliando a escuta atenta à presença de um Deus que já está aí no coração humano, em sua realidade. Além disso, Cirilo se coloca como mediador ao tratar da vida cristã como um caminho de conversão, como um processo ao qual cada pessoa vai sendo inserida e configurando sua existência em Cristo Jesus.

A mistagogia de Cirilo integra a iniciativa divina e a livre e processual resposta humana, a abertura para o Mistério revelado e a tomada de consciência que envolve compromisso e responsabilidade. A ação de Deus é libertadora, é dinamizadora do processo de conversão existencial. É graça atuante, é presença operativa na existência de cada iniciante.

Seu anúncio catequético é também marcado por orientações concretas, por um passo a passo que potencializa o iniciante a entrar na dinâmica da Revelação: experimentar a liturgia, ouvir a Palavra, abrir-se, orar, ouvir o chamado, responder, deixar-se modificar, rever as escolhas, fazer novas escolhas, ser acolhido pessoal e comunitariamente, ser acompanhado. A iniciação de cada catecúmeno no mistério de Deus é acompanhada de um processo de abertura, tomada de consciência e progressiva inserção neste mistério. As ações litúrgicas, a abertura para a Palavra e a experiência eclesial tornam-se fontes desta mistagogia.

⁷¹⁴ Idem, p. 37.

4.1.2

Jesus, o mistagogo

Para considerar Jesus como o mistagogo, partiremos de três abordagens presentes no processo mistagógico. Primeiramente, a abordagem cristocêntrica da Revelação, ou seja, a presença plena do Revelado entre nós em Jesus Cristo. A segunda abordagem, diz respeito ao significado do termo ‘mistagogia’, enquanto iniciação ao Mistério e acompanhamento daquele que está sendo introduzido nesse caminho. Em terceiro lugar, a experiência mística como elemento fundamental para a relação com o Mistério que se revela, com o Deus que é relação com cada pessoa e com seu povo.

Olhando para Jesus de Nazaré, encontramos a integração destas características. Nele se realiza o projeto de Deus. Ele é o anúncio querigmático de todo o processo de Iniciação na fé cristã. Jesus assume o projeto integralmente. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Através de suas atitudes e ensinamentos, é o mestre e educador por excelência⁷¹⁵. Entregue à missão de anunciar a todos a possibilidade do homem novo, vive como filho de Deus, irmão de todos, admirador e co-criador da natureza e de uma sociedade nova, com as

⁷¹⁵ Na Igreja do segundo século encontramos a compreensão de Jesus como pedagogo, com Clemente de Alexandria, o dirigente da escola catequética daquela cidade. Em sua obra *Paedagogus* Clemente dialoga com a cultura grega sobre sua concepção de educação, como Paidéia. Nesse diálogo, apresenta Cristo como ‘o pedagogo’ da humanidade, no sentido filosófico que Platão dava à palavra *paidagogia*, quando definia a relação de Deus com o mundo desse modo: Deus é o pedagogo do mundo inteiro, *ho theos paidadogei ton kosmon*. O conceito de pedagogo foi inicialmente voltado para os escravos que acompanhavam os jovens à escola e, desta, para casa. Esta concepção, vigente na Grécia por muitos séculos, aponta para uma atividade que inclui autoridade e responsabilidade na orientação prática e filosófica que prepara para a sabedoria de viver. A transformação do significado e categoria da palavra *paidagogia* foi a consequência necessária da dignidade filosófica e teológica a que Platão elevava o conceito de paidéia. Para Platão, a paidéia significa não apenas a educação da criança, mas sobretudo a formação e o desenvolvimento da pessoa humana em plenitude. Esta dignidade teológica inspirada no pensamento de Platão possibilitou a Clemente introduzir Cristo como o *Paedagogus* de todos os homens. Encontramos nesta obra, indicadores de que a reflexão teológica que vê em Jesus as características de mestre e educador já se encontrava na ação evangelizadora, o que poderia ter levado Clemente a identificar em Jesus as características do pedagogo grego. No entanto, Clemente não coloca Jesus como um dentre os pedagogos da filosofia grega, mas como ‘o pedagogo’, o educador por excelência, modelo e referência para a escola catequética. Cf. JAEGER, W. *Cristianismo primitivo e paidéia grega*. Trad. Teresa Louro Pérez, Lisboa: Edições 70, 1961, p. 84-89; WITTSCHIER, S. *Antropología y teología para una educación cristiana responsable*. Santander: Sal Terrae, 1979, p. 56.

características do Reino de Deus, em que se promove a vida, a fraternidade, a paz e o amor⁷¹⁶.

Se há uma ambiguidade constitutiva no encontro entre a subjetividade humana e a objetividade de um Deus transcendente, em Jesus de Nazaré esta relação dialógica atinge a plenitude na comunhão e participação. Esta afirmação da fé cristã, nos indica que não devemos desanimar diante de nossa ambiguidade, mas que, nosso desejo será realizado, na proximidade pessoal e amorosa de Deus conosco⁷¹⁷. Nas palavras de Lima Vaz, “a experiência cristã de Deus não apenas se manifesta através de uma realidade e da sua expressão, mas identifica-se com ela, particulariza-se absolutamente nela”⁷¹⁸.

Em Jesus, a experiência mistagógica pode ser percebida em todas as suas dimensões. O mistério de Deus se revela à humanidade, se faz um conosco, entra na história e, a partir de dentro, de seu núcleo, a conduz a seu sentido pleno. Nele, toda a humanidade é convidada à abertura existencial que conduz cada um e todos à salvação. É o mistério pascal que tem seu centro vital em Jesus Cristo.

Em Cirilo, esta perspectiva cristocêntrica está presente em sua teologia narrativa, em sua forma de articular o Antigo e o Novo Testamentos, na confluência de suas catequeses para as ações litúrgicas e sacramentais. O Mistério pascal de Jesus é um princípio vital que ecoa no coração dos iniciantes e os convida, a partir de seu sentido mais profundo, à participação.

Esta participação não se dá de uma vez por todas, mas é concebida por Cirilo de Jerusalém como um caminho de seguimento de Jesus. Ou seja, a participação no mistério de Cristo conduz, mistagologicamente, a uma nova orientação da própria vida movida pela Graça atuante de Deus.

A teóloga Lina Boff, expressa a profunda integração entre o Mistério de Cristo e o mistério de todo ser humano, que nos faz compreender a centralidade de Jesus como o grande mistagogo.

O amor de Deus é manifestado plenamente no mistério da vida-paixão-morte-ressurreição de Jesus, e da vida-paixão-morte-ressurreição de cada pessoa humana que acolhe Jesus e sua missão salvadora, como Palavra encarnada do Pai e, assim, recebe a legitimidade da filiação divina. (cf. Jo 1,12) O mistério de Jesus Salvador e o mistério da pessoa humana apresentam-se como dois

⁷¹⁶ Cf. CNBB. *Educação, Igreja e Sociedade*. Doc. 47, n. 84-87, São Paulo: Paulinas, 1992.

⁷¹⁷ Cf. BACIK, J. J. op. cit., p. 36.

⁷¹⁸ Cf. LIMA VAZ, H. C. A linguagem da experiência de Deus. In: *Escritos de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 1986, p. 254.

momentos de um único evento, enquanto sinal do verdadeiro e pleno destino da pessoa humana. Sem fatalismos, o mistério de Jesus Salvador, no mistério do ser humano com sua consciência de História salvífica, revela a concretude da libertação do mal e realiza a história temporal naquilo que ela tem de bom e santo, libertação que se torna História da salvação concreta, para a humanidade e toda a criação que espera por esta libertação (cf. Rm 8,18-19)⁷¹⁹.

Nos Evangelhos, as narrativas oferecem características da mistagogia em Jesus em sua forma de anunciar o Reino e de agir frente às diversas situações que se lhe apresentavam. O *Diretório Geral para a Catequese* explicita esta observação:

O acolhimento do outro, em particular do pobre, da criança, do pecador, como pessoa amada e querida por Deus; o anúncio genuíno do Reino de Deus como Boa Nova da verdade e da consolação do Pai; um estilo de amor delicado e forte, que livra do mal e promove a vida; o convite premente a uma conduta amparada pela fé em Deus, pela esperança no Reino e pela caridade para com o próximo; o emprego de todos os recursos da comunicação interpessoal tais como a palavra, o silêncio, a metáfora, a imagem, o exemplo e tantos sinais diversos, como o faziam os profetas bíblicos⁷²⁰.

A mistagogia de Jesus é marcada pela proximidade, pelo encontro pessoal, pela escuta atenta da realidade pessoal e conhecimento profundo do contexto em que a pessoa está inserida⁷²¹. Em Jesus, cada diálogo, cada escolha simbólica, cada palavra, aparece adequada ao contexto e ao grupo humano com o qual se encontra⁷²².

Dessa maneira, encontramos palavras, gestos e sinais diferentes para os diferentes grupos com os quais Jesus se relaciona. Com os discípulos, Jesus propõe o confronto com a realidade e as interpelações de seu tempo, aprofunda a interpretação das parábolas, dá orientações firmes para a missão, se relaciona com intimidade. Ao povo mais simples Jesus conta histórias, fala por meio de parábolas, e utiliza elementos da cultura rural. Com os diversos grupos judaicos⁷²³, Jesus propõe uma releitura de seus conhecimentos e imagens de Deus que irão interpelar sua prática⁷²⁴.

⁷¹⁹ BOFF, Lina. Índole escatológica da Igreja peregrinante. In: *Atualidade Teológica*, n. 13. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2003, p. 25.

⁷²⁰ DGC 140.

⁷²¹ PRESENTI, G.G. Mistagogia. In: BORRIELO, L. et. al. *Dizionario di Mistica*. Vaticano: Editrice Vaticana, 1998, p. 821.

⁷²² Cf. EN nn.7-12.

⁷²³ A situação histórica do tempo de Jesus o coloca diante de diversos grupos presentes na sociedade judaica, sejam, a classe aristocrática, leiga e sacerdotal; o grupo dos escribas e fariseus;

Jesus também tem critérios e medidas. Avalia a conveniência e a situação para sua forma de agir e de se comunicar. Diferencia momentos de formação em que ensina a toda a gente, de momentos nos quais que fala particularmente aos discípulos⁷²⁵. Jesus não só ensina, mas ajuda os discípulos e o povo a terem uma chave de compreensão da própria existência à luz de Deus e de seu Reino. Sonda as dificuldades, percebe os conceitos formados, acompanha o processo de discernimento, faz pensar, deixa perguntas no ar, desequilibra os ouvintes. Mesmo o não-entendimento é oportunidade para nova aprendizagem⁷²⁶.

Na base dessa adequação de linguagem e de mediações no anúncio do Reino, há um eixo comum que perpassa sua mensagem e sua proposta: o seguimento. Longe de se configurar como uma aprendizagem intelectual ou uma doutrina fixa, o seguimento de Jesus é atitude vital para aqueles que aderem à sua pessoa e mensagem. Comporta uma mística e uma prática, a partir do próprio Jesus⁷²⁷, ou seja, uma espiritualidade que motiva e anima o cristão a orientar suas ações e atitudes de acordo com o seguimento de Jesus, tanto na vida pessoal, como na missão de testemunhar e anunciar Jesus ao mundo.

Em relação à dimensão mística da experiência religiosa, Jesus Cristo, o Filho unigênito do Pai, é aquele que melhor a compreendeu e viveu, nos revelou o rosto do Pai e Seu projeto de amor. Assim também, Jesus nos revela a necessidade de aprendermos o tempo necessário para que a experiência mística seja introjetada, internalizada, vivida profundamente, respeitando as características pessoais, seu mundo, sua história, sua cultura, sua linguagem. É penetrar cuidadosamente na sabedoria divina para caminhar passo a passo, como criança nas mãos do Pai, em direção ao Reino.

Esta trajetória dialogal e processual, descobrindo o rosto do Pai e seu projeto de amor, configura uma nova criatura, um novo homem, uma nova

o grupo religioso dos essênios; os grupos ligados ao movimento zelota e aos herodianos; os samaritanos. Frente a cada grupo Jesus se posiciona e se serve de diferentes mediações no anúncio do projeto do Reino e de sua exigência de conversão e mudança de vida. Sobre esse tema ver ECHEGARAY, H. *A prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1982, pp. 49-109; MATEOS, J. e CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 17-42; RUBIO, A. G. *Encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994, pp. 53-65; FABRIS, R. *Jesus de Nazaré, história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988, pp. 73-78.

⁷²⁴ Cf. WENZEL, J. I. *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 1997, pp. 77-79.

⁷²⁵ Cf. Mc 4, 2.33; 5, 15.34; 4,10-11.34; 6,30-32; Mt 11,25-27.

⁷²⁶ Cf. Mc 7,17-19.

⁷²⁷ Cf. MURAD A. e MAÇANEIRO, M. *A Espiritualidade como caminho e mistério*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 15.

mulher. A mistagogia presente na ação missionária de Jesus, advém de uma profunda intimidade com o Pai, de um diálogo atento e fecundo consigo mesmo, com as pessoas e com o mundo. Em consonância com essa experiência mística, Jesus convoca e conduz ao Mistério que ele mesmo vivencia radicalmente. Seleciona mediações para cada ouvinte, com a sensibilidade, o amor e a misericórdia, de quem respeita o processo da experiência de fé que se dá para cada pessoa e cada comunidade. Faz-se presença, orientação, perdão e impulso firme e exigente na direção da Boa Nova que vem anunciar⁷²⁸.

A partir dessas considerações podemos melhor compreender a questão feita sobre Jesus em Mt 13,54 - *de onde lhe vem este saber?* A autoridade, o 'saber' que Jesus revela, é saber mistagógico. É fruto da relação profunda de Jesus com o Pai, consigo mesmo e com seus irmãos e irmãs nos mais diversos grupos e situações que se apresentavam⁷²⁹. Cientes dessa dinâmica, presente na ação pedagógica de Jesus, é possível dizer que a mistagogia tem uma orientação, uma meta: que aquele que está sendo iniciado atinja essa experiência pessoal de Deus, estruturada em Jesus Cristo.

Assumimos aqui as palavras dos Lineamenta⁷³⁰ do Sínodo dos Bispos de 2005: "A mistagogia hodierna deverá confiar na força do Espírito, que se comunica através da sobriedade das palavras e dos gestos sacramentais. A missão do Espírito Santo é dar a inteligência do que Jesus Cristo revelou. Ele é o mistagogo invisível"⁷³¹.

Esta mesma perspectiva era fundamento na prática catecumenal de Cirilo de Jerusalém. A centralidade do anúncio querigmático, perpassa todas as suas Catequeses, convidando à acolhida e participação no mistério de Cristo. Cirilo convida cada catecúmeno a seguir Jesus, como Senhor e Mestre; a despedir-se do homem velho e converter-se ao homem novo; a morrer e renascer em Cristo para uma vida nova, pelas águas do Batismo.

⁷²⁸ Cf. IBÁÑEZ, P. G; ÁLVAREZ, D. M. e CURSACH, J. L. S. Presentación. In: MARTÍNEZ, D. et al. *Proponer la fe hoy. De lo heredado a lo propuesto*. Santander: Sal Terrae, 2005, p. 16.

⁷²⁹ BINGEMER, M.C.L. Saber, sabor e sabedoria. In: BUARQUE, C. et al. *Fé, Política e Cultura*. São Paulo: Paulinas, p. 84.

⁷³⁰ Os *Lineamenta* são documentos importantes para a preparação da assembléia sinodal. Têm como finalidade suscitar uma reflexão a nível de Igreja universal sobre o tema do Sínodo.

⁷³¹ SÍNODO DOS BISPOS. XI Assembléia Geral Ordinária. *A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. Lineamenta, 2004. Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 29 de setembro de 2007.

4.1.3

Ser mistagogo

O processo mistagógico tem na mediação não apenas um de seus elementos, mas um pressuposto para a mistagogia. Poderíamos considerar a presença do mistagogo como um elemento a mais na ICA, no entanto, percebemos que é esta ação mediadora entre o mistério e o iniciante, que orienta o processo mistagógico. A relação entre o mistagogo e o iniciante é fundamental para que a mistagogia se realize.

Jesus é o mistagogo, ele é a referência para refletirmos sobre este fundamento na dinâmica mistagógica. Em Jesus, encontramos três características centrais que nos conduziu a esta afirmação, vejamos como estas características devem estar presentes neste mediador. São elas: a presença do Deus revelado entre nós, em Jesus Cristo; a pedagogia com a qual conduz e acompanha o iniciante; e a experiência mística.

O mistagogo é aquele que tem na mistagogia o eixo referencial de todo o seu agir. O que significa isso? Retomando os fundamentos apresentados anteriormente, o primeiro pressuposto é aquele que enraíza esta centralidade, ou seja, o primado da Revelação na experiência pessoal. A missão do mistagogo é secundária, no sentido de ser mediador e não iniciante neste processo. Ele é alguém que tem consciência profunda deste primado, experiência pessoal e capacidade pedagógica de se colocar neste caminho como missionário, de construir a relação mestre-discípulo onde o princípio e a meta do caminho são o próprio Mistério.

A mistagogia é caminho que pede um acompanhamento pessoal. Esta relação precisa ser construída como relação de confiança, de paciência e discernimento pedagógico a fim de orientar os passos do iniciante. Ela não é uma tarefa a ser cumprida, não é uma apresentação teórica ou objetiva da doutrina cristã, mas sim uma experiência pessoal e comunitária⁷³². Neste sentido, a relação mestre-discípulo ocorre não apenas na dinâmica pessoa-pessoa, mas também nas dimensões comunidade-pessoa, comunidade universal-comunidade local, história da salvação-história pessoal.

⁷³² Cf. LAFONT, G. A experiência espiritual e o corpo. op. cit., p. 24.

Também a comunidade torna-se mediadora no caminho mistagógico, na medida em que experimenta as três características anteriormente apontadas: o primado da Revelação, uma mistagogia viva e capacidade de responder pedagogicamente a esta missão, de ser, também ela, uma comunidade de iniciados que orientam a Iniciação.

Os Padres da Igreja recuperam, na ação evangelizadora, a dinâmica pedagógica da Revelação e do próprio Jesus⁷³³. Este é um critério fundamental, do qual Cirilo não abriu mão em seu processo catecumenal. O binômio mestre-discípulo não quer instituir uma relação de paternidade ou superioridade, mas um caminhar pela sabedoria já vivenciada e experimentada dos ‘mestres’. Caminhar a dois, que respeita os itinerários pessoais, mas que também orienta a dosagem dos esforços, a arte de rezar e compreender os caminhos da fé, as questões disciplinares que auxiliam o caminho. Enfim, o papel de mistagogo, seja pessoal ou comunitário, partilha um saber já recebido, vivido e interiorizado. É transmissão de uma sabedoria do caminhar, mas que não nega o caminho em si e nem mesmo impõe o próprio como definitivo e único. “Só assim o seu ensinamento levará o iniciante à experiência que supera qualquer ensinamento”⁷³⁴.

No Catecumenato primitivo, o iniciante era acompanhado por toda a comunidade, mas especialmente por um ‘padrinho’ da fé, com quem estabelecia uma relação mais íntima e familiar, aprofundando o conhecimento pessoal e refletindo sua caminhada na nova fé⁷³⁵. Na ação do mistagogo, se realiza uma dialética muito peculiar, entre a orientação do mediador, mas enquanto um reenvio à própria realidade e interioridade⁷³⁶. É uma dinâmica que exige uma profunda sensibilidade e paternidade espiritual, a fim de auxiliar a escuta que já ecoa no próprio ser. Essa relação vai conduzindo o iniciante ao amadurecimento progressivo que não provém de uma admiração ou seguimento do mistagogo, mas da abertura pessoal ao Mistério de Deus e à vivência pessoal⁷³⁷.

Na ICA, a mistagogia vai auxiliar na ‘leitura’ do mapa histórico pessoal, percebendo os sinais da presença de Deus já presentes. É uma espécie de parto, de maiêutica, na qual o ensinamento transmitido é identificado pelo iniciante

⁷³³ Cf. FEDERICI, T. op. cit., pp. 19-20.

⁷³⁴ Cf. LAFONT, G. op. cit., p. 24.

⁷³⁵ Cf. BUNGE, G. op. cit.

⁷³⁶ Cf. QUEIRUGA, A.T. op. cit., p. 108.

⁷³⁷ Cf. LAFONT, G. op. cit., p. 23.

mergulhado na dinâmica salvífica. Ele é como um decodificador do que já foi vivido e experimentado, mas não identificado. É alguém capaz de fazer a exegese da vida pessoal e dos sinais do passado e do presente, no pequeno grupo e também na história da salvação. Um orientador espiritual, nas palavras de U. Vasquez, é alguém que auxilia a fazer a teografia, ou seja, a escrita de Deus na vida pessoal⁷³⁸.

Pensar que a Iniciação Cristã supõe um acompanhamento, significa que não se faz auto-iniciação, ou seja, não se é iniciado sem um iniciador, como não há educação sem um educador. É um elemento essencial⁷³⁹. Na concepção de A. T. Queiruga, esta relação é fundamental, pois sem ela não seria possível a compreensão do próprio processo de participação ontológica no mistério de Deus.

A relação mestre-discípulo não remete para fora do sujeito ou de sua situação, e sim para dentro, num processo de reconhecimento e a-propriação (...) Ajudada pela palavra do mediador, ‘nasce’ a consciência da nova realidade que estava ali lutando por fazer sentir sua presença; o homem descobre a Deus que o está fazendo ser e determinando de uma maneira nova e inesperada⁷⁴⁰.

Em Cirilo de Jerusalém, a ação mistagógica tem o sentido de acompanhamento espiritual e não de dependência. Ele procurava criar uma disposição para oferecer ao outro o espaço necessário para que fizesse sua escolha na liberdade. Imbuído dessa perspectiva mística, a postura do mistagogo pressupõe respeito à liberdade de Deus e da pessoa a quem acompanha, alguém que orienta e auxilia o iniciante a encontrar os sinais da presença de Deus na sua experiência vital.

Nas palavras de São Paulo, caberia àquele que acompanha ser “*diácono do Espírito*” (2Cor 3,8), teógrafo e mistagogo, pois aquele que conduz e orienta a pessoa para o Mistério é o próprio Deus⁷⁴¹. É a dimensão mística, imprescindível ao mistagogo, pois ele não pode orientar o que não experimentou e experimenta. Ele também é um iniciante no caminho em direção ao Pai.

⁷³⁸ Com o termo teografia, Ulpiano Vasquez indica as marcas de Deus no coração e na vida humana, como um texto que Deus escreve em nossas vidas. Aquele que acompanha a fé, deve ser alguém que auxilia a pessoa a reconhecer a teografia e a mistagogia que revelam a presença e a orientação de Deus na própria vida. Cf. VASQUEZ, U. M. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 11.

⁷³⁹ Cf. BOURGEOIS, H. *Teologia Catecumenale*. op. cit., p. 152.

⁷⁴⁰ QUEIRUGA, A.T. op. cit., p. 113.

⁷⁴¹ Cf. VASQUEZ, U. M. idem.

Na mistagogia ciriliana, é importante percebermos que ele não abre mão de fundamentar suas orientações na Sagrada Escritura. Ela não entra como uma estratégia pedagógica, mas como fundamento, é a Palavra de Deus que ilumina a trajetória. O processo de conhecimento da Palavra de Deus e da doutrina apostólica, bem como a vivência sacramental e comunitária, auxiliavam pedagogicamente o iniciado que, pouco a pouco, também poderia fazer seu próprio discernimento quanto à fé cristã.

Este acompanhamento acolhe o iniciante na sua particularidade e alteridade, entra em diálogo com ele, para então, aprofundar uma experiência de fé, de confiança, de entrega, respeitando o processo pessoal. Torna-se elemento decisivo na avaliação da maturidade de cada iniciante. Por isso mesmo, o catecumenato é sempre um caminho, não está fixado em um tempo cronológico, mas necessita respeitar o tempo pessoal que cada pessoa necessita para abrir-se ao Mistério divino e trilhar caminhos de coerência e aprofundamento deste na própria vida.

No tempo de Cirilo de Jerusalém, o papel do mistagogo é também um papel de pastor do rebanho e de configuração de um rebanho amadurecido na fé cristã. Enquanto nova experiência de fé, o Cristianismo trazia mudanças na concepção de Deus e da religião, que estavam em processo de elaboração. Não podemos esquecer que o contexto no qual Cirilo prega é marcado por heresias e conflitos com o Cristianismo, o que levava alguns fiéis até mesmo ao abandono da religião. Nesse sentido, o acompanhamento mistagógico, indicava também responsabilidade e prudência no acolhimento e preparação de novos fiéis a fim de estarem amadurecidos no processo de conversão e de participação nesta comunidade de fé.

Esta ação de pastoreio também é pertinente na sociedade contemporânea. Não queremos, com isso, dizer que deve ser uma atitude apologista da fé cristã, ou de impedimento da evasão, mas no sentido de uma Iniciação Cristã fundada no próprio Mistério de Deus, na liberdade e na maturidade.

Esta estrutura de acompanhamento na formação da fé cristã respeita o ritmo pessoal e, estando atenta ao processo de compreensão, adesão e conversão, repropõe os conteúdos fundamentais com novos métodos, em vista de uma real

assimilação da parte do iniciante⁷⁴². Nesse processo oportuniza-se a passagem da fé recebida para a fé decidida. Assim procedendo, é a experiência de interiorização e de amadurecimento que define a aceitação comprometida da fé⁷⁴³.

A comunidade local, que assume essa experiência como postura fundante e fundamental, torna-se comunidade de iniciação. Neste sentido, outros elementos da mistagogia devem estar presentes, como a comunicação de ensinamentos, o acompanhamento da vida pessoal, o respeito às trajetórias pessoais, os testemunhos e práticas orantes. É a tradição mistagógica tornada viva e cotidiana na comunidade local.

Em síntese, embora a experiência mistagógica seja uma experiência pessoal, ela se realiza num ambiente no qual se vive e se transmite a Tradição cristã, a abertura ao dinamismo do Espírito e a dimensão testemunhal e missionária⁷⁴⁴. A voz do mestre, do mistagogo, é também a voz da comunidade de fé, que convida e acompanhar na direção do caminho de conhecimento e de transformação pessoal e existencial.

4.1.4

A Mistagogia da Liturgia

Se há um lugar de excelência da experiência mistagógica, ele reside na liturgia. Na Tradição e no Magistério, a liturgia teve sempre o primado no que diz respeito à mistagogia. É na liturgia que o Mistério pascal se faz presente. Na interpretação do liturgista S. Marsili:

A Liturgia não é apenas uma ‘instituição’ que nos veio de Cristo, mas é a continuação ritual do mistério de Cristo. Em outras palavras, na liturgia, o próprio evento da salvação torna-se presente e ativo para os homens de todos os tempos e lugares e, conseqüentemente, toda ação litúrgica representa um suceder-se de momentos na história da salvação⁷⁴⁵.

Dentre as muitas acepções do termo mistagogia, já considerados no capítulo segundo deste trabalho, tornou-se recorrente a compreensão de

⁷⁴² Cf. BUNGE, G. op. cit.

⁷⁴³ Cf. LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. op. cit., p. 58.

⁷⁴⁴ Cf. LAFONT, G. op. cit., p. 23.

⁷⁴⁵ MARSILI, S. A Liturgia. Momento histórico da Salvação. In: NEUNHEUSER, B. et al. *A Liturgia. Momento histórico da Salvação*. (Anámnese I) São Paulo: Paulinas, 1986, p. 94.

mistagogia como tempo propício e como metodologia pedagógica da Iniciação ao Mistério. As Homilias Mistagógicas eram justamente reservadas a este tempo pascal para que os neófitos compreendessem o Mistério no qual já estavam inseridos, pois já haviam participado das ações litúrgico-sacramentais. O Caminho catecumenal se refere mais à metodologia, às mediações que auxiliariam no processo de inserção do catecúmeno na dinâmica do Mistério.

A Liturgia não é um conjunto de lugares ou símbolos funcionais, mas é ação sacramental da presença salvadora de Jesus Cristo na Criação. Todos os elementos e pessoas reunidos são sinais, mediadores na comunicação simbólico-religiosa da liturgia⁷⁴⁶. A Liturgia se dá na assembléia reunida, na Igreja. É ela também que dá à Igreja seu caráter de Mistério de Deus, “não apenas no sentido gnosiológico de uma verdade revelada, mas na sua acepção existencial, como realidade que em si mesma é objeto da nossa profissão ‘*credo Ecclesiam*’⁷⁴⁷”.

Em Cirilo de Jerusalém, o evento litúrgico é o centro de sua reflexão teológica e orientações catecumenais. Ele fala a partir das ações litúrgico-sacramentais, de dentro delas, elaborando uma teologia litúrgica e conduzindo os iniciantes à compreensão e participação consciente da realidade da qual se tornam partícipes pelos sacramentos da Iniciação Cristã. A Liturgia é a fonte e o lugar teológico para Cirilo de Jerusalém. É nesta experiência que o ser humano se identifica com Cristo em sua centralidade salvífica e inicia um processo de reconfiguração de toda a sua vida neste novo caminho.

A Liturgia é princípio mistagógico não apenas por seu princípio ativo – o Mistério pascal de Cristo – mas porque, a partir deste princípio, ela mobiliza todas as demais dimensões para uma mistagogia viva: a escuta da Palavra, a integração da pessoa inteira no mistério da Salvação, a integração das relações fundamentais da pessoa (consigo, com os outros, com o mundo, com Deus), a revisão e mudança de vida, a partilha, o testemunho comunitário e o envio à missão.

As ações litúrgicas são princípios mistagógicos, pois mobilizam a pessoa e a assembléia tanto como mediações para o encontro com o Mistério, como por tornarem presente à consciência e à realidade o Mistério pascal. Essa integração

⁷⁴⁶ A Liturgia não é um fato apenas clerical, mas pertence a todo o povo, enquanto a todos os homens foi comunicado o sacerdócio de Cristo, todos constituem um mesmo sacrifício com ele, e toda a ação litúrgica da Igreja é comum ao sacerdote e aos presentes. Cf. NEUNHEUSER, B. et al. op. cit, p. 86.

⁷⁴⁷ BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia*, op. cit., p. 110.

dinâmica entre caminho e meta, entre desejo e realização, entre o humano e o divino, se dá por meio de uma participação existencialmente engajada. No processo de ICA, cada pessoa é convidada a fazer este caminho, a decidir livremente por esta acolhida do Mistério na sua vida por intermédio da comunidade sacramento: a Igreja. Assim sendo, as ações litúrgicas comunicam e já implicam conversão existencial e de atitudes. Por isso mesmo, configuram cada participante em Jesus Cristo, realizam a fraternidade e enviam à solidariedade com a Criação. É uma comunicação efetivamente transformadora da pessoa, da sociedade e do cosmos. Sua recepção é responsiva, pois suscita uma resposta coerente, no seguimento de Jesus⁷⁴⁸. É dinâmica, histórica, atualizadora, libertadora, integradora. É realização progressiva do projeto divino da salvação. “É dinamismo no qual cada pessoa se encontra com o Pai, por Jesus Cristo, no Espírito, o qual realiza o seu desígnio salvífico sobre o homem e sobre a mulher”⁷⁴⁹. É caminho mistagógico no qual o mediador é o próprio Cristo Jesus.

Através das ações litúrgicas, as pessoas são inseridas na trajetória da Tradição, os sinais tornam-se mediadores desta participação, convidam, convocam, performatizam à medida que são acolhidos na assembléia reunida. Os sinais tornam-se presença divina à pessoa, não uma presença virtual, mas uma presença mistagógica. Não se reduzem a rubricas, a uma atitude interpretativa, a uma mimetização gestual. A Liturgia deve convocar a assembléia reunida a deixar-se conduzir à centralidade do Mistério que ali se realiza. O significado tradicional na Liturgia se une à experiência viva dos fiéis reunidos em torno do altar.

Daí a importância de estabelecer a centralidade mistagógica entre os elementos litúrgicos, conduzindo à abertura sensível ao Mistério, de forma pessoal, comunitária, universal e cósmica. Os elementos presentes devem conduzir à inserção progressiva no Mistério de Deus que a todos envolve.

Em nossa sociedade, as realidades de tempo e de espaço vêm sofrendo uma revisão conceitual. No primeiro momento da modernidade, a ruptura com o passado tornou-se uma condição para o progresso moral, intelectual, econômico, social. No futuro estaria a realização da sociedade e, para tanto, o desapego ao passado e à tradição tornou-se necessário.

⁷⁴⁸ Cf. HAIGHT, R. op. cit., pp. 176-177.

⁷⁴⁹ BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia*, op. cit., p. 110.

Na Liturgia, esta dinâmica possui outro sentido. O tempo é o tempo da Graça de Deus; passado, presente e futuro são tempo contínuo e não linear na liberdade da Graça e nas respostas da humanidade. Não se estabelece uma lógica de produtividade, de superação, de progresso, pois a Liturgia celebra o agir de Deus hoje e sempre⁷⁵⁰. É um tempo real e também escatológico. Nesse sentido, à medida que a liturgia torna-se experiência mistagógica, ela integra as dimensões de tempo-espço e insere os fiéis nessa dinâmica. A assembléia reunida é participante do Mistério, protagoniza a liturgia e, a partir dessa experiência, potencializa a revisão de sua existência, re-interpreta o mundo numa nova ótica e, conseqüentemente, constrói novos significados para suas escolhas e seu agir cotidiano⁷⁵¹.

Na Liturgia, os conceitos de passado, presente e futuro ganham um novo sentido. O distanciamento cronológico é superado pela ideia de *kairós*, de tempo da Graça. É o caráter kairológico da salvação, sua acolhida e realização efetiva no hoje da história, acolhida que se torna sacramental, sinal salvífico para toda a história da humanidade⁷⁵². Mistério que se revela numa propensão escatológica dinâmica que, por si mesmo, faz e refaz incessantemente sua leitura hermenêutica. Exige uma ausculta constante, atenta, contínua, sempre em busca de novas estruturas, novas compreensões que se anunciam a cada momento kairológico.

Vale a pena revermos aqui o texto integral do liturgista A. Triacca:

O tempo litúrgico é o tempo para o qual Cristo é 'tudo', ao passo que, concomitantemente, se continua o que no tempo Cristo fez e prossegue fazendo aos seus membros. Todo fiel, ao viver essa realidade e com essa atitude, está fazendo hoje a exegese existencial do Cristo ontem, hoje e sempre. Em um hoje perene, o tempo litúrgico tem a capacidade de ritmar e avaliar a existência do homem resgatada em um 'hoje da graça' em que a palavra de Deus se torna vida⁷⁵³.

Com relação ainda ao conceito de espaço, também este é reformulado na experiência litúrgica. Ali ocorre uma integração que aproxima espaços distantes no tempo cronológico e no espaço histórico-geográfico. A assembléia reunida está em unidade com toda a assembléia dos filhos e filhas de Deus de ontem, de hoje e

⁷⁵⁰ Cf. TRIACCA, A. M. Tempo y liturgia. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (orgs.) *Nuevo Diccionario de Liturgia*. Madrid: Paulinas, 1987, pp. 1973-1974.

⁷⁵¹ Idem, p. 1982.

⁷⁵² Idem, p. 1974.

⁷⁵³ Idem, p. 1987.

de amanhã⁷⁵⁴. A Liturgia é ação histórica e meta-histórica. O caráter local integra-se ao dinamismo global, no sopro fecundo do Espírito de Deus. A Tradição é acolhida como fonte que nutre e renova a comunidade presente.

Enquanto lugar privilegiado da experiência mistagógica, a ação litúrgica fecunda uma relação entre a Igreja e o mundo⁷⁵⁵. A Igreja é o sacramento de salvação no mundo, comunicação do mistério salvífico ao mundo. A ação litúrgica fecunda a vida nova de Cristo Jesus em cada fiel, e este, torna-se sinal, sacramento deste mistério, no mundo⁷⁵⁶.

Pela ação litúrgica, a mistagogia não apenas é experimentada na assembléia reunida, como atinge toda a humanidade. O mistério celebrado é princípio gerador da missão da Igreja, ou seja, de que a Boa Nova seja anunciada a todos os povos.

Enfim, a ação de Cristo na Liturgia, a inserção dos fiéis no Mistério pascal, e seu agir missionário no mundo, não são realidades distintas, mas em profunda comunhão. A Liturgia não é um momento de aprendizado ou de motivar uma intencionalidade cristã. As ações litúrgicas geram a vida nova, o seguimento de Jesus, a resposta missionária. Por outro lado, a missão reenvia à Liturgia, em um processo de crescimento na direção da plenitude da vida em Cristo⁷⁵⁷.

4.1.5

A pessoa humana e a experiência do Mistério

A mistagogia é a iniciação à experiência do Mistério, à vida cristã enquanto experiência do Mistério. O Mistério é Deus mesmo. É a realidade divina comunicada pelo Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, deles para a pessoa humana. Como o Mistério já está em nós pela Graça que nos insere nele mesmo, é possível uma iniciação a um modo de aproximar-se do Mistério. Esta iniciação só é possibilitada pela experiência, enquanto percepção de algum modo consciente, da presença do Mistério. É uma experiência mística, uma “auto-realização radical e

⁷⁵⁴ Cf. CUVA, A. Asamblea. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. M. op. cit., p. 177; BUYST, I; SILVA, J.A. op. cit., p. 100.

⁷⁵⁵ SC 9.

⁷⁵⁶ Cf. LODI, E. op. cit., p. 108.

⁷⁵⁷ Idem, pp. 124-125.

última do homem em espírito e liberdade, de um homem salvo e radicalizado na graça sobrenatural, autocomunicação de Deus”⁷⁵⁸.

Como vimos no capítulo inicial deste trabalho, na sociedade contemporânea, a iniciação vem a ser uma via de reintegração da pessoa humana e suas relações fundamentais, pois ela envia a pessoa humana à sua verdadeira natureza, a conduz ao encontro do sentido do existir, e orienta o agir pessoal e comunitário.

A Iniciação Cristã aponta para a perspectiva de um caminho no qual cada pessoa tem o seu ritmo, sua dinâmica de abertura e acolhida do Mistério através de uma sucessão de experiências. A experiência é fator determinante da mistagogia. Toda a metodologia – linguagem, orientações, práticas, seleção de conteúdos, momentos de oração e de escuta da Palavra – tem como escopo a experiência, seja preparando-a, favorecendo-a ou potencializando-a.

Segundo a antropologia teológica desenvolvida por K. Rahner, toda experiência humana tem uma dimensão tanto categórica como transcendental. A dimensão categórica está mais relacionada com as proposições, com as afirmações objetiváveis. Ele emprega a categoria transcendental para apontar um nível de consciência mais profundo, mais importante, e anterior à articulação, conceituada pelo termo categórica⁷⁵⁹. Rahner quer alertar que a vida não é limitada ao mundo óbvio de proposições claras e ações externas e, de que estas objetivações provêm de um solo mais primordial, que ele denomina de dimensão transcendental.

Para nossa elaboração, importa percebermos o primado da experiência e também sua complexidade. Não entendemos aqui a experiência da pessoa humana como um simples experimento inovador ou mesmo uma percepção sensível, de caráter mais empírico. Partimos da compreensão de experiência a partir do termo alemão - *erfahrung*, que procede da raiz *fahren*, viajar, e contém como um de seus significados o conhecimento que consente o contacto com a realidade, produzido graças a uma trajetória através dela⁷⁶⁰. Com este conceito, queremos designar não toda e qualquer percepção, mas apenas aquela que é assumida pela pessoa, enriquecendo sua consciência, abrangendo a racionalidade que se adquire no

⁷⁵⁸ RAHNER, K. *Ungegenständliche Meditation*. Grunewald, 1979, pp. 354-368. Citado por SUDBRACK, J. *Mística cristã*. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 293.

⁷⁵⁹ Cf. BACIK, J.J. op. cit., p. 22.

⁷⁶⁰ Cf. VELASCO, J. M. *La experiencia cristiana de Dios*. Madrid: Trotta, 1996, p. 57.

exercício vivencial. Nas palavras de P. Ricoeur, toda experiência é uma “síntese ativa de presença e interpretação”⁷⁶¹. A identidade da pessoa e/ou da comunidade significa responder a uma questão: quem realizou tal ação? Essa resposta caracteriza a pessoa ou o grupo em questão, e para expressá-la é necessário narrar a experiência vivida. É, de fato, narrando a si mesmo, ou o que desejaria ser, que se caracteriza a identidade. Esta é construída e reconstruída nessa dinâmica entre a presença à ação e a interpretação da mesma ação⁷⁶².

A experiência é também demarcada por sua complexidade, envolve sujeito e comunidade, pessoa histórica e situada, com representações e significados, com uma linguagem própria. Enfim, a experiência não pode ser isolada de todos estes fatores, como experiência única, definível em si mesma ou mesmo estática. Ela entra numa dinâmica complexa, que articula pessoa e comunidade humana, que tem uma dimensão objetivável, mas também uma hermenêutica que não se esgota em si mesma. E vai além, dela participa a dimensão transcendental, que a fundamenta, potencializa e dinamiza na direção do saber.

A pessoa é tocada e modificada pela experiência e, a partir dela, constrói uma linguagem. As condições pessoais condicionam um determinado quadro interpretativo, que pode diversificar o processo de objetivação da experiência⁷⁶³. Por outro lado, também a presença do objeto é maior do que a consciência situada e do que a linguagem que procura dizer desta aproximação⁷⁶⁴. Todo objeto é mais do que o sujeito experimenta; ele se autotranscende⁷⁶⁵.

Contudo, aqui entra mais um determinante da antropologia rahneriana: a experiência de encontro com o Transcendente possui uma originalidade que consiste em que a presença deste Outro se manifesta no interior da pessoa constitutivamente. O Mistério que se deseja conhecer já está ali, se antecipa, se apresenta, se autocomunica. O Mistério de Deus não é algo acrescentável, como um objeto externo que se inclui ou exclui, mas se manifesta a partir de uma presença já possuída interiormente, que ilumina a própria presença humana como

⁷⁶¹ Citado por VELASCO, J. M. *ibid.*, p. 43.

⁷⁶² Cf. BOURGEOIS, H. *op. cit.*, pp. 182-183, citando RICOEUR, P. *Le temps raconté*. In: _____. *Temps et récit*. III. Paris: Seuil, 1985, pp. 352-359.

⁷⁶³ Cf. GELABERT, M. *Experiência*. In: PIKASA, X.O. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 335.

⁷⁶⁴ Cf. LIMA VAZ, H. C. *A linguagem da experiência de Deus*, *op. cit.*, pp. 243-244.

⁷⁶⁵ *Ibid.*, p. 336.

a realidade vivida mais intimamente, imanente, e que afeta não uma faculdade humana (a do entendimento, por exemplo), mas todas ao mesmo tempo⁷⁶⁶.

É o mesmo K. Rahner quem resgata a pedagogia do Mistério, e nos fala na presença da mistagogia na evangelização, como uma dinâmica onde o anúncio da fé cristã dialoga com as condições e com as questões que a pessoa humana traz em si. Dinâmica esta que não se limita a refletir a expressão correta da verdade salvífica, mas também a busca da verdade experimentada na vida e na comunidade eclesial⁷⁶⁷: “A evangelização, como mistagogia, se permanece apenas como doutrinação, estará errando em sua própria essência. Ela é apelo irrompido do mais íntimo âmago da pessoa humana agraciada”⁷⁶⁸.

Na mistagogia de Cirilo de Jerusalém, a fundamentação na experiência é um norteador. Sua concepção de pessoa humana não tem correspondência com a antropologia moderna, nem poderia. É um período, no qual, as perguntas filosóficas com relação à ontologia humana são marcadamente gregas. A tradição platônica está sendo apreendida e sua antropologia dualista começa a influenciar o universo cristão. Contudo, a antropologia judaico-cristã não encontra seu fundamento nesta mesma tradição e, ao voltar-se para o processo de Revelação do Deus de Jesus Cristo, do Deus da Sagrada Escritura, do Deus que orienta e acompanha seu povo passo a passo, a concepção de pessoa humana que está por trás é a semita: uma concepção não dualista, que compreende o homem em sua integralidade, que não separa sujeito e conhecimento da experiência que é vivida e elaborada por ele. Cirilo de Jerusalém se inscreve entre os Padres da Igreja que têm na Sagrada Escritura sua fonte de saber teológico e, com este embasamento, não se sintoniza com a filosofia dualista⁷⁶⁹.

A realidade livre e dinâmica da Revelação e seu diálogo fecundo com cada pessoa humana são percebidos nas homilias de Cirilo mais do que uma fonte inspiradora. Esta teologia subjaz enquanto considera o caráter ativo e criativo do caminho mistagógico. A mistagogia é experiência. É imprescindível que a pessoa humana, em sua liberdade, se abra, acolha, e responda ao chamado de Deus que ecoa na profundidade de seu ser. Neste contexto, Cirilo não apenas compreende esse dinamismo fecundo como respeita e orienta um processo de abertura

⁷⁶⁶ Ibid., p. 179.

⁷⁶⁷ Cf. RAHNER, K. *O desafio de ser cristão*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 48.

⁷⁶⁸ Ibid.

⁷⁶⁹ Cf. RIGGI, C. op.cit., p. 7.

sistemática, responsável e comprometida com o projeto do qual o iniciante se torna consciente e participa.

Além disso, Cirilo não separa a experiência pessoal da experiência comunitária e, no caso da Iniciação Cristã, esta se fundamenta na experiência primeira, de encontro com o Cristo Ressuscitado, na sua continuidade apostólica e na caminhada da Igreja. Neste sentido, Cirilo não incentiva uma experiência intimista ou ritualística, mas se insere na compreensão de seus contemporâneos, de integração dos iniciantes na grande comunidade eclesial e humana, como filhos e filhas de Deus a caminho do Pai.

Nesta compreensão da inter-relação entre os diversos elementos que constituem a experiência, há também uma relação entre a experiência particular e a experiência geral, entre a experiência local e a experiência global, no que concerne à abertura à Revelação de Deus. Ou seja, a experiência mistagógica é particular, original, abertura livre de cada pessoa à comunicação divina em sua vida. Neste sentido é única, irrepetível, singular. Por outro lado, ela tem um caráter universal, por sua essência e comunicação comum a todos os homens e mulheres.

Esta percepção nos convida a uma postura de abertura dialógica permanente e ao caráter de gratuidade, liberdade e humildade da Revelação. Ninguém está excluído desta experiência, o que afirma sua validade para todos os homens e mulheres. Todos são interpelados e convidados à resposta e, cada um, em particular, é sujeito ativo desta relação amorosa e misericordiosa da pedagogia divina. Neste mistério, cada pessoa é única no dom de Deus e, ao mesmo tempo, participa em uma comunhão de irmãos no dinamismo criativo e hermenêutico interno a este diálogo.

4.1.6

A comunidade de fé como lugar teológico

A dinâmica da Revelação e da Fé nos remete ao tema da experiência subjetiva, da experiência da pessoa humana, atuada pela Graça de Deus, e impelida à abertura existencial e consciente ao projeto de Deus. No entanto, a subjetividade humana é constituída na alteridade, na experiência dialógica, nas relações consigo mesmo, com os outros, como mundo e com o Transcendente. No

que diz respeito à Iniciação Cristã, a configuração da pessoa em Cristo Jesus é uma dinâmica intersubjetiva, sacramental, eclesial, enfim, pessoal e comunitária.

Pensar a experiência comunitária cristã como um dos princípios da mistagogia, é evidenciar o dinamismo das relações na construção da pessoa humana como um fundamento antropológico e teológico. A experiência da fé cristã é uma experiência comunitária. Da Igreja recebemos a fé vivida, interpretada, transmitida, obra do Espírito que age na história e na vida das comunidades. É a dimensão sacramental da Igreja, mistério de salvação no mundo⁷⁷⁰.

Retomando a teologia da Revelação, compreendemos que o princípio constitutivo da teologia é a Palavra de Deus, a Palavra testemunhada na Bíblia, tradicionalizada *na e pela* Igreja. Palavra que é *dabar*, que é viva, dinâmica, fala aos homens e mulheres *na história e para além* da história⁷⁷¹. Enfim, Palavra que se revela e é acolhida subjetivamente e contextualmente.

A dinâmica da Revelação nos ensina que não existem respostas fixas, conceitos definitivos, receitas comunitárias. “A Palavra misteriosa de Deus é um transcendental que não se esgota em categorial nenhum”⁷⁷². Nem mesmo quando diz respeito à mesma e única comunidade eclesial local. A Revelação mantém seu dinamismo revolucionário e renovador na direção do *homem novo* e da *mulher nova*. Novos cenários reivindicam a retomada da tradição passada, como experiências fontais e sacramentais, e também uma hermenêutica capaz de dialogar com as novas realidades. Temos aqui uma dinâmica que é ao mesmo tempo: tradicional e atual – passado, presente e futuro – única e histórica – fontal e dialogal. Enfim, realidades que parecem distantes se complementam, se integram, dialogam entre si, inaugurando ressignificações diante das novas realidades.

A resposta de fé da comunidade é resposta à iniciativa divina, à Revelação, ou seja, seu fundamento não reside em si mesma, mas na proposta divina. A fé

⁷⁷⁰ “A própria Igreja se define como comunidade cultural, comunidade sacerdotal, comunidade profética. São conceitos eclesiológicos fundamentais, antes relegados a segundo plano, e agora, carregados de força renovadora na função litúrgico-sacerdotal de toda a Igreja”. Cf. BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia*. op. cit., p. 111.

⁷⁷¹ Sobre o significado da palavra *dabar* ver nota 124 no 1º. Capítulo deste trabalho.

⁷⁷² Cf. BOFF, Cl. op. cit., pp. 95-96; 120.

eclesial possui suas referências na Palavra de Deus. “A fé da comunidade não é constituinte, mas constituída pela Revelação. Essa é que é constituinte”⁷⁷³.

“O Povo de Deus é constituído pela Palavra”⁷⁷⁴. A Palavra acolhida e assumida na vida torna-se testemunhal, torna-se fato. Mais do que uma doutrina que é ensinada, o Povo de Deus que acolhe e vive a Palavra torna-se missionário pelo próprio testemunho. Seu testemunho está fundado no querigma não apenas proclamado com a boca, mas professado com a própria vida. É Revelação acontecendo na história através do Povo que responde à sua vocação evangelizadora.

A Igreja local deve responder à identidade crística que a fundamenta e que a impele através de um movimento de profunda integração entre a Revelação e suas dimensões interpretativas. Ao mesmo tempo deve se reconhecer mistagógica, ou seja, parte de uma dinâmica que passa por dentro dela sem jamais se deter neste espaço sócio-histórico. Reconhecendo esta identidade, a Igreja local se estrutura enquanto experiência mistagógica e irradia a comunhão trinitária. Esta identidade espiritual profunda a conduz para uma auto-reflexão, para olhar sobre si mesma, a fim de reorientar suas práticas, integrar a fé e a vida, a catequese e a liturgia, a pessoa e a comunidade, a comunidade e a sociedade. O mistério da Salvação é vivido na história de homens e mulheres que assumem sua vocação batismal e fecundam a sociedade como missionários de seu tempo.

A perspectiva sociológica diria que o local e o global se conectam de tal forma que um influencia o outro dialeticamente⁷⁷⁵. O enraizamento nas fontes, na Tradição, no Magistério eclesial, são vivenciadas no *locus* do cotidiano, no espaço específico. Por outro lado, essa experiência local problematiza e constrói novas circularidades hermenêuticas que, ao sopro do Espírito, renovam a dimensão global e universal da Igreja⁷⁷⁶.

⁷⁷³ Idem, p. 120.

⁷⁷⁴ Idem, p. 111.

⁷⁷⁵ Sobre o tema da articulação e limites entre a realidade local e a global ver GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991, pp. 69ss.

⁷⁷⁶ Segundo os documentos do Concílio Vaticano II, a única Igreja de Cristo existe ‘nas’ e ‘a partir das’ igrejas particulares, especialmente na Eucaristia. (LG 23) As igrejas particulares e a Igreja universal se incluem mutuamente cada uma nas outras. As igrejas particulares não são meras extensões da Igreja universal, compartilham da mesma existência. Sobre o tema da integração dinâmica entre Igreja local e Igreja universal ver artigo da teóloga A. M. Tepedino. *Eclesiologia de comunhão: uma perspectiva*, op. cit.

O fato de trazermos a comunidade como lugar teológico para a mistagogia se articula com a dimensão de reflexividade presente na sociedade atual. A dinâmica de partilha, construção e desconstrução de conceitos, que se desenvolve na ICA suscita a elaboração pessoal de novas sínteses. A escuta sensível das práticas discursivas entre os catecúmenos promove revisão e novas interpretações que vão sendo produzidas a cada encontro. Para que esta dinâmica ocorra, a comunidade deve cultivar a abertura dialógica e estabelecer os vínculos entre as pessoas, seus mundos e significados que carregam⁷⁷⁷. É no bojo desta dinâmica comunitária que se desenvolve a confiança, as partilhas e os processos reflexivos.

Nosso processo de investigação e reflexão a partir de uma comunidade eclesial local caminhou nesta perspectiva. A comunidade local da *Casa de Oração Batismo do Senhor* tornou-se lugar teológico, constituída pela Revelação dinâmica, atual e atualizada da Palavra da qual se fez ouvinte e intérprete.

Na Igreja primitiva, as comunidades locais eram presididas cada uma por um bispo, que se mantinha em comunhão com a Igreja única⁷⁷⁸. Em Cirilo de Jerusalém, não aparece demarcada uma experiência eclesial, mas as ações litúrgico-sacramentais se dão em comunidade eclesial, assim como o acompanhamento dos catecúmenos em processo de Iniciação Cristã. Na mistagogia percebida nas Catequeses de Cirilo de Jerusalém, vimos uma experiência de fé vivida em comunidade, mediada *na* e *pela* comunidade. Cirilo é mediador de um caminho que não principia nele, mas anuncia um projeto salvífico do qual é transmissor, e do qual a comunidade, Povo de Deus, participa. A comunidade eclesial se insere nesta perspectiva. É ela, em seu conjunto, que transmite a Tradição, testemunha a fé e a interpreta. Ela é o espaço hermenêutico vital onde os fiéis, em seus contextos pessoais, sociais e históricos, se inserem na trajetória viva daqueles que receberam, viveram e transmitiram a fé cristã.

Portanto, o caráter comunitário não é ocasional, mas exigência intrínseca à dinâmica salvífica. Na comunidade, a dinâmica da Revelação é vivenciada em sua dupla dimensão, de proposta e de resposta. A comunidade de fé é proposta do Deus trinitário, que se revela incessantemente e dialoga com as respostas pessoais e grupais, que retornam à comunidade, em um processo dinâmico de revisão e de atualização da fé.

⁷⁷⁷ Cf. LASH, S. op. cit., p. 149.

⁷⁷⁸ Cf. TEPEDINO, A. M. op. cit., pp. 185-186.

A experiência da fé cristã, como resposta do mais profundo do ser à proposta de Deus supõe compromisso, entrega e engajamento⁷⁷⁹. A experiência de fé vivida na comunidade suscitará esse movimento intrínseco à dinâmica da Revelação e poderá construir, a partir do olhar para o mundo e para o projeto de Deus, atitudes concretas de missão e testemunho transformador das estruturas desumanizantes e injustas encontradas. Essa é mais uma experiência central na ICA, pois é um grupo inserido no mundo e, como cristãos, tornam-se sal da terra e luz do mundo, assumem o seguimento de Jesus como missão e testemunho transformador.

4.1.7

Fidelidade e continuidade

O dinamismo dialógico entre fidelidade e continuidade tem sua fonte na própria autocomunicação de Deus à humanidade. Este não é um processo aleatório ou abstrato, é um processo marcado pela historicidade do Revelador. As palavras de K. Rahner definem este dinamismo:

Nesta autocomunicação Deus mesmo entra na história em forma espaço-temporal e não é apenas um fundamento transcendental para além da história. (...) Deus se comunica a esta história criatural nos momentos de reflexão da Palavra, no culto, na comunidade, como frutos possíveis e sustentados da graça⁷⁸⁰.

Compreendida como fundamento e como orientação, a mistagogia traz em seu cerne o dinamismo passado-presente-futuro, no que concerne ao anúncio querigmático, sua acolhida, recepção e hermenêutica. Em outras palavras, a Revelação é acontecimento experimentado e interpretado ao longo da história da humanidade, atua no momento presente e aponta para o futuro, num processo de atração de toda a história e toda a Criação para sua origem em Deus.

Esta constatação demarca uma necessária avaliação do conceito de Revelação que fundamenta a práxis pessoal e comunitária. Reconhecer que a Revelação é movimento, é se dar conta de que a realidade que a sustenta é o Deus da Vida, é o Deus que ama e respeita a cada um de seus filhos e filhas em seu processo livre de abertura ao seu próprio Mistério. Este fundamento teológico

⁷⁷⁹ Cf. LIBANIO, J.B. *Eu creio, nós cremos*. op. cit., p. 165.

⁷⁸⁰ RAHNER, K. *Fondamenti della Teologia Pastorale*. Brescia: Herder/Morcelliana. 1969, p.12.

aponta para concebermos a ICA como um processo aberto à experiência e não como algo formal, mediatizado pela tradição interpretativa, o que seria enclausurar a Revelação no tempo e no espaço. A ação de tradicionalizar o passado para o presente como uma repetição mimética, é particularizante, abstrata e distante da realidade o que, conseqüentemente, deixa de ser um caminho mistagógico, para ser apenas um caminho de adesão silenciosa⁷⁸¹.

Os Padres da Igreja são fonte de sabedoria também no que diz respeito a este fundamento teológico. Sua atenção às reflexões de base do Cristianismo e às orientações do Magistério é apresentada como identidade que convida à acolhida e à resposta livre e comprometida dos iniciantes. Em sua dinâmica mistagógica, Cirilo de Jerusalém incorpora este fundamento em muitas de suas mediações. Por exemplo, a linguagem narrativa e alegórica na apresentação da Sagrada Escritura é essencialmente dialógica, convida o ouvinte à acolhida, identificação, apropriação simbólica e, finalmente, à pertença ao processo.

Este pressuposto ressalta duas referências centrais: a liberdade de Deus e a novidade da história⁷⁸². Há uma correlação entre a palavra de Deus e a existência do homem, o Mistério revelado tem pertinência existencial e histórica, e toda a existência está iluminada pela mensagem revelada⁷⁸³. As palavras de R. Haight confirmam este fundamento:

Deus não é apenas transcendente e em outro mundo; Deus está neste mundo, e os símbolos o tornam presente. Pela criação, pela encarnação e pela graça, Deus se faz a própria interioridade das coisas. Por conseguinte, a mistagogia simbólica quer dizer que a transcendência de Deus é também a alteridade de Deus que é imanente. O próprio mundo é mistério pelo fato de Deus encontrar-se em seu cerne⁷⁸⁴.

Na mistagogia não se prescinde da Tradição e do Magistério, não se prescinde da experiência passada e acumulada na história do Povo de Deus. Por exemplo, a profissão de fé e o compromisso pessoal e comunitário estão em aliança contínua. Os símbolos da fé demarcam a identidade cristã e, como tal, devem anunciar e convocar a esta identidade a partir da experiência mistagógica.

⁷⁸¹ Sobre esta interpelação ver QUEIRUGA, A.T. *A Revelação de Deus na realização do homem*. op. cit., p. 100.

⁷⁸² Idem, p. 112.

⁷⁸³ ALBERICH, E. *La catechesi della Chiesa: saggio di catechetica fondamentale*. Leumann: Elledici, 1992, p. 63.

⁷⁸⁴ HAIGHT, R. op. cit., p. 179.

É identidade e, ao mesmo tempo, é diferença, pois cada experiência se apropria desta identidade como sua, como parte, como participação no Mistério de Cristo.

Daí a necessidade do termo ‘continuidade’, a fim de que não se caia numa diferenciação particular, intimista, isolada do processo da Tradição e do Magistério. Este é um processo dialógico e, como tal, deve pressupor uma experiência de penetração na linguagem da Tradição, seguida de uma reflexão orientadora desta experiência, realizada por um mediador entre a Tradição e o momento presente.

Desenvolve-se, assim, um diálogo reflexivo e hermenêutico, um processo de acolhida do mistério, participação e resposta pessoal e também comunitária. Este processo implica uma escuta do passado, com sua exegese e reconstituição histórica, em seus termos e contextos. O passado é acolhido como sabedoria fonte, com verdades a serem preservadas em sua identidade primeira e, com ele, deve se estabelecer um diálogo dentro do contexto contemporâneo, que recrie o processo a partir de sua fonte, em continuidade fiel e criativa⁷⁸⁵.

Deste diálogo surgirão novas sínteses, uma convergência que, ao mesmo tempo, inaugura uma nova compreensão do antigo símbolo. R. Haight afirma que esta perspectiva de continuidade é conservadora do significado original.

A interpretação deve ser fiel, inteligível e potencializadora; fiel aos símbolos da Escritura e à história da doutrina, que são elementos constitutivos da comunidade; inteligível em um horizonte contemporâneo de consciência; e aplicável ao presente e ao futuro imediato da comunidade, de forma a engendrar e a alavancar sua práxis⁷⁸⁶.

Em Cirilo de Jerusalém, observamos que ele apresenta a teologia em sua forma dogmática, mas se mostra atento para que não chegue aos catecúmenos como uma imposição, mas como uma trajetória eclesial, da qual passam a fazer parte, como fiéis e como interlocutores. Nas narrativas bíblicas, Cirilo convida, em primeiro lugar, à escuta da Palavra, e depois ao diálogo com a realidade dos iniciantes. A Tradição da Igreja é transmitida como um tesouro vivo, passado às suas mãos, ao qual são convidados a participar como herança fecunda de suas vidas e de toda a humanidade, numa perspectiva escatológica.

⁷⁸⁵ Sobre este tema conferir HAIGHT, R. op. cit., pp. 191-210.

⁷⁸⁶ Ibid., p. 210.

A Profissão de fé está longe de ser uma transmissão estéril. Cirilo perpassa os artigos do Credo alinhavando todo o caminho da fé cristã e sua herança apostólica. A Profissão de Fé é, antes, uma experiência vivida e assumida comunitariamente. E vai além. Ela não é um código a ser repetido, mas é vida a ser configurada, ou seja, ela não está pronta como realização, mas nos convoca a nos tornarmos, em Cristo, novas criaturas. Sendo assim, Cirilo não apenas transmite uma Tradição a ser respeitada e valorizada, mas também conservada, agregada à prática cristã em cada contexto pessoal, social e histórico.

4.1.8

A mistagogia como experiência místico-sapiencial

Na fé cristã, mística e sabedoria possuem um fundamento comum: Deus que se fez Palavra. Palavra nas experiências do povo hebreu. Palavra que se fez carne e habitou entre nós. Palavra que fecunda a terra e semeia vida nova, que performatiza o mundo, configura os homens e mulheres em Jesus Cristo e plenifica o amor de Deus em toda a Criação.

O caminho mistagógico é caminho místico, por ser abertura ao Mistério de Deus, uma configuração do próprio ser em Jesus Cristo, em um processo de crescimento de uma espiritualidade centrada em Jesus. Nesse mesmo caminho, aberto ao Mistério que se revela na Palavra, em toda a Criação e na História, a mistagogia, a pedagogia divina constrói uma caminho sapiencial ao longo da experiência pessoal. Nesse dinamismo, a espiritualidade mística e a escuta aos sinais da presença de Deus na vida, tornam-se uma única voz ecoando na pessoa humana, orientando-a a discernimentos e escolhas voltadas para o princípio e o fim da história: a realização de tudo em todos em Jesus Cristo⁷⁸⁷.

A tradição teológica identificou três componentes da fé sob a terminologia: *fides quae* (fé como palavra), *fides qua* (fé como experiência) e *fides formata* (a fé prática)⁷⁸⁸. Este primeiro componente - a fé como palavra -, refere-se ao elemento

⁷⁸⁷ Identificamos estes dois termos – mística e sabedoria, com outros dois termos, trabalhados pela teóloga M. C. Bingemer – identidade e caminho. Em seu artigo, refletindo sobre o saber de Jesus, ela conduz à pergunta pela origem do saber. Em Jesus, identidade e caminho de conhecimento possuem o único e mesmo fundamento: a iniciativa e o desejo do próprio Deus se revelar à humanidade. Cf. BINGEMER, M. C. L. Saber, sabor e sabedoria. In: BUARQUE, C. et al. *Fé, política e cultura*. São Paulo: Paulinas, 1992.

⁷⁸⁸ Cf. BOFF, Cl. op. cit., p. 30.

cognitivo da fé, à sua compreensão e elaboração em forma de linguagem. Segundo Lima Vaz, esta é, em primeira instância, uma questão filosófica: a correlação entre verdade e linguagem.

Não temos outro acesso à verdade senão através da linguagem. Esta pode ser experimentada inefavelmente nos estados mais elevados da experiência mística, por exemplo, ou da experiência estética. Mas ela não pode ser comunicada senão através de uma linguagem específica, por exemplo, a linguagem dos místicos, na qual o poder expressivo da linguagem é levado ao extremo das suas possibilidades significantes⁷⁸⁹.

Em um processo mistagógico, estamos diante de infinitas possibilidades de linguagem que nascem da experiência do encontro com Deus, tanto no plano pessoal, como no plano comunitário. A raiz dessa pluralidade de linguagens é, por um lado a própria dinâmica da Revelação e, por outro lado, a estrutura plural da experiência, ou seja, a diversidade de caminhos no diálogo com o mistério de Deus. Em outras palavras, o processo pedagógico da Revelação e sua compreensão pela pessoa humana.

Por exemplo, em Cirilo, o Símbolo dos Apóstolos é ensinado e experimentado como linguagem proveniente das fontes, construída a partir da Revelação e expressada no discernimento teológico das primeiras comunidades cristãs. É um conjunto de verdades da fé que está sendo transmitido, no entanto, Cirilo o apresenta como dinamismo da Revelação experimentada e interpretada pela comunidade apostólica e que, naquele momento, alcança as comunidades cristãs. A recepção da Tradição apostólica e o compromisso assumido fazem parte do processo de Iniciação Cristã. Cirilo apresenta uma experiência do Mistério e conduz seus iniciantes não apenas a uma compreensão cognitiva desta, mas a participarem também eles da mesma experiência de fé.

A fé é palavra, é conteúdo, é linguagem, é hermenêutica. A linguagem de fé se exprime em linguagens próprias, peculiares. A mistagogia compreende estas dimensões em profunda integração, ou seja, a fé-palavra, a fé-experiência e a fé-prática, caminham juntas, em diálogo incessante no qual um momento fecunda o outro no dinamismo pessoal, comunitário, histórico e escatológico. “A *fides quae* da comunidade se mede pela *fides quae* e nela se funda”⁷⁹⁰.

⁷⁸⁹ LIMA VAZ, H. C. Unidade e diferença: linguagem e verdade na ciência. In *Fé e Ciência: duas linguagens para uma verdade*. Rio de Janeiro: Cadernos Magis, n.º. 18, 1995, p. 3.

⁷⁹⁰ Cf. BOFF, Cl. op. cit., p. 119.

A mistagogia é experiência que brota da espiritualidade orante, integrada à liturgia e à hermenêutica da comunidade⁷⁹¹. A mistagogia nasce na espiritualidade, no encontro experiencial e vivencial com o Senhor que fala na vida pessoal e comunitária. Lina Boff reflete sobre a centralidade do encontro com Jesus como experiência pessoal e missionária.

O núcleo da mistagogia é uma espiritualidade cristocêntrica, é o encontro pessoal com Jesus Cristo. O que caracteriza este encontro é o acolhimento de Cristo na própria existência; a penetração profunda no seu mistério; e a identificação íntima com sua pessoa. Quanto mais esta experiência estiver fundada sobre o encontro profundo com Cristo, tanto mais será constante a profissão de fé em Cristo e vontade livre e decidida de viver plenamente neste sentido⁷⁹².

Como vimos em seus eixos norteadores, Cirilo compreende a mistagogia como participação litúrgica e vivencial no mistério de Cristo. A liturgia e a teologia narrativa tornam-se elementos teológicos que constituem essa experiência.

Na liturgia, a comunidade experimenta a integração dos vários elementos que a conduzirão ao mergulho no Mistério pascal. Mistério que configura a vida humana, a comunidade, a história. A totalidade da pessoa é experiência viva de sacramentalidade⁷⁹³, conduz à espiritualidade radical, no sentido de ir até as raízes de seu ser, das razões de seu existir e de suas finalidades históricas e meta-históricas. A liturgia coloca em movimento o ser humano integral e o corpo-comunitário que a realiza, abrindo-se ao Mistério que a todos envolve. É experiência do absoluto, experiência mística, que configura pessoa e comunidade na sabedoria da Revelação, sempre dinâmica e processual.

A experiência mistagógica é caminho místico-sapiencial por ser integradora de todas essas dimensões, respeitando o nascedouro da fé e seu diálogo fecundo com a vida concreta. É a Revelação viva, experimentada na comunidade e que vai além dos seus próprios limites. A voz que convida a caminhar é a voz de Deus, acolhida na comunidade ouvinte e intérprete da

⁷⁹¹ Enraizada na Palavra e na Liturgia, a experiência de fé assume uma clara função mistagógica. Palavra e Liturgia unidas ganham a força que fecunda a vida no Espírito, e configuram no fiel o seguimento de Jesus. Cf. BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia*. op. cit., pp. 85-86.

⁷⁹² Ibid, p. 114.

⁷⁹³ Na liturgia, a concepção antropológica é de unidade - o corpo, o coração e o espírito não são elementos separados, assim como as relações fundamentais da pessoa - consigo, com os outros, com o mundo e com Deus. Desse modo a totalidade do homem é percebida e experimentada. Cf. LAFONT, G. A experiência espiritual e o corpo. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p 11.

Palavra, capaz de abrir-se aos convites de Deus, a discernir e converter sua prática existencial e histórica.

A dimensão místico-sapiencial da mistagogia jamais é, portanto, um fenômeno isolado. Ela nasce e se propaga na comunidade eclesial, renovada por uma integração vital, no seio da tradição que se faz experiência. “A comunidade é o ambiente no qual a experiência nasce, e esta mesma revivifica continuamente a mesma comunidade, até o dia em que, como diz São Paulo, *“cheguemos todos juntos à unidade na fé e no conhecimento do Filho de Deus, ao estado de adultos, à estatura de Cristo em sua plenitude”*. (Ef 4,13)

4.1.9

A constituição prática da Revelação – o seguimento de Jesus

O seguimento de Jesus é a consequência prática do anúncio fundamental da fé cristã. O anúncio querigmático não consiste em um encontro intimista com o Deus Trinitário, mas um encontro que configura o homem e a mulher em pessoas novas, filhos e filhas de Deus, configurados em Jesus Cristo. A experiência de encontro com Jesus Cristo é uma conversão existencial na direção do seu seguimento. É a dimensão praxica⁷⁹⁴ da fé, ou seja, a Revelação que chega ao seu termo, ao compromisso pessoal e comunitário, ao projeto de Deus para todos os seus filhos e filhas. “A prática é o momento ativo da fé, a qual se particulariza nas práticas: ética, interpessoal, ético-política, social, pastoral e assim por diante”⁷⁹⁵. Ela não é, portanto, uma dimensão a mais, e sim a razão mesma de ser do crente. O seguimento de Jesus é consequência da própria aceitação do chamado. O chamado ao discipulado e o testemunho prático estão integrados⁷⁹⁶.

Em seu processo de iniciação, Cirilo não deixa de lado a integração entre fé e vida que se expressa em gestos, em mudança de vida, em conversão, em atitudes éticas. Responsabilidade e compromisso são respostas efetivas à dinâmica da qual o iniciante toma consciência e adere na liberdade. Sendo assim, na ICA a

⁷⁹⁴ O termo ‘praxis’ é aqui utilizado na compreensão trazida por Clodovis Boff, enquanto dimensão ético-política da fé. Fé articulada com a teoria, com a reflexão e hermenêutica diante da Palavra de Deus e das situações históricas concretas. Fé entendida como compromisso social diante dos problemas sociais que vivemos e percebemos hoje na sociedade contemporânea, especialmente na América Latina. Cf. BOFF, Cl. op. cit., p. 157.

⁷⁹⁵ Ibid.

⁷⁹⁶ Cf. BOFF, Lina. *Espírito e Missão na obra de Lucas-Atos. Para uma teologia do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1996, pp. 41-48.

comunidade deve estar atenta aos sinais dos tempos e às respostas necessárias a situações existenciais, sociais, que envolvem o processo de toda a Criação em sua direção histórico-escatológica.

O caminho mistagógico é experiência na liberdade e na integralidade da pessoa humana. Cirilo afirma o primado da Graça, a iniciativa de Deus que nos salva, e a sua misericórdia e pedagogia acolhendo as respostas pessoais que se expressam em palavras, gestos, em co-responsabilidade com a Tradição recebida, em participação na Igreja de Jesus Cristo, Povo de Deus a caminho.

Segundo a análise do liturgista L. F. Santana, “para Cirilo de Jerusalém, o dom do Espírito confere ao fiel uma fé que o conduz à salvação; graças a ela podemos orar ao Espírito para que sejamos revestidos da força do alto e, assim, tudo se renova naquele que recebeu a vida nova do batismo”⁷⁹⁷. É neste sentido que, na experiência mistagógica, a Palavra de Deus e os sacramentos, são fonte e origem do agir cristão. Não podem ser reduzidas ao conhecimento intelectual, a um ritual vazio de sentido, ou suportes adicionais à vida cristã, mas são fontes das quais brota o compromisso ético e a coerência com o projeto salvífico. É a relação intrínseca com o Mistério de Cristo que corrobora a práxis histórica no Senhor⁷⁹⁸. A experiência mistagógica cristã é a experiência de um Deus encarnado, de um Deus que age e trabalha no mundo. Na mistagogia, esse Deus experimentado em seu Mistério, se torna mola propulsora da práxis humana, que se revela no amor aos irmãos e irmãs.

A mistagogia, em sua proposta de profunda integração entre fé e vida, conduz a comunidade local à *fides formata* sempre em diálogo com a Palavra que a constitui e inspira em suas respostas práxicas. Enquanto atitude totalizante, a experiência de fé tende a englobar toda a existência, a inspirar os atos pessoais e comunitários. As atitudes possuem um eixo referencial de fundo, que orienta o discernimento e as escolhas. Nessa busca de totalidade, a experiência de fé propõe, a cada nova situação, a nova configuração humanizante, ou seja, uma resposta práxica.

Após o Concílio Vaticano II não é mais possível deixar de lado o diálogo da Igreja com a realidade, ele convida a uma retomada da própria razão de ser da Igreja, sacramento de Jesus Cristo no mundo, que deve “perscrutar os sinais dos

⁷⁹⁷ SANTANA, L. F. R. *Batizados no Espírito*. op. cit., p. 41.

⁷⁹⁸ Cf. TABORDA, F. op. cit., p. 20.

tempos e interpretá-los à luz do Evangelho”⁷⁹⁹. O Concílio aponta para uma metodologia que favoreça à integração fé e vida nas comunidades locais.

Sem a atitude prática, como podemos conhecer a Deus? As cartas joaninas são teologia, que explicita esse vínculo imprescindível entre crer e amar⁸⁰⁰. O que é especificamente cristão é a possibilidade de viver no amor de Deus, de se unir em comunhão nele e por meio de Jesus Cristo. A prática do amor torna-se fonte de conhecimento, caminho do seguimento de Jesus.

A Palavra de Deus convida e informa a práxis e esta, informa a comunidade que, em sua dinâmica de revisão e discernimento, retoma as fontes da Revelação como inspiradoras das novas práticas. Esta circularidade interpretativa é diálogo com a vida, com situações concretas, com relações inter-pessoais. Neste sentido, a práxis tem status epistemológico, ou seja, ela mesma é fonte de discernimento, acena aos ‘sinais dos tempos’ e ao campo de missão cristã. A Revelação divina passa pelas mediações existenciais e históricas.

Para tanto a comunidade deve fazer-se sensível e presente na realidade histórica. Cl. Boff aponta para a práxis como princípio interpelador e verificador⁸⁰¹. A comunidade reunida pela Palavra que a convoca e envia passa a desenvolver, através da hermenêutica da práxis, uma nova circularidade interpretativa. Esta reúne as ações pessoais e grupais, em seu ir e vir, acertos e novos desafios. A comunidade partilha seu processo de seguimento de Jesus, os dilemas, elaborações e significados. É comunidade de partilha, de construção dinâmica do seguimento de Jesus. É eclesiologia de comunhão onde cada membro da comunidade é mediador entre a fé e a práxis, estabelecendo uma dinâmica de construção e reconstrução.

Deste modo a vida de pessoas e de Comunidades exemplares constitui um verdadeiro *locus theologicus*, ainda que de segunda ordem em relação à Palavra. Tal ‘lugar’ instrui a teologia sobre aspectos do Mistério da Salvação, que por certo se realizou uma vez por todas, mas que perpetuamente se renova ao longo da história⁸⁰².

⁷⁹⁹ GS 4,1; ainda sobre este tema ver GS 1,1; 11,1; 44,3; AG 12,3-4; CL 15,37; EN 29; RM 62,118; SC 91.

⁸⁰⁰ Cf. 1Jo 3,16-18; 1Jo 4,7-8.

⁸⁰¹ Cf. BOFF, Cl. op. cit., p. 159.

⁸⁰² BOFF, Cl. op. cit., pp. 162-163.

É neste sentido, que compreendemos que a fé-prática não é de forma alguma um princípio passivo sobre o qual podemos ‘projetar’ ou ‘aplicar’ os valores evangélicos, mas é princípio ativo, ação dialógica entre Deus e o homem. É *locus theologicus* a ser explicitado, é vida que solicita a leitura teológica a serviço da fé.

Os pressupostos teológicos que trouxemos nesta etapa são como um tecido único, para o qual não podemos prescindir de um ou outro fundamento, sob pena de comprometer a razão de ser da mistagogia. Contudo, nos colocamos sempre como aprendizes, como iniciantes neste caminho mistagógico junto às comunidades eclesiais locais. É importante que, em cada experiência local, estejamos atentos a um diagnóstico da identidade da ICA, de seu embasamento teológico e pastoral, antes mesmo de desenvolvermos um planejamento do caminho Catecumenal com Adultos. Será a partir de uma avaliação madura e comunitária que os participantes do processo de ICA poderão encontrar os próprios caminhos para o desenvolvimento de uma dinâmica mistagógica.

4.2

A Iniciação Cristã de Adultos como itinerário mistagógico

No que diz respeito à identidade da Iniciação Cristã acreditamos que o termo ‘itinerário’ está mais de acordo com a compreensão de caminho progressivo, de caminho catecumenal. A ideia de caminho, de itinerário, fecunda a mistagogia e favorece uma nova sensibilidade pastoral. O processo de ICA dos primeiros séculos expressa a originalidade e a sabedoria presentes nesta tarefa missionária da Igreja. Ele mesmo nos convida a acolhermos esta herança patrística e, em condições novas, reencontrar os caminhos para que a mesma proposta da Mistagogia possa ser resgatada em chave contemporânea.

Nosso foco, na mistagogia evidenciada nas *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém, foi fundamental para sondarmos o manancial teológico subjacente nesta obra e identificarmos princípios para a práxis da mistagogia. A questão que se coloca neste momento é, se esses princípios estruturais ainda continuam sendo válidos para a ICA hoje. Não queremos transferir os elementos do tempo de Cirilo para o nosso tempo, como uma receita catequética, mas

descobrir neles sua base teológica e metodológica a fim de estabelecermos um diálogo entre a mistagogia ciriliana e a mistagogia hoje.

Em primeiro lugar, é importante demarcarmos que quando tratamos da Iniciação Cristã e da Mistagogia não estamos falando de duas realidades distintas, mas de um mesmo processo: uma experiência de caminho espiritual que encontra seu fundamento na Revelação, na iniciativa de Deus e na caminhada da Igreja, sinal e sacramento de Jesus no mundo.

Além dos fundamentos teológicos que constroem a base para o processo mistagógico, a mistagogia necessita contar com uma estrutura que a oportunize. Enfim, para que se construa este processo, não são suficientes os pressupostos, mas também um conjunto de princípios que se articulam e se integram mutuamente.

Para identificarmos os princípios capazes de construir uma metodologia mistagógica na ICA hoje, dialogamos mais uma vez com a mistagogia de Cirilo e a mistagogia observada na comunidade local da *Casa de Oração Batismo do Senhor*. Vale recordar que nossa observação e análise teológica têm como embasamento os documentos da Igreja e reflexões teológicas contemporâneas sobre o Catecumenato com Adultos. Elencamos a seguir os princípios sugeridos para estruturarem a ICA como um caminho mistagógico.

1. *A linguagem mediadora e a construção de conceitos*
2. *A experiência de comunidade*
3. *A teologia narrativa*
4. *A pertença eclesial*
5. *A espiritualidade orante*
6. *Consciência do mal*
7. *A profissão de fé*
8. *Atitude contemplativa*

A seguir, explicitaremos brevemente cada um destes princípios. Lembramos que eles não estão organizados em uma ordem de prioridade ou hierarquia, mas que formam um conjunto que, ao longo do itinerário catecumenal, configuram a experiência mistagógica.

4.2.1

A linguagem mediadora e a construção de conceitos

Numa impressão inicial, o tema da linguagem parece tratar do discurso oral, da habilidade do mistagogo enquanto orador, todavia, não nos referimos apenas a esta forma de expressão, mas avançamos para uma perspectiva mais abrangente, que abarque as linguagens humanas que se tornam mediadoras nos processos de comunicação: oral, escrita, gestual, imagens, sinais, danças, músicas, símbolos, pessoas, meios de comunicação, tecnologias modernas.

A apresentação temática através da linguagem verbal, na qual a matéria prima reside na inteligência dos conteúdos, não pode ser mais a única ação na ICA. Estamos diante de uma nova cultura, na qual a imagem, a plasticidade, a emoção, a representatividade, ocupam lugar decisivo no mundo da interpretação e do significado⁸⁰³.

Para que a linguagem seja mediadora, deve ser decodificada e interpretada. Se não estamos falando de uma transmissão doutrinária, a adequação da linguagem pode ser via de acesso à experiência de encontro com Deus ou um dificultador. Para que seja uma via de acesso não deve ser imposta, transmitida como um depósito a ser absorvido, mas deve estar em profunda sintonia com os iniciantes.

Em Cirilo, uma das marcas de seu discurso é a simplicidade. Ele não usa um vocabulário que crie um distanciamento entre a mensagem e os neófitos. Ao contrário, além da simplicidade nas palavras, Cirilo de Jerusalém busca uma aproximação com os iniciantes através de exemplos práticos, presentes em seu cotidiano. Para tanto, Cirilo conhecia a realidade sócio-cultural de cada catecúmeno, tanto na diversidade das origens culturais, como quanto ao contexto social e econômico na qual estavam inseridos, em Jerusalém.

Vale ressaltar, que esta sintonia de Cirilo com os neófitos, não significou uma perda de seu eixo teológico, ao contrário, conduz os ouvintes para dentro do Mistério experimentado. Cirilo aprofunda cada passo, de forma que suas palavras, exemplos, metáforas, narrativas bíblicas, encontrem eco na experiência vivida por cada um. Ele concebe a pessoa humana em sua integralidade: corpo, espírito, emoção, inteligência, estão articulados em suas Catequeses. Em decorrência, a mistagogia de Cirilo não se torna dualista, intimista ou subjetiva, mas interpela a

⁸⁰³ Cf. LIBANIO, J. B. op. cit., p. 50.

pessoa inteira e a remete à revisão existencial e busca de coerência com o caminho que começa a seguir. Nas palavras de Araújo: Em suas Catequeses, Cirilo tinha a pretensão de levar os catecúmenos ao envolvimento total e íntegro de si mesmo e de sua realidade histórico político sciocultural com o mistério pascal de Cristo (...) ⁸⁰⁴.

Outro ponto interessante é sua habilidade de reunir pequenos detalhes e dados catequéticos anteriores, num passo a passo sistemático, a fim de que os iniciantes construam seus conceitos a respeito das razões e dos fundamentos da fé cristã.

Por meio da linguagem da Sagrada Escritura e da Liturgia, estão presentes na Iniciação Cristã mediações muito significativas como: a metáfora, o símbolo, o ritual, o mito. Elas tocam não apenas a inteligência, as concepções e a capacidade de interpretar do ser humano, mas também convocam à ação, à mudança de vida e atingem o íntimo da pessoa.

Viajando no tempo até a comunidade local, observamos que o catequista da Casa de Oração, tendo como pressuposto de seu agir catequético o primado da iniciativa divina na Revelação, zela pela atenção e pela sensibilidade de um pastor que acompanha cada iniciante e conduz pacientemente e pedagogicamente a construção conceitual e a conversão existencial.

A atitude mistagógica já é inspiradora de uma metodologia adequada, mas não deve contar com a casualidade, mas desenvolver um planejamento atento ao processo que está sendo implementado, em busca de mediações pertinentes, para que as linguagens sejam caminhos de experiência. Ao falarmos de instrumentos devemos compreender que são limitados, apontam para o inefável que passa por eles, mas que também os supera e, por isso mesmo, são passíveis de revisões, adaptações e mudanças ⁸⁰⁵. Atenção, humildade, avaliação participativa, acompanhamento pessoal e comunitária são significativos no agir mistagógico.

4.2.2

A experiência de comunidade

⁸⁰⁴ ARAÚJO, J. M. op. cit., 788.

⁸⁰⁵ Cf. GIGUÉRE, P. op. cit., p. 189.

O tema da comunidade eclesial já foi largamente apresentado ao longo deste trabalho. Reforçamos, para fins de sistematização, o vínculo imprescindível entre caminho catecumenal e comunidade. A comunidade eclesial é uma comunidade de iniciados e de iniciantes, sempre na dinâmica de abertura progressiva à Revelação de Deus. É na comunidade que se dá o processo de Iniciação. Ela é acolhedora, mediadora, lugar privilegiado de experiência mistagógica. É na comunidade eclesial que a Liturgia é celebrada, mistagogia viva, Mistério pascal experimentado por todos e por cada um.

Nas *Catequese Mistagógicas*, Cirilo de Jerusalém está em um espaço eclesial, é pastor da comunidade local. A ecclesiolgia subjacente às Catequese remete à compreensão de seguimento de Jesus no tempo e na história, de pertença ao Povo de Deus, de fidelidade e continuidade à herança apostólica, de Igreja a caminho.

Na pequena comunidade contemporânea da *Casa de Oração*, o acento à comunhão fraterna e às celebrações litúrgicas demarcou muitas práticas discursivas dos participantes do Catecumenato. É uma experiência fundamental em tempos de perda dos laços comunitários. Os encontros do Catecumenato tornaram-se sede de relações estáveis, diante da fragmentação e da provisoriedade tão frequentes em nossa sociedade. Na sociedade atual, vem crescendo o papel das comunidades interpretativas, de abertura dialógica, de respeito às diferenças, as relações baseadas em vínculos interpessoais sólidos e duradouros e não apenas funcionais⁸⁰⁶. É uma reação à crise de uma modernidade de cunho individualista e imediatista que atingiu os sistemas globais de sentido e a perda das estruturas imaginárias de continuidade, ligadas à estabilidade da pertença familiar, local, cultural e histórica⁸⁰⁷.

A mistagogia aponta para este elemento como indispensável na Iniciação Cristã de Adultos⁸⁰⁸. A comunidade eclesial possibilita não apenas o

⁸⁰⁶ Sobre esta questão ver LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade*. São Paulo: Loyola, 2001, pp. 157-164. No capítulo 1 deste trabalho trouxemos sinteticamente o pensamento de filósofos e sociólogos contemporâneos que avaliam o papel das comunidades interpretativas na sociedade atual, como J. Habermas, J. Derrida, J. Lyotard, Z. Bauman, U. Beck, A. Giddens, S. Lash.

⁸⁰⁷ Cf. VELASCO, J. M. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, op. cit., p. 42.

⁸⁰⁸ No documento da CNBB, que reúne subsídios para a Iniciação Cristã de Adultos, o teólogo e comunicador D. Nandi, trabalha a dimensão da intersubjetividade como um fenômeno particular no Catecumenato com Adultos, respondendo à demanda da construção da subjetividade moderna em uma perspectiva dialógica. Vale a pena consultar seu excelente artigo. NANDI, D. *Catequese com adultos e performance comunicativa*. In: *Segunda Semana Brasileira de Catequese*. op. cit., pp. 417-442.

estabelecimento de vínculos afetivos e de amadurecimento no diálogo, mas também a interpretação das situações à luz da Palavra, as vivências celebrativas e sacramentais, o alimento e o dinamismo da fé⁸⁰⁹.

Se hoje muitos não encontram a comunidade de vida cristã que lhes oportuniza uma experiência de fé mistagógica, onde se dê um conhecimento mais profundo do Mistério, juntamente com um autêntico conhecimento mútuo e laços de fraternidade concretos, é urgente uma revisão da caminhada de nossas comunidades e o resgate desse processo fundamental. As comunidades eclesiais são chamadas a ser contextos vitais, pois sua vocação é fazer a experiência concreta do amor que lhes é revelado e, assim, transformar as condições de vida em direção a um mundo mais humano e à espera do advento do Reino definitivo⁸¹⁰. A reflexão de J. M. Velasco remete à experiência mistagógica fecundada na comunidade cristã: “uma comunidade crente pode, com os relatos fundantes de sua fé, com sua forma alegre e esperançosa de viver, com a manifestação do amor que inspira sua vida, ajudar a dar nome e, dessa forma, identificar a Presença até esse momento apenas pressentida por essas pessoas”⁸¹¹.

Dessa forma, retornamos ao tema do testemunho que se torna anúncio da Boa Nova no mundo. A comunidade de vida testemunha ao mundo o amor fraterno, as obras de serviço, a capacidade de aceitar e dialogar nas diferenças, o crescimento na alteridade, os sinais da presença de Deus e de Seu amor que movem ao seguimento de Jesus Cristo⁸¹².

4.2.3

A teologia narrativa

Esta é uma chave importante para a experiência mistagógica. A Palavra de Deus é a matriz, a fonte vital da Revelação. A experiência da Revelação que se fez linguagem. Na mistagogia, o caminho de Iniciação à Palavra é o da narrativa. É narrativa de uma experiência, que conduz o ouvinte a, também ele, participar e fazer a sua experiência diante da Palavra de Deus. A narrativa tem características relevantes não apenas para a mistagogia dos primeiros tempos, mas também para

⁸⁰⁹ Cf. LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. op. cit., pp. 307-308.

⁸¹⁰ Cf. PAGOLA, J. A. *Acción pastoral para una nueva evangelización*. Santander: Sal Terrae, 1991, pp. 52-53.

⁸¹¹ VELASCO, J. M. op. cit., pp. 105-106.

⁸¹² DGAE. 2003-2006. n. 121-122.

a interlocução com os tempos pós-modernos: ela não impõe, mas propõe; ela não argumenta, mas conta uma história; ela é livre e convida à liberdade; ela é composta de imagens, símbolos, é viva; ela é contextualizada e remete ao contexto presente; ela é presente e futuro, narrativa e metanarrativa⁸¹³.

A Palavra de Deus é narrativa que revela o sentido escatológico de todas as outras narrativas, seu eixo central é também seu princípio e fim, é o sentido da história, o amor de Deus revelado na Criação que atrai toda a Criação à plenitude⁸¹⁴.

Entre os Padres da Igreja, a Sagrada Escritura é apresentada em forma narrativa. Cirilo se insere neste caminho teológico e catequético no processo de ICA de sua comunidade. É um método que constrói a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento, assim como as noções de eleição, de aliança, de pertença ao Povo de Deus, de missão e testemunho no mundo. Além disso, ele gera as atitudes de atenção, de contemplação, de intimidade com a Palavra de Deus. É Palavra para cada pessoa e para todos os tempos. Seu endereço é o coração de cada ser humano.

Outro fator importante para esta escolha metodológica é que, na medida em que convida à atenção e escuta, ela provoca a acolhida e a interpretação. Na comunidade, esta dinâmica fecunda a circularidade hermenêutica e uma mística fundada na fonte da Revelação.

No grupo de catecumenato da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, fonte de nossa pesquisa de campo, a História da Salvação foi trabalhada, muitas vezes, de forma narrativa. Na verdade, o catequista não possuía uma formação teológica a ponto de fazer esta escolha enquanto um método mistagógico, mas, como já vimos anteriormente, esta é mais uma forma que ele encontrava de criar proximidade, intimidade, familiaridade entre cada catecúmeno e a Palavra de Deus. Através das narrativas bíblicas, o catequista provocava cada iniciante à escuta atenta e sensível às mensagens e aos convites de Deus presentes em sua Palavra viva.

Muitas comunidades eclesiais atuais experimentam uma dinâmica orante e contemplativa diante da Palavra, através da prática da Leitura Orante, dos

⁸¹³ Sobre o papel da narrativa, vale a pena ler o trabalho capital do filósofo BENJAMIM, W. *O Narrador*. In: *Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

⁸¹⁴ Cf. BOFF, Cl. op. cit., p. 116.

Círculos Bíblicos, das Celebrações da Palavra e Eucarísticas. Esta centralidade é garantia de que a fonte de sabedoria esteja no primado de Deus e em sua pedagogia amorosa e misericordiosa junto aos seus filhos e filhas.

4.2.4

A pertença eclesial

Para que esta dimensão esteja presente no Catecumenato com Adultos, em primeiro lugar, é importante que esteja claro que o caminho catecumenal é parte fundamental dentro de uma trajetória mais ampla, histórica e dinâmica, que é a própria caminhada da Igreja, Povo de Deus. Esta ideia evita uma perspectiva apenas local e subjetiva do processo catecumenal e remete à caminhada eclesial como origem, princípio e inserção de todos os irmãos e irmãs na mesma fé. Enfim, a ICA é um itinerário no qual se configura uma identidade e uma pertença. É uma experiência que se dá em comunidade, como já vimos anteriormente.

O documento do Magistério que orienta este processo, o RICA, concebe o caminho catecumenal na perspectiva eclesial. Seu eixo é mistagógico e as ações litúrgicas que orientam o caminho catecumenal ocorrem na trajetória do ano Litúrgico, em unidade com a grande família dos filhos e filhas de Deus.

Em Cirilo de Jerusalém, ressaltamos uma chave de leitura eclesiológica ao longo do processo catecumenal. É a partir da centralidade no mistério Pascal que Cirilo desenvolve suas Catequeses, sempre em ambiente e perspectiva eclesial, inserindo cada iniciante no caminho que o antecede e que vai além dele mesmo; suscitando a consciência de pertença ao Povo e da responsabilidade proveniente desta. Ou seja, a pertença eclesial é um convite e uma vocação, é envio e testemunho no mundo.

No caminho catecumenal da *Casa de Oração*, o catequista procurou gestar todo o processo na perspectiva eclesial. Para isso, observamos que: sensibilizou e motivou a participação nas celebrações litúrgicas da comunidade; trabalhou a História da Salvação em sua dimensão eclesial e escatológica; motivou a participação do pequeno grupo nas atividades celebrativas da diocese de Caxias e da Igreja do Brasil.

O espírito que funda e enraíza a pertença eclesial é o Mistério Pascal. Portanto, vemos que não se dá uma pertença de cunho apenas social, afetivo,

celebrativo, ou como uma tarefa do catecumenato a ser cumprida, mas o que constrói o sentido de pertença é o encontro com o próprio Cristo.

Estabelecendo um diálogo entre estas duas experiências mistagógicas, observamos que este elemento – a pertença eclesial – deve não apenas estar presente na ICA mas, a partir dele, o catequista-mistagogo deve ter sensibilidade e criatividade pedagógica para construir esta identidade como experiência de comunhão e unidade. Acreditamos que, ao desenvolvermos este elemento numa linha mistagógica, a identidade crística será radicada como identidade de um Povo, a Igreja percebida como família em comum+unidade e, a humanidade, percebida como grande família dos filhos e filhas de Deus.

Em tempos de dificuldade com a alteridade, com as diferenças culturais, religiosas, sociais, a construção deste vínculo entre identidade-pertença-comunidade, vem responder e auxiliar na educação do potencial dialógico da pessoa e da Criação. Potencial este que vem sendo abafado pelo individualismo, pela visão do ‘outro’ como ameaça, pelo foco na produtividade e na eficácia.

4.2.5

A espiritualidade orante

A espiritualidade orante remonta aos fundamentos teológicos da mistagogia: a dinâmica da Revelação e da Fé, a pessoa humana e a experiência, o lugar teológico da comunidade, a experiência místico-sapiencial e a constituição prática da Revelação. Tendo por base estes fundamentos, a construção de uma experiência de espiritualidade orante vem como decorrência. As palavras de R. Haight explicitam esse fundamento:

O objeto da fé é transcendente, e não um dado do conhecimento humano, deve ser *dado* a uma pessoa; deve ser revelado. Ao objeto da fé não se chega nem por esforço humano, nem por investigação, nem por inferência conclusiva. É experienciado como ‘dado ao sujeito’ a partir de ‘cima’. É por essa razão mais profunda que a teologia cristã da fé fala sempre da fé como efeito da graça, como obra da revelação, como dom de Deus na qualidade de Espírito⁸¹⁵.

Retomando as *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém, nos deparamos com sua atitude orante, enquanto pastor e catequista e em suas

⁸¹⁵ HAIGHT, R. op. cit., p. 43.

orientações e exortações. Cirilo conduz os fiéis nos caminhos do Mistério educando para a entrega e a confiança da pessoa inteira, de sua existência, ao amor de Deus. A Catequese na qual este processo se torna mais visível é seu percurso pela oração do Pai Nosso⁸¹⁶.

Além da relação pessoal de comunicação e encontro com Deus através da experiência da Liturgia e da oração, Cirilo estabelece a relação entre pessoa e comunidade também neste aspecto. A oração tem caráter pessoal, comunitário e eclesial. O Mistério revelado atinge a todos os homens, e convoca a todos na direção da salvação. Ele incentiva a solidariedade e a comunhão pela via da oração, e uma comunhão entre céu e terra, entre vivos e falecidos. A oração vivida na comunhão fraterna é um elemento próprio da experiência cristã, e aponta para a dimensão dialógica e comunitária da Revelação⁸¹⁷.

Uma espiritualidade orante, e por isso mesmo, mistagógica consiste na descoberta de um eixo central, já presente na profundidade da pessoa humana que, aberta à dinâmica do Espírito de Deus, inicia um processo de escuta atenta, de comunicação, de discernimento e reorientações existenciais nessa nova direção.

Assim sendo, o mistagogo deve conduzir o processo de forma a ir construindo nos iniciantes um caminho de espiritualidade orante, no qual, a cada passo, a pessoa vá se dando conta do Mistério que a habita e a convida à plenitude. Pouco a pouco, a pessoa vai entrando em uma dinâmica na qual ela se torna sensível aos sinais de Deus e obediente⁸¹⁸. A relação com Deus vai se tornando mais confiante e a entrega da vida, também mais radical. “O homem espiritual não sabe com certeza onde o Espírito o colherá, nem para onde o levará; mas deve procurar saber onde esperá-lo, onde espreitar sua passagem dentro do hoje da convivência humana”⁸¹⁹.

No grupo de catecumenato da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, a experiência da oração na Liturgia e na Leitura Orante da Bíblia foi construída ao longo do processo, contudo, uma experiência em particular nos chamou a atenção ao integrar a fé e a vida: o encontro com Jesus no rosto dos sofredores. É uma

⁸¹⁶ Cf. CM V, 11-18.

⁸¹⁷ Cf. CM II, 7-8; III, 7; V 4.11-18.23.

⁸¹⁸ O termo obediente vem do latim *ob + audire*, ouvir atentamente, indica uma escuta que é acolhida pela pessoa. No que concerne à fé cristã é o escutar a Deus com a máxima atenção, seu apelo, no compromisso de aderir livremente ao seu convite. Cf. CIC 144.

⁸¹⁹ RIZZI, A. O homem espiritual, hoje. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 150.

experiência proveniente do catequista, de sua compreensão de seguimento de Jesus e sensibilidade com os sofredores. Esta foi uma experiência marcante na vida dos participantes deste Catecumenato e construiu de uma forma profunda e original o encontro com Jesus.

A espiritualidade orante é também um elemento fundamental para que não se caia em uma percepção dualista da fé, criando dois mundos, um mundo espiritual interior, e outro mundo, a existência real. Nesta dinâmica, oração e práxis estão integrados, uma reenviando à outra, dialogicamente. Não se trata de uma experiência intimista, mas, ao contrário, uma fé integrada à vida, que abarca a história, valoriza em Deus as coisas, as pessoas, os acontecimentos.

Em nossa sociedade, até mesmo a religiosidade e a oração foram influenciadas por uma ótica individualista, liberal e hedonista. A religião também foi reduzida à esfera do privado, à lógica da produtividade, da eficiência que passa pela história concreta. Na ICA estão reunidas pessoas que vivem neste contexto e que, muitas vezes, trazem experiências religiosas vividas desta forma. Para que a experiência de oração não seja abarcada por essas influências não relacionais e fragmentadas, o caminho mistagógico deve ser muito bem orientado. Os caminhos da Liturgia, da comunicação simbólica, da leitura orante da Palavra, da oração integrada com a vida, da oração vivida em comunidade de partilha, ajudam a configurar uma experiência de diálogo com o Transcendente.

Também não se trata de uma espiritualidade alienante ou ingênua, que não comporte as situações limite da vida, os momentos de dor, de incompreensão, de sofrimento. A mistagogia faz com que a pessoa perceba as experiências limite como contingentes, justamente porque se dá conta de sua vocação infinita, mas vai além, se sabe abraçada pela Graça de Deus, sabe que toda a história tem um fim nesse amor infinito, que ultrapassa todo o sofrimento e morte. Na reflexão de J. Bacik, na mistagogia “experimentamos uma espécie de choque ontológico ao nos depararmos com limites e contingências, mas também com a experiência extática através da qual ultrapassamos todos os limites intencionalmente”⁸²⁰.

A mistagogia não é uma experiência entre outras. É a experiência de encontro com o Mistério que já habita em nós e que é a razão mesma de nosso existir, é o “fator de unificação essencial a toda experiência humana”. Os frutos de

⁸²⁰ BACIK, J. J. op. cit., p. 28.

uma espiritualidade orante são os frutos da experiência da Graça de Deus: alegria indescritível, amor incondicional, obediência da consciência incondicional, experiência de comunhão com o universo, experiência de vulnerabilidade da própria existência humana e de nosso próprio controle, confiança no amor maior de Deus em todas as situações. Conduzem à maturidade humana diante dos relacionamentos e situações limite, como: enfrentar a morte, suportar a responsabilidade da liberdade, o sentido radical de alegria e de esperança, experimentar o amor gratuito, suportar sem queixas descontentamentos e frustrações, ser fiel à consciência, dar sem esperar receber⁸²¹.

A espiritualidade orante é central no caminho catecumenal. É “desde a oração que o Divino se faz presença dialogante”⁸²². É um relacionamento amoroso com o Deus da vida, na confiança e na misericórdia. A mistagogia carrega em si o saber mais profundo, que une o Criador e a criatura, potencializa em cada pessoa um abrir de olhos para os sinais do infinito na existência, na história, torna a pessoa mais atenta e reflexiva, mais confiante nos significados últimos da vida⁸²³.

4.2.6.

A consciência do mal

A Iniciação Cristã de Adultos encontra-se em um campo já marcado por situações-limite, sofrimentos, mágoas e, muitas vezes, certa desesperança com relação aos valores humanos. O caminho catecumenal não abre mão de refletir sobre a presença do mal, mas educa uma consciência madura diante do mal e, para a entrega progressiva ao projeto de Deus, que implica em discernimento, fortalecimento, renúncias, orações e bênçãos.

Nas *Catequeses Mistagógicas*, Cirilo de Jerusalém conduz esta tomada de consciência e, através das pregações e das ações litúrgicas, prepara um caminho de maturidade cristã diante dos diversos momentos de tentação e dificuldades que podem abalar a escolha pelo seguimento de Jesus. O cristão deve renunciar ao mal e às suas seduições, na liberdade e nas decisões cotidianas. O mal não é superado

⁸²¹ Ibid., pp. 29-30.

⁸²² Cf. QUEIRUGA, A. T. op. cit, p. 22.

⁸²³ Cf. BACIK, J. J. op. cit., p. 18.

de uma vez, mas está presente, misturado na cultura, na vida cotidiana, como uma força externa que pode seduzir a pessoa a desviar-se do caminho cristão.

Cirilo orienta os neófitos para a consciência de que o mal está presente em gestos e palavras que ferem aos irmãos, contudo não tem a palavra definitiva, e sim o amor misericordioso do Pai e a abertura de cada pessoa, pelo arrependimento, pela humildade e livre decisão de superação. O mal também está fora de nós, no mundo, em situações de negação da fraternidade, do amor de Deus. Nesta dimensão, Cirilo exorta para a atitude de vigilância constante, unida a uma entrega integral ao amor de Deus e ao perdão aos irmãos.

Para Cirilo, a tentação se faz presente no caminho da entrega ao projeto de Deus. O processo de conversão é também um processo de novas escolhas, de vida nova, de renúncias ao 'homem velho', que vão exigir uma consciência firme, uma ação combativa e fortalecimento interior a fim de se manter no caminho. É a mistagogia este caminho de fortalecimento, pois é a graça de Deus que potencializa esta superação, daí a importância das ações litúrgicas.

As ações litúrgicas - escrutínios, exorcismos, bênçãos - comunicam a ação transformadora de Deus na luta contra o mal. A unção é sinal da libertação do pecado e da nova vida. Nas Catequeses de Cirilo, a unção aparece em três momentos, no Batismo, no sacramento do Crisma e nos ritos de exorcismos. A unção comunica a vida nova, a ação amorosa de Deus e a renúncia a tudo o que afasta deste projeto.

A responsabilidade diante desta superação não é apenas pessoal, mas também comunitária. A vida sacramental e a oração pessoal e comunitária são fontes de fortalecimento.

Na ICA, a consciência do mal muitas vezes não é inserida como um elemento importante, talvez devido à própria dificuldade dos catequistas nessa abordagem. Contudo, na teologia subjacente nas Catequeses de Cirilo, este não é um tema marginal. A fim de superar o mal se deve tomar consciência de sua força, mas de uma força muito maior que tem a palavra definitiva: o amor de Deus⁸²⁴. É antes, parte da tarefa da ICA, assegurar a fé e a esperança na força salvífica de Deus, que ama e liberta o homem de todo o mal⁸²⁵.

⁸²⁴ Cf. *CM* I, 2-9; II, 3; V, 11.18;

⁸²⁵ Cf. SCHILLEBEECKX, E. op. cit., p. 20.

Na experiência catecumenal da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, o catequista percebe o processo de conversão como um caminho no qual as tentações aparecem, como uma força contrária ao seguimento de Jesus. Para elas deve-se estar consciente e preparado para enfrentar e perseverar no caminho, sabendo que a força da superação virá da Graça de Deus que não abandona seus filhos e filhas. No RICA, documento do Magistério que orienta a ICA, as ações litúrgicas demarcam este processo através das bênçãos, escrutínios e exorcismos.

Outro fator decorrente desta consciência é a humildade, a auto-consciência das limitações, das dificuldades, do seguimento com processo de abertura e conversão de atitudes, dos condicionamentos que muitas vezes conduzem ao erro, do erro como parte do caminhar. Neste aspecto, a construção da experiência de comunidade, na confiança, misericórdia e compreensão mútua, é também fundamental para que todos sejam acolhidos no amor e no perdão. Neste aspecto, a dimensão penitencial é relevante na compreensão da dinâmica mistagógica entre Deus-pessoa-comunidade-mundo, também no que diz respeito à consciência e luta contra o mal tanto no aspecto pessoal como comunitário e social.

4.2.7

A atitude contemplativa

A dinâmica mistagógica possui ainda um elemento que deve estar presente como uma referência diante do Mistério – a atitude contemplativa. É muito importante que esta atitude seja cultivada, pois ela pressupõe um olhar sensível, atento, aberto, humilde, de quem busca o mais profundo, o interior que está se revelando no dia a dia, nas histórias pessoais e comunitárias. A mistagogia é, antes uma atitude de contemplação, do que um conjunto de palavras ou atos.

Na mistagogia de Cirilo de Jerusalém, percebemos que ele integra a atitude contemplativa e a atitude interpretativa, inicia na abertura ao Mistério, na sensibilidade e também no diálogo. Os acontecimentos histórico-salvíficos, são as *mirabilia Dei*⁸²⁶, os sinais da presença e Revelação de Deus operados e

⁸²⁶ As *mirabilia Dei* não constituem uma sucessão de intervenções arbitrárias de Deus na história humana. Nos fatos da história de seu povo, o profeta descobre um princípio religioso de unidade, um sentido presente, um fio condutor que faz descortinar um caminho que remete sempre para Deus, de tal modo que os acontecimentos são a um tempo realizações parciais e sinais. Em outras palavras, realizam e prometem, antecipam e comprometem, revelam e ocultam um desígnio de

atualizados ao longo de toda a Revelação bíblica⁸²⁷. É a atitude contemplativa que conduz o iniciante pela História da Salvação, pela linguagem litúrgica, pelos novos caminhos do mistério de Deus, enfim para contemplar as maravilhas de Deus em toda a Criação. Em suas Catequeses, Cirilo procura despertar nos iniciantes este olhar contemplativo, não apenas diante da memória da caminhada do Povo de Deus, mas como saber e experiência no qual estão inseridos e que, se revela nas trajetórias pessoais e comunitárias.

Mais uma vez, vale observarmos que a mistagogia não tem sua centralidade no discurso intelectual ou explicativo, mas na atitude de acolhida do Mistério que se revela na Sagrada Escritura, na Liturgia, na vida cotidiana dos filhos e filhas de Deus. Os encontros catecumenais devem suscitar estas atitudes, de acolhida, de ouvir, de dialogar, de sensibilidade e atenção, diante do Mistério.

Por fim, reunimos nesta seção os princípios que - a partir de um diálogo entre a Mistagogia identificada nas *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém e a Mistagogia identificada na experiência catecumenal na *Casa de Oração Batismo do Senhor* -, sugerimos como orientadores de um processo de ICA para os nossos tempos. Mais uma vez, vale ressaltar, que nossa contribuição deseja estabelecer um diálogo fundamental e co-responsável, enquanto fidelidade com as fontes da Tradição e as orientações do Magistério e continuidade criativa atenta aos sinais dos tempos e à realidade de cada comunidade local.

4.3

A Redescoberta da Mistagogia para o cristão no mundo

A análise do processo de transmissão e de formação na fé deste período do Catecumenato primitivo nos ajuda a descobrir as possibilidades que o Cristianismo encerra para responder às interpelações que vêm sendo feitas à ação evangelizadora. Por outro lado, encontrar as oportunidades que o próprio momento de mudança paradigmática, que chamamos de Modernidade, oferece às comunidades e aos seus membros.

amor que não é outro senão Cristo, verdadeiro sentido e decifração da História. Nele se totalizam e se recapitulam o ontem, o hoje e o amanhã: “*Eu sou o Alfa e o Ômega. Aquele que é, que era e que vem*”. (Apc 1,8) Cf. PAIVA, H. Introdução. In: SANTO AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos*. Petrópolis: Vozes, 1978, pp. 12-13.

⁸²⁷ Cf. SANTANA, L. F. R. op. cit., p. 14.

Verificamos, até aqui, que a experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém nos apresenta a eterna novidade da dinâmica da Revelação. Mas vai além. Ela nos oferece pistas, abre nossos ouvidos para a voz de Deus, que nos fala nas palavras e orientações deste grande Padre da Igreja em sua interlocução com seu tempo. O catecumenato orientado por Cirilo de Jerusalém, nos auxilia a revisar e, se necessário, reorientar a ação evangelizadora à luz da experiência tão inspiradora da Igreja deste período.

O resgate dessa experiência fontal se faz presente no Ritual Romano, o *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*, à luz das orientações do Concílio Vaticano II. No RICA reencontramos a estrutura do Catecumenato primitivo, marcada por diferentes etapas e, considerando a etapa mistagógica, como um período de formação especial, que avalia a maturidade espiritual do iniciante a fim de que esteja apto a acolher os conteúdos específicos e aprofundar seu relacionamento comunitário. O documento tem por base o princípio da Iniciação Cristã como um processo gradativo, um itinerário espiritual⁸²⁸.

O Rito de Iniciação se adapta ao itinerário espiritual dos adultos, que varia segundo a multiforme graça de Deus, a livre cooperação dos mesmos, a ação da Igreja e as circunstâncias de tempo e lugar.

Nesse itinerário, além do tempo de informação e amadurecimento, há etapas ou passos, pelos quais o catecúmeno, ao caminhar, como que atravessa uma porta ou sobe um degrau.

Estas etapas são compreendidas em quatro tempos sucessivos: o pré-catecumenato, caracterizado pela primeira evangelização; o catecumenato, destinado à catequese completa; o tempo da purificação e iluminação, destinado a mais intensa preparação espiritual; e o da mistagogia, assinalado pela nova experiência dos sacramentos e da comunidade⁸²⁹.

No entanto, vimos que a mistagogia era a orientação teológica e espiritual que já se encontrava na base do processo catecumenal primitivo, e não apenas uma etapa final ou de culminância. A partir deste diagnóstico, ponderamos que a experiência mistagógica pode tornar-se uma referência para ICA, inspirando-nos à atitude que inclui, fiéis e iniciantes, como participantes da dinâmica de abertura e acolhimento do Mistério. Vejamos como a CNBB nos orienta neste sentido:

⁸²⁸ RICA, n. 4.

⁸²⁹ RICA, n. 6-7.

Só evangeliza quem aceita e segue o caminho de Jesus: “Vem e segue-me” é o convite fundamental que o Senhor continua fazendo a todos os que querem participar da aventura do Reino. Para ser verdadeiro evangelizador, é necessário, antes de tudo, deixar-se evangelizar, sendo ouvinte atento ao que Deus fala, a exemplo da Virgem Maria. É necessário acolher a Palavra “com a alegria do Espírito Santo” e aceitá-la “não como palavra humana, mas como verdadeiramente é: Palavra de Deus que está produzindo efeito em vós”⁸³⁰. (cf. Mt 19, 21; 1Ts 1,6. 2,13)

O que desejamos assinalar é que tanto a experiência do catecumenato em Cirilo de Jerusalém como o RICA, apesar de sua distância no tempo e no contexto histórico e social, possuem um eixo mistagógico em sua base e orientação do processo de Iniciação Cristã. É neste sentido que estendemos a vertente mistagógica, não apenas para a ICA, mas para a ação evangelizadora nas suas mais diversas formas de atuação e de atividades pastorais e catequéticas.

A experiência mistagógica fundamenta-se na pedagogia divina que revela Seu projeto de amor com a atenção, o zelo e o respeito pela condição presente de cada pessoa humana. Na perspectiva do Concílio Vaticano II, estamos diante de uma experiência atenta aos sinais dos tempos, como acontecimentos que anunciam, na forma indireta e alusiva, os passos de Deus por nossa história. “Para cumprir esta missão é dever permanente da Igreja escutar atentamente os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho (...)”⁸³¹.

Em consonância com a orientação conciliar, buscaremos elucidar em parceria com a experiência da Iniciação Cristã em Cirilo de Jerusalém, algumas orientações para a ação evangelizadora nas comunidades cristãs. Não se trata de uma busca de fórmulas prontas e sim de encontrarmos nesta experiência fontal eixos referenciais e pistas metodológicas para que cada comunidade, segundo sua realidade e circunstâncias próprias, possa ser auxiliada a revisar, planejar, criar e recriar sua estrutura catecumenal mistagógicamente.

Muitos estudiosos referem-se a uma crise na transmissão da fé proveniente dos diversos fatores presentes na modernidade, em sua crise e transformações⁸³².

⁸³⁰ DGAE. 1999-2002, n. 9.

⁸³¹ GS 4 § 1.

⁸³² Sobre este tema ver GONZÁLEZ-CARVAJAL, L. *Evangelizar en un mundo postcristiano*. Santander: Sal Terrae, 1993; COX, H. *La religión en la ciudad secular*. Santander: Sal Terrae, 1984; LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*. op. cit.; MIRANDA, M. F. *Inculturação da fé*. Uma abordagem teológica. São Paulo: Loyola, 2001; BINGEMER, M. C. L. BINGEMER, M.C.L. *Alteridade e Vulnerabilidade*. São Paulo: Loyola, 1993. QUEIRUGA, A. T. *Fin del cristianismo premoderno*. Santander: Sal Terrae, 2000.

No entanto, não pretendemos excluir os fatos concretos que vêm abalando o processo de ICA, mas nos posicionarmos serenamente diante deles, encarando-os não como obstáculos, mas como situações de passagem da sociedade, que nos convidam ao discernimento, ao diálogo, e ao encontro de novos recursos para responder aos desafios igualmente novos que se nos apresentam⁸³³. É uma postura de quem percebe a modernidade não como uma patologia a ser curada, mas como situação histórica, etapa fecunda, onde se fazem presentes conteúdos e bases propícias para que o Evangelho continue a ser anunciado e vivenciado⁸³⁴.

No confronto da experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém com a sociedade atual e suas interpelações, evidenciam-se muitos aspectos que infundem novo ânimo para prosseguirmos no legado missionário sustentado pelo Espírito de Cristo. É uma parceria restauradora de esperanças, auxílio para o discernimento e organização dos conteúdos da fé e das mediações pastorais pedagógicas na ICA. Para tal, selecionamos alguns aspectos presentes na experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém, como também na experiência de Catecumenato com Adultos da *Casa de Oração Batismo do Senhor*, que poderão nos orientar nesta missão hoje. Eles não serão apresentados enquanto etapas sucessivas ou gradativas, mas como diferentes aspectos que se inter-relacionam na dinâmica da transmissão da fé.

A atitude que adotamos é de sincera e humilde contribuição, na busca teológico-pastoral de passos para os desafios de um diálogo entre a fé cristã e a vida atual no campo da Iniciação Cristã de Adultos. Traremos, portanto, uma reflexão aberta que encare o momento atual em sua radical novidade como estimulante para este trabalho pastoral-pedagógico. Não possuímos as chaves para este novo momento paradigmático, mas nos colocamos a caminho para encontrá-las, como iniciantes nos caminhos que o Espírito, que nos precede, nos orienta.

Na próxima seção abordaremos, portanto, os aspectos seguintes, como possibilidades de resgate da experiência mistagógica para a evangelização atual:

1. *O anúncio querigmático como fonte de ardor e renovação*
2. *A pedagogia do Mistério e a alteridade divina*

⁸³³ Cf. VELASCO, J. M. op. cit., pp. 11-25.

⁸³⁴ Para esta postura é fundamental a atenção à formação continuada e renovada dos agentes de evangelização. Cf. ANTONIAZZI, A. Perspectivas pastorais a partir da pesquisa. In: SOUZA, L. A. G. e FERNANDES, S. R. A. (orgs.) *Desafios do Catolicismo na cidade*. São Paulo: Paulus, 2002, pp. 266-267.

3. *A compreensão da fé como caminho*
4. *O papel do testemunho na dinâmica mistagógica*
5. *A concepção de transmissão da fé*
6. *Um encontro de liberdades*
7. *As comunidades de vida*

A eles dedicaremos nossa atenção nesta etapa de elaboração, cientes de que desejam indicar caminhos, mas que será a experiência mistagógica vivida em cada comunidade que vai ajudar a discernir e criar novas soluções para as situações que se apresentarem.

4.3.1

O anúncio querigmático como fonte de ardor e renovação

Vejam, em primeiro lugar, a fonte primeva do Cristianismo, ou seja, o anúncio querigmático. As primeiras comunidades não apenas encarnaram a Boa Nova, mas a anunciaram e acolheram novos fiéis para participar daquela experiência contagiante e vivificadora. Foram comunidades atuantes, que assumiram o anúncio missionário, sem encarar os limites geográficos ou culturais como obstáculos à missão. Foram também comunidades produtivas teologicamente, capazes de construir textos que elaboram a novidade cristã e dialogam com a realidade de cada grupo acompanhado.

E de onde vinha tanto ardor e renovação? Da experiência de encontro com o Cristo ressuscitado, da Boa Nova revelada na manifestação extrema do amor de Deus aos homens frente a uma sociedade incapaz de responder às perguntas radicais do ser humano. J. M. Velasco nos fala do tema da ‘novidade’ como característica marcante na comunidade primitiva.

A irrupção da novidade cristã os renovou interiormente, dotando-lhes de um novo espírito (Rm 7,6) que renovou sua mente (Rm 12,2), os fez membros de uma nova comunidade em que vivem de acordo com o “mandamento novo” (Jo 13,34), convertem-se ao “homem novo” e entoam um “cântico novo” (Ap 2,17; 5,9)⁸³⁵.

⁸³⁵ VELASCO, J. M. op. cit., p. 14.

Está claro que foi a experiência pascal que determinou a compreensão e a identidade da comunidade cristã primitiva. A perspectiva missionária vem com o mandato de Cristo, contudo, é em Pentecostes que ela nasce, como um transbordamento do querigma. A consciência da novidade que compartilham leva os discípulos a viverem uma “vida nova” (Rm 6,4) que se caracteriza pela alegria, pela esperança, novas relações entre seus membros e uma nova visão de mundo. Esse é o Espírito que anima e penetra as primeiras comunidades⁸³⁶. É fonte de vida, de renovação, de soluções frente aos problemas que se lhes apresentavam, de criatividade missionária, de diálogo com as culturas e etnias. É esse mesmo Espírito que sopra e vivifica o movimento de expansão do Cristianismo e que está presente no trabalho teológico dos Padres da Igreja ao dialogarem com as interpelações próprias de seu tempo⁸³⁷. É o mesmo Espírito que inspira, mobiliza e anima a sabedoria fecunda nas Catequeses Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém.

Aqui reside a fonte e a natureza do processo de evangelização cristã⁸³⁸, o núcleo de toda a experiência que conhecemos como mistagógica: uma dinâmica viva de abertura à Revelação, na qual a espiritualidade e a vida cotidiana caminham juntas e podem fecundar a realidade com a força renovadora do Espírito. O embasamento teológico e pastoral de Cirilo de Jerusalém estava imbuído da dinâmica mistagógica, da presença de Jesus Cristo e de Seu Espírito.

No contexto eclesial da Jerusalém na qual Cirilo é pastor, encontramos uma Igreja em estado de evangelização, em estado de missão⁸³⁹, uma Igreja imbuída da experiência viva e vivificante do Espírito que soprou nos corações e revolucionou a vida da Igreja primitiva. A mistagogia é um convite a nos colocarmos neste estado de evangelização, do contrário, “corremos o risco de anunciarmos rios de palavras e discursos, mas não o querigma que provoca a profunda experiência da fé cristã”⁸⁴⁰. O que queremos dizer é que muitas vezes os esforços da ação evangelizadora se concentram no anúncio verbal do conteúdo do Cristianismo, e é fato que este é fundamental. No entanto, a importância do anúncio querigmático reside na abertura e comunhão com o Espírito, pois será desta fonte que surgirá a força transformadora da palavra pronunciada. Vejamos

⁸³⁶ Cf. SANTANA, L. F. *A dimensão pneumática da espiritualidade cristã*. op. cit., pp. 139-143.

⁸³⁷ Cf. SARTORE D. *Catequesis y Liturgia*. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (orgs.) *Nuevo Diccionario de Liturgia*. Madrid: Paulinas, 1987, p 322.

⁸³⁸ Cf. VELASCO, J. M. op. cit., p. 18.

⁸³⁹ Cf. PAGOLA, J. A. op. cit., p. 17.

⁸⁴⁰ Cf. VELASCO, J. M. op. cit., p. 19.

como Cl. Boff expressa a condição de testemunho vivo que é semeada na abertura ao Espírito.

A fé cristã é mais testemunhada (como fato) do que ensinada (como doutrina). Melhor, primeiro é testemunhada no querigma; só depois é ensinada na didaskalia. Em síntese: a teologia não reflete finalmente uma doutrina, mas a Revelação mesma, e esta como verdade-evento: o acontecimento da verdade na história, do qual a fé é a acolhida⁸⁴¹.

Diante desses pressupostos, apresenta-se uma primeira questão para o processo de ICA atual: as estruturas deste caminho corroboram para a experiência de encontro com Jesus Cristo Ressuscitado?⁸⁴² Devemos nos deixar interpelar pela espiritualidade que nasce desse encontro profundo e se desdobra na vida cotidiana e nas relações que estabelecemos conosco mesmos, com as pessoas e com o mundo⁸⁴³.

A mistagogia convida a uma revisão da própria experiência de encontro com o Mistério e à superação de uma concepção excessivamente doutrinal da evangelização, por outra que tenha seu primado no seguimento de Jesus, na abertura para a ação do Espírito na vida pessoal e comunitária. Para suscitar nos iniciantes a abertura à graça de Deus é necessário um mergulho na espiritualidade fundante e fecundante de novas realidades.

O anúncio querigmático implica em uma dinâmica que testemunhe o Cristo vivo nos agentes de evangelização, na comunidade eclesial, nos pressupostos e na dinâmica da ICA. A dicotomia entre fé e vida não será nunca o caminho do seguimento de Jesus, e sim a sua integração processual, amadurecida, de uma iniciação na qual todos se incluem e tornam-se testemunhas.

Este aspecto prioritário nos convida a voltar nosso olhar para a essência missionária da Igreja que, a todo momento, é chamada a configurar sua identidade

⁸⁴¹ BOFF, Cl. op. cit., p. 115.

⁸⁴² Essa mesma questão é apresentada por K. RAHNER em *Cambio estructural en la Iglesia*. Madrid: Cristiandad, 1974.

⁸⁴³ J. M. Velasco nos convida a esta reflexão: “Talvez tenhamos que reconhecer que nossas comunidades não transmitem porque não têm o que transmitir, ou melhor, que não somos de verdade cristãos, não vivemos como tais, não constituímos a semente, o fermento, a luz, o sal que o Evangelho nos convida a ser, e que, na medida em que somos, germinam, fermentam, iluminam e salgam. É dizer, que talvez a falta de uma renovação geral de que padece o Cristianismo se deva em boa medida à falta de renovação interior, espiritual: a renovação, procedente do Espírito de Deus, nas gerações encarregadas da transmissão”. Ibid., p. 25.

e sua ação, seu ser e seu fazer. O anúncio querigmático é matriz e dinamização, que orienta de maneira fundamental a reflexão e a proposta cristã⁸⁴⁴.

4.3.2

A pedagogia do Mistério e a alteridade divina

Na dinâmica mistagógica, a Iniciação Cristã consiste em ajudar a pessoa a prestar atenção à Presença de Deus na vida. Além de conduzir a esta sensibilidade para a abertura à autocomunicação divina, a mistagogia vai auxiliar na tomada de consciência e nas respostas ao amor de Deus.

A relação com Deus só é possível porque Ele se auto-comunica, na liberdade e na alteridade radical. Deus é Outro que se revela, mas que resiste a toda tentativa de manipulação, em categorias ou imagens definitivas⁸⁴⁵. Deus permanece mistério insondável, que nos faz desejar conhecê-Lo cada vez mais, como anuncia o Sirácida ou livro do Eclesiástico: *“Vinde a mim, vós que me desejais, e saciai-vos de meus frutos. Os que comem de mim terão ainda fome e os que bebem de mim ainda terão sede”*⁸⁴⁶.

A alteridade divina convida à conscientização de que cada pessoa encontra-se em estado de busca, de conversão, de caminhada. Nesta dinâmica, pessoa e comunidade buscam compreender e responder aos sinais de Deus em sua trajetória, estabelecendo momentos de conforto e alegria imensos, como outros, de descontinuidade, de ruptura, de incertezas que os impele a retomar o caminho dialógico com Deus. Dessa forma, a experiência mistagógica imprime à ICA uma dinâmica que tanto vive momentos de encontro amoroso e aprazível, como também momentos de interpelações profundas e de novas escolhas⁸⁴⁷.

Esta compreensão da ICA constitui tanto os catequistas quanto os iniciantes como neófitos, no sentido de que estejam sempre abertos ao Mistério que se revela ao longo de suas vidas e renova suas escolhas e relações. É fato que cada um destes participantes do processo catecumenal – catequista, iniciantes, comunidade – não estão no mesmo estágio de amadurecimento na fé. Esta

⁸⁴⁴ Cf. IBÁÑEZ, P. G; ÁLVAREZ, D. M. e CURSACH, J. L. S. Presentación. In: MARTÍNEZ, D. et alii. *Proponer la fe hoy. De lo heredado a lo propuesto*. Santander: Sal Terrae, 2005, p. 15.

⁸⁴⁵ Cf. BINGEMER, M. C. L. A Sedução do Sagrado. In: CALLIMAN, C. (org.) *A Sedução do Sagrado*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 81.

⁸⁴⁶ Cf. Sir 24,19-21.

⁸⁴⁷ Cf. GIGUÉRE, P. op. cit., p. 42.

diferença é própria desta missão pastoral, a ICA. Porém, ao mesmo tempo, não é possível que esta diferença seja interpretada em termos de desigualdade⁸⁴⁸.

Neste aspecto podemos perceber dois desdobramentos importantes no processo de ICA: a dimensão de humildade, de serviço e de diálogo de quem se sabe também neófito, também em processo diante da dinâmica da abertura da própria vida ao apelo divino; e a dimensão do testemunho, daquele que transmite o que é sua orientação mais profunda e determinante.

Abertos à dinâmica do Mistério, presença e interpelação em nós e na Criação, podemos descobrir, como santo Agostinho: “Vós, porém, éreis mais íntimo que o meu próprio íntimo e mais sublime que o ápice do meu ser!”⁸⁴⁹.

Tendo registrado a dimensão dialógica da Revelação, a liberdade e a alteridade próprias desta autocomunicação, vejamos como esta nos conduz à percepção do dinamismo também presente na fé cristã, tanto na vida pessoal como na vida comunitária.

4.3.3

A compreensão da fé como caminho

Apresentar a experiência de fé como dinâmica de abertura ao Mistério é compreendê-la como abertura ao inédito, ao imprevisível, ao desconhecido, enquanto processo em que cada pessoa vai entrando em relação com o Mistério gradativamente e não de uma vez por todas, como uma passagem definitiva.

Essa espiritualidade mistagógica transborda nas palavras de Cirilo de Jerusalém, densas na dimensão contemplativa, de entrega existencial, de configuração em Jesus Cristo, de pertença à grande família dos filhos e filhas de Deus. A mistagogia de Cirilo é fundada em uma espiritualidade crística, orante e encarnada em seu tempo⁸⁵⁰. É uma espiritualidade do caminho, na qual o iniciante avança por um caminho que outros já percorreram e descreveram no seu

⁸⁴⁸ Cf. BOURGEOIS, H. *Teologia Catecumenale*. op. cit., p. 31.

⁸⁴⁹ AGOSTINHO. *Confissões* livro III, cap. 6, n. 11. In: *Coleção Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1980.

⁸⁵⁰ Esta espiritualidade do caminho está presente em muitos místicos, como Agostinho, que descreve como sendo sete as etapas para que a caridade atinja a perfeição; em Teresa de Jesus que nos fala das sete moradas que atravessa a alma em busca da união com Deus; como também em João da Cruz, que nos fala do crescimento na fé como a subida de uma montanha. Cf. GIGUÉRE, P. op. cit., p. 42.

testemunho. Porém, ao realizar a trajetória, cada um o faz de maneira pessoal, marcada pela própria interlocução com Deus.

Esta dinâmica responde a muitas características próprias da subjetividade moderna e pós-moderna. Entre elas estão: o primado da experiência, o tema da liberdade, do respeito à identidade, à originalidade e à autonomia. Além disso, a perspectiva de caminhada supõe dinamismo, renovação incessante e criativa, que dialoga com o tempo, com a história, com novas relações e situações que a vida apresenta. Assim sendo, compreende-se a ICA como itinerário, como proposta a ser compreendida, elaborada, interpretada e vivenciada com a marca da continuidade e também da originalidade, e não como imposição.

Despertar para a dinâmica da fé cristã como caminho significa reconhecer que ela imprime uma direção à vida e que esta é vivida enquanto um processo⁸⁵¹. Na evangelização, podem-se encontrar dificuldades frente à originalidade dos caminhos ou insistir na permanência em um determinado caminho já experimentado e avaliado como eficaz. Mas também se deve recordar que os períodos de transição são muito importantes no crescimento espiritual, pois são tempos privilegiados de discernimento. A centralidade na experiência do Mistério deve orientar no sentido de fixar critérios de discernimento em momentos de dúvida.

A atenção à dinâmica mistagógica coloca não apenas o iniciante na perspectiva do ‘caminho’, mas todos os componentes da ação evangelizadora. A mistagogia é caminho espiritual que atinge a todos, é experiência na qual todos são iniciados por Deus, que é Mistério⁸⁵². Esse caráter nos conduz à dimensão escatológica do caminho cristão. O caminho mistagógico é impulsionado ao longo de toda a vida cristã, pelo Espírito que age e mobiliza à identidade processual em Cristo. A integração entre a Palavra e a liturgia na vida da comunidade eclesial é um elemento fundamental nesse dinamismo. A reflexão de Lina Boff visibiliza este processo com clareza.

Pelo batismo morremos com Cristo para ressurgir com Ele; pela confirmação caracterizamos nossa identidade cristã; pela participação no Memorial do Senhor, atingimos a maturidade escatológica que se dá através do Espírito de Cristo. Toda a pessoa que aceita Cristo na sua vida, como todo o seu mistério salvífico de doação e entrega total ao Pai, pela salvação da humanidade inteira, amadurece

⁸⁵¹ Idem, p. 126.

⁸⁵² Cf. VASQUEZ, U. M. op. cit., p. 7.

para o convívio com Ele, através do Espírito e, de forma antecipada, torna-se participante da vida gloriosa e eterna de que Ele já goza no céu, depois de sua Ressurreição e Ascensão⁸⁵³.

Esse caráter propõe um redimensionamento de atitudes e posturas, no qual o centro do processo consiste na abertura à dinâmica do Espírito.

Uma abordagem puramente conceitual, que procure diagnosticar através da lógica a ação evangelizadora, perde sua razão de ser. A pretensão racional dá lugar à acolhida do Mistério na sua simplicidade, imprevisibilidade e desconcertos do cotidiano⁸⁵⁴. A lógica dá lugar à mística, ao processo mistagógico. Enfim, o ponto de partida e a finalidade da ICA, atenta à mistagogia, procurará sempre discernir a caminhada humana e espiritual de encontro com o Deus vivo e na comunhão libertadora consigo mesmo, com os outros e com todo o universo⁸⁵⁵.

4.3.4

O papel do testemunho na dinâmica mistagógica

No processo de ICA privilegiamos a relação de integração e de parceria entre o catequista e o iniciante e, em função desta relação, gostaríamos mais uma vez de ressaltar a importância do testemunho. O paradigma da modernidade rompeu com as grandes narrativas que apenas prometem um horizonte de plenitude no seu discurso, mas não com aquelas que apresentam a própria trajetória de vida, com seus desafios e possibilidades⁸⁵⁶. Os testemunhos que emergem da experiência de encontro com Deus não apenas anunciam, mas também convidam a participar da mesma experiência.

Sem dúvida, os testemunhos são fundamentais no processo de evangelização, como disse o papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*: “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”⁸⁵⁷. A mistagogia privilegia o testemunho porque

⁸⁵³ BOFF, Lina. Índole escatológica da Igreja peregrinante. op. cit., p. 18.

⁸⁵⁴ Cf. MAÇANEIRO, M. *Eros e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1997, pp. 32-33.

⁸⁵⁵ Ibid.

⁸⁵⁶ Cf. BENEDETTI, L. R. A experiência no lugar da crença. In: ANJOS, M. F. *Experiência Religiosa: risco ou aventura?* São Paulo: Paulinas, 1998, p. 30.

⁸⁵⁷ EN 41.

ele é o caminho mais coerente para o convite à fé. Na mistagogia ciriliana, as narrativas da Sagrada Escritura são apresentadas como testemunho, e assim também o Símbolo Apostólico.

O testemunho valoriza a experiência, tanto pessoal como comunitária. Experiência que não pode ser produzida instrumentalmente ou utilizada como ação estratégica. O testemunho não é uma atuação, mas compreensão de uma vida, que pode ser narrada, dialogada, identificada e, até mesmo, compartilhada. A primazia do testemunho sobre a palavra está em que “o que se gasta de tanto dizê-lo resulta às vezes novo e surpreendente quando se faz”⁸⁵⁸. Aquele que dá testemunho se coloca no mesmo campo da proposta que anuncia, se compromete e se responsabiliza, coloca a própria vida como garantia da fidelidade. Àquele que propõe, convoca a uma experiência real e cotidiana, a qual se empenha em acompanhar e orientar.

Na fé cristã, o testemunho não é testemunho pessoal, mas vem relacionado à pessoa de Jesus. Quem testemunha anuncia a Boa Nova que é Deus mesmo entre nós. Mais. O testemunho não nasce pela iniciativa humana, mas brota pela ação do Espírito que nos ensina a viver e praticar o que Jesus viveu e praticou. Passando pelas águas do Batismo, o Espírito que habita em nós, se manifesta e dá testemunho do projeto de Deus para todos os seus filhos e filhas, projeto esse plenificado em Jesus Cristo. Nesse dinamismo, quem testemunha a Cristo, passa a ser mediador da Revelação e, pela sua linguagem e inserção contextual, a atualiza na história de seu tempo⁸⁵⁹. As orientações do Magistério da Igreja reforçam a importância do testemunho na evangelização:

Não basta falar de Deus. É necessário testemunhá-lo por uma vida de santidade encarnada em nossos dias. O testemunho de vida é a primeira e insubstituível forma de missão. Em nosso tempo, muitas são as testemunhas coerentes e perseverantes na fé e no amor a Cristo até mesmo com o sacrifício da própria vida⁸⁶⁰.

Ao testemunhar, o apelo que alcança o ouvinte torna-se, na verdade, mediação do convite que parte de Deus. Quem testemunha o faz “em nome de”, atravessado na experiência pessoal pela graça divina. O testemunho vem retomar

⁸⁵⁸ VELASCO, J. M. op. cit., p. 104.

⁸⁵⁹ Sobre este tema ver o excelente estudo de Lina Boff em seu trabalho *Espírito e Missão na obra de Lucas-Atos*. Op. cit., principalmente pp. 169-194.

⁸⁶⁰ DGAE. 1999-2002, n. 14.

a dinâmica da alteridade, por ser uma ação dialógica, iniciada por Deus, e acolhida, vivida e interpretada por duas pessoas: quem dá testemunho e quem o recebe. Testemunhar é reconhecer a autodeterminação e a capacidade de compreensão e interpretação do outro. O outro não é um objeto que recebe uma verdade, mas uma pessoa que, em sua decisão, em sua escolha, é fundamentalmente livre⁸⁶¹.

Além disso, o testemunho é um ato de comunicação e, como tal, exige que os parceiros refiram-se a uma realidade comum, que compreendam a mensagem transmitida. No campo da ICA, significa que a realidade da Revelação seja conhecida e que o processo de compreensão aproxime testemunha e iniciante⁸⁶².

Segundo a fé cristã, essa comunicação corresponde exatamente à relação de Deus conosco, na medida em que participa a Si mesmo, revela-Se a cada filho e filha, testemunha em cada gesto tudo que é e nos convida a entrar em comunhão com Sua misteriosa e sedutora realidade. “O mistério da Alteridade lhes propõe a profunda comunhão na gratuidade. O amor passa, então, a governar suas vidas e a transformá-las segundo a inexorabilidade e a radicalidade de Sua vontade”⁸⁶³.

Nossa fé é fundada no testemunho divino e não na evidência ou no puro emocional. A mistagogia consiste precisamente em aceitar esse testemunho divino no interior do coração como fundamento último da fé, como eixo orientador da própria vida, como lei interior e encontro pleno⁸⁶⁴.

Quem testemunha narra uma relação, relação essa iniciada por Deus. No ato de testemunhar “realiza o reconhecimento de Deus como Deus, não anuncia a si próprio, mas o descentramento absoluto, a Transcendência que caracteriza a atitude daquele que crê”⁸⁶⁵. Dessa forma, o testemunho se torna convite, proposta e não imposição ou transmissão teórica. “A eficácia do testemunho reside em que reflita o absoluto de Deus como não poderia refleti-lo nenhuma outra realidade humana”⁸⁶⁶.

Descobre-se um Deus que é Presença ontem, hoje e sempre, e Presença dialogante com o homem e a mulher no seu tempo e lugar, com a comunidade humana. Quem entra em contato com este Deus torna-se intérprete da Palavra que

⁸⁶¹ Cf. METTE, N. *Pedagogia da Religião*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 234.

⁸⁶² Ibid.

⁸⁶³ BINGEMER, M. C. L. A sedução do Sagrado, op. cit., p. 83.

⁸⁶⁴ Cf. LIBANIO, J. B. op. cit., pp. 219-220.

⁸⁶⁵ VELASCO, J. M. op. cit., p. 98.

⁸⁶⁶ Ibid.

renova a própria vida e dialoga com os diversos testemunhos que atravessaram a história sabe-se participante do projeto salvífico e convidado a dar continuidade e com ele colaborar. Como já vimos a mistagogia está fundada nesta dinâmica relacional e, em decorrência desta intercomunicação, suscita uma circularidade hermenêutica que abre o processo de evangelização a novas e possíveis circularidades interpretativas⁸⁶⁷.

Quem conheceu a Palavra e por ela se deixou possuir, torna-se por sua vez testemunha, expressa-a em gestos e palavras que estabelecem novos pontos de transmissão do conhecimento e da vida. Ele é transformado de tal sorte que fala e age como aquele que tem no coração o Eterno: a testemunha reenvia certamente ao “lugar” e aos “lugares” em que encontrou a Palavra, mas se torna também, de certo modo, ele próprio habitação do Eterno⁸⁶⁸.

O anúncio querigmático ressoa na história, é transmissão viva da Revelação: *“E como o invocariam sem terem crido nele? E como creriam nele, sem o terem ouvido? E como o ouviriam, se ninguém o proclama? E como proclamá-lo, sem ser enviado?”* (Rm 10,14). Entrando em sintonia mistagógica, a adesão é abertura à comunicação de Deus que antecede a decisão pessoal e que a aguarda amorosamente. A autonomia da pessoa e sua experiência pessoal são respeitadas, e esta é convidada a participar de uma fé que é companhia, que é presença no decorrer dos tempos e na confissão do povo peregrino.

Diante de um mundo onde crescem as formas de comunicação de massa de toda espécie, com os mais variados apelos e discursos, muitas vezes contraditórios, torna-se uma reação saudável o trabalho de crítica diante de tantos mestres. Neste contexto, “o evangelizador hoje deve ser, antes de mais nada, testemunha mais do que mestre”⁸⁶⁹.

Após essas considerações a respeito do papel fundamental do testemunho na ICA, repensemos, em diálogo com a mistagogia de Cirilo de Jerusalém, a concepção de transmissão da fé que perpassa nossa prática catecumenal com adultos.

4.3.5

A concepção de transmissão da fé

⁸⁶⁷ Cf. FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*. op. cit., p. 172.

⁸⁶⁸ Ibid.

⁸⁶⁹ DGAE 1999-2002, n. 117; DGAE 2003-2006, n. 98

A dinâmica mistagógica não compreende a transmissão como mera passagem de conteúdos e de conhecimentos elaborados por uma determinada comunidade, em um determinado momento histórico. Se pensada nesse sentido, teríamos uma experiência estática, apenas reprodutora de fórmulas e conteúdos, o que não poderia configurar uma adesão vital, mas sim intelectual. Ora, o Evangelho não é nem de longe um conjunto de saberes de ordem intelectual a serem apreendidos formalmente⁸⁷⁰. É o encontro com o próprio Deus que se revela, encontro vital que atinge a personalidade de cada um e que com ele estabelece uma relação dialógica⁸⁷¹. Já vimos que este pressuposto é prioritário para a construção de uma experiência mistagógica.

Ao olharmos para a ICA atual nos defrontamos com diferentes concepções da transmissão da fé. Vejamos um exemplo: é possível que queiramos transmitir não o Cristianismo, mas o Cristianismo tal como vivemos e pensamos, ou tal como viveram e pensaram as gerações que nos precederam⁸⁷². Essa forma de transmissão é bem diferente da que aprendemos com a mistagogia de Cirilo de Jerusalém. O conteúdo da fé cristã não é um depósito de verdades, normas e costumes, que podemos transmitir com algumas adaptações a novas condições de vida, e sim o diálogo com um Deus que é relação⁸⁷³.

A mistagogia compreende a fé como uma relação de intercomunicação entre a dimensão objetiva a ser transmitida e a dimensão subjetiva que experimenta e dialoga com o anúncio. A fé não é apenas uma experiência interior, pois abriga uma dimensão objetiva, possui uma história e uma tradição, princípios teológicos e doutrinários, experiências e orientações para a comunidade eclesial. Não é reinventada por cada geração e por cada pessoa. Tem uma data anterior comum, que é a mesma, independente do país, da cultura, do momento histórico com o qual dialoga⁸⁷⁴. No entanto, a fé também possui uma dimensão subjetiva que entra em relação com seu caráter mais estável e estabelece entre ambos uma

⁸⁷⁰ Cf. CASTIÑEIRA, À. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. op cit., p. 154; GALILEA, S. *Reflexiones sobre la evangelización*. Quito, Equador, CELAM/IPLA, 1970, pp. 33-34.

⁸⁷¹ Cf. LIBANIO, J. B. op. cit., pp. 227-228.

⁸⁷² Cf. VELASCO, J. M. op. cit., pp. 25-26.

⁸⁷³ Cf. PIÉDAGNEL, A. op. cit., p. 16; Cf. GONZÁLEZ FAUS, J.I. *Desafio da Pós-modernidade*. op. cit., p. 54

⁸⁷⁴ Cf. GIGUÉRE, P. op. cit., p. 36.

realidade dinâmica, capaz de transformar, tanto no plano de sua compreensão e de sua expressão como no que se refere ao seu caráter de experiência subjetiva⁸⁷⁵.

Compreender a transmissão da fé nessa dinâmica redimensiona os papéis e as ações geradoras no processo de ICA. O anúncio querigmático e os princípios da fé cristã são propostos, tomados como convites, como oferecimento. Um oferecimento que transmite vida, experiência, testemunho e, ao mesmo tempo, a alegria da convocação e da comunhão com Deus. Nem de longe é uma proposta que defenda uma atitude de indiferença, de missão cumprida que não se envolva e não se interesse pela resposta que essa interpelação venha a receber⁸⁷⁶.

Como vimos na mistagogia de Cirilo, para dar conta desta intercomunicação entre as dimensões objetiva e subjetiva da fé, ele buscava conhecer a realidade dos destinatários, suas particularidades: história, cultura, o contexto no qual viviam e os valores que orientavam suas vidas.

Na sociedade atual, o diálogo permanente com o grupo de catecúmenos e com a comunidade local permitirá que aflorem as diversas experiências e percepções, a pluralidade proveniente da originalidade. Enquanto ocorre esse acompanhamento mútuo, a dinâmica de alteridade configura o enriquecimento entre os interlocutores, o acolhimento da riqueza das diferenças e a descoberta de novos caminhos a partir das experiências partilhadas⁸⁷⁷.

Este tema nos lança em mais uma vertente dessa rica experiência, que consiste no diálogo que se estabelece entre Deus e cada pessoa e entre todos, diálogo marcado pela liberdade e pela alteridade.

4.3.6

Um encontro de liberdades

A antropologia teológica judaico-cristã concebe a pessoa humana criada na liberdade e para a liberdade⁸⁷⁸. Na ICA se dá um encontro de liberdades: entre

⁸⁷⁵ Ibid.

⁸⁷⁶ Cf. VELASCO, J. M. op. cit., p. 108.

⁸⁷⁷ Ibid., p. 136.

⁸⁷⁸ “A verdadeira liberdade é sinal da imagem divina no homem. Deus quis deixar nas mãos do homem sua própria decisão para que assim busque espontaneamente ao seu Criador, e aderindo livremente a este, alcance a plena e bem-aventurada perfeição”. “Não há lei humana que possa garantir a dignidade pessoal e a liberdade do homem com a segurança que comunica o Evangelho

Deus e seus filhos e filhas, entre os irmãos, entre estes e o mundo em que se situam, entre cada um e a Tradição que os precedeu.

Segundo esta compreensão, na transmissão da fé, não há polaridade entre sujeitos ativos e sujeitos passivos⁸⁷⁹, e sim na relação dinâmica e renovadora de todos e de cada um. Os catequistas, os catecúmenos, a comunidade local, a Igreja e a sociedade, todos participam do anúncio querigmático. Este é dinâmico, vivo, restaurador, é tarefa hermenêutica realizada a muitas mãos e muitas vidas. E, fundamentalmente, é anúncio que parte da iniciativa do Espírito de Deus que atua em todos os ângulos dessa dinâmica relacional e convida à resposta que se traduz em vida nova.

À medida que a ICA reúne decisão, comunhão e participação, esta experiência torna-se fecunda e capaz de congregar sujeitos ativos e responsáveis frente à proposta da Revelação. A fé cristã é resposta dada por homens e mulheres a uma proposta que lhes é feita em Jesus Cristo e por ele. É resposta a um convite: “Segue-me”(Mc 2,14; 10,21); “Se queres...” (Mt 19,21); “Vinde e vereis” (Jo 1,39); “Se alguém quer vir em meu seguimento...” (Mc 8,34). A Revelação é um convite à liberdade. Sem dúvida, o ato de fé possui um caráter livre e pessoal, pertence à ordem da resposta, evoca consciência e compromisso, experiência e conversão, revisão de vida e novas escolhas⁸⁸⁰.

Em Cirilo de Jerusalém vimos que a profissão de fé, teologia firmada na trajetória da comunidade cristã, é assumida como continuidade e compromisso, como testemunho e resposta pessoal⁸⁸¹. A profissão de fé é formulada em primeira pessoa: “*Creio em Deus... e em Jesus Cristo... Creio no Espírito Santo...*”⁸⁸². Ninguém pode crer pelo outro. Ninguém pode se comprometer no lugar do outro. Mesmo em sua dimensão comunitária, a resposta da fé nunca poderá suprir a decisão pessoal.

Algumas vezes, a condição de liberdade no ato de fé pode assustar, porque compromete e, ao exercê-la, entra-se em contato com toda uma riqueza e também

de Cristo, confiado à Igreja. O Evangelho anuncia e proclama a liberdade dos filhos de Deus (...) respeita santamente a dignidade da consciência e sua livre decisão”. GS 14 e 41.

⁸⁷⁹ Cf. VELASCO, J. M. op. cit., p. 26.

⁸⁸⁰ J. B. Libanio afirma que a profissão de fé “*Eu creio*” é uma resposta livre a uma proposta de Deus. Deus criou o homem em liberdade e respeita-lhe esta prerrogativa no diálogo que estabelece com ele. Se tanto a liberdade divina como a humana são envolvidas por um mistério, o ato de fé só pode ser entendido como resposta livre”. Cf. Ibid., p. 191.

⁸⁸¹ CM II, 4.

⁸⁸² DENZINGER, E. *El magisterio de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1995, p. 6

com as limitações do tornar-se pessoa e aprender a viver em comunidade, na dinâmica das relações fundamentais. Contudo, não há outro caminho para o ato de fé. Ele é constituído pela aceitação livre, pela decisão pessoal e mais do que fixado em um momento de adesão, é resposta a cada situação, necessitando ser abraçada e renovada incessantemente⁸⁸³. Por isso mesmo, a resposta da fé é uma orientação existencial, um compromisso que requer movimento, discernimento, riscos e também equívocos⁸⁸⁴. É o caminho mistagógico, um caminho que conduz à maturidade da fé e das relações fundamentais da pessoa humana. E tudo isto começa com o consentimento livre, com uma experiência interior.

A ICA hoje, se dá em uma lógica que concilie o anúncio querigmático e a liberdade de cada pessoa. A experiência de fé não pode ser um pressuposto e nem a doutrina cristã pode ser uma solução. Em nossa sociedade, a ICA deve se realizar em outro paradigma⁸⁸⁵. Não cabem nessa dinâmica estados de dependência ou de submissão, de acomodação ou de repetição mecânica. Estes sinalizam, ao contrário, a ausência de uma fé amadurecida no compromisso pessoal. Uma das tarefas mais importantes de um mistagogo consiste em auxiliar os iniciantes no discernimento e na tomada de consciência.

Como consequência dessa participação de cada iniciante no itinerário da Iniciação Cristã, é natural que se considere todas as dimensões presentes em sua estrutura, e não apenas as que estão relacionadas com o catequista e orientadores da comunidade local. A participação dos iniciantes na avaliação e planejamento do processo de Iniciação Cristã coloca esta estrutura em constante revisão e reconstrução, de acordo com a realidade que se apresenta e suas novas interpelações.

Afirmar a participação ativa de todos no processo de evangelização, é respeitar o princípio dialógico onde é a alteridade que orienta as relações. É afirmar a legitimidade da diferença, sua riqueza e fecundidade, sem, contudo, abrir mão da identidade e dos referenciais que servem de base e orientação a este diálogo.

⁸⁸³ Cf. ANTONIAZZI, A. op. cit., 263.

⁸⁸⁴ Cf. GIGUÉRE, P. op. cit., p. 120.

⁸⁸⁵ Cf. IBÁÑEZ, P. G.; ÁLVAREZ, D. M. e CURSACH, J. L. S. op. cit., p. 16.

Após tratarmos da dimensão interativa na ICA, compreendendo-a como um encontro de liberdades, abordaremos o tema das comunidades, células vivas da Igreja, espaços fecundos na experiência da fé cristã.

4.3.7

Comunidades de vida

E como falar de anúncio, de testemunho, de transmissão da fé e de alteridade sem tocarmos em mais um dos temas fundamentais para o Cristianismo: a comunidade? É verdade que a modernidade decretou a crise das instituições e dos discursos e orientações que delas advêm. Então, como tratar de uma realidade tão presente e fundamental no Cristianismo se encontramos posturas céticas e resistentes nas gerações com as quais trabalhamos? Por outro lado, será que temos comunidades verdadeiras para acolher aos iniciantes na fé cristã?⁸⁸⁶

A Igreja, enquanto instituição, também foi atingida pelo fenômeno de desvalorização da tradição e das instituições na sociedade moderna. Ampliando esta chave de leitura encontramos tal crise atingindo os sistemas globais de sentido e a perda das estruturas imaginárias de continuidade, ligadas à estabilidade da pertença familiar, local, cultural e histórica. Vive-se uma ruptura do pensamento linear e de continuidade, que inscrevia as pessoas e os grupos em um universo de sentido ligado às comunidades de pertença⁸⁸⁷.

Por outro lado, crescem as relações baseadas em vínculos interpessoais sólidos e duradouros e não apenas funcionais⁸⁸⁸. São essas relações que produzem as experiências pessoais de construção de identidade por estabelecerem as condições para a construção da dinâmica da intersubjetividade: o diálogo, a liberdade e a alteridade. Construir vínculos comunitários, é desafio e condição

⁸⁸⁶ A crise da transmissão da fé também está relacionada com a crise das comunidades, com o individualismo moderno, com a ausência de testemunhos de conversão e apostolado, capazes de mostrar ao mundo a Boa Nova do Cristianismo com renovado ardor. Cf. METTE, N. op. cit., p. 231; GONZÁLEZ-CARVAJAL, L.G. *Evangelizar en um mundo postcristiano*. op. cit., pp. 137-139; MIRANDA, M. F. *Um homem perplexo*. São Paulo: Loyola, 1992, pp. 22-25.

⁸⁸⁷ Cf. VELASCO, J. M. op. cit., p. 42.

⁸⁸⁸ Sobre esta questão ver LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade*. São Paulo: Loyola, 2001, pp. 157-164.

para que a ICA encontre campo fecundo para a sementeira e para que se estruture⁸⁸⁹.

O Magistério da Igreja afirma que a fé é um caminhar pessoal, mas também considera que ela é construída e amadurecida na vida comunitária⁸⁹⁰.

Paulo VI, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, proclama:

Aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se, em nome de Jesus, para conjuntamente buscarem o reino, para edificá-lo e para vivê-lo. Eles constituem uma comunidade também ela evangelizadora⁸⁹¹.

A vida comunitária não é uma experiência de socialização, mas fruto da experiência sacramental de Igreja, que tem na Celebração Litúrgica sua referência central: Jesus Cristo. A reforma litúrgica impulsionada pelo concílio Vaticano II já destacava a importância de conduzir os fiéis ao Mistério como um objetivo irrenunciável. Diz a *Sacrosanctum Concilium*: “A santa Madre Igreja deseja ardentemente que se leve a todos os fiéis àquela participação plena, consciente e ativa nas celebrações litúrgicas que exige a natureza da liturgia mesma”. A razão aparece um pouco mais adiante: “porque esta participação é a fonte primária e necessária em que hão de beber os fiéis o espírito verdadeiramente cristão”⁸⁹².

Na mistagogia, o processo recepção da Tradição é tratado como uma atitude de acolhida de uma ‘herança’ legitimada pela experiência do Povo de Deus, seja na Palavra revelada ou nas orientações do Magistério eclesial. Cada iniciante, recebe esta ‘herança’ como tesouro do qual passa a participar. Ele a assume e a torna sua, se apropria deste legado de forma pessoal e normativa, e passa a transmiti-lo⁸⁹³. Este processo comporta, por um lado, o lugar da comunidade na vida pessoal e, por outro, a apropriação pessoal do que é transmitido.

⁸⁸⁹ Apenas grupos vitais constituem o meio para que surjam e se desenvolvam tais relações. Esses grupos são justamente as comunidades: sua situação estrutural na intersecção da esfera privada e pública as converte em lugar social privilegiado, em meio por excelência para a transmissão do Cristianismo como forma de vida e sistema de valores às gerações futuras. Cf. VELASCO, J. M. op. cit., p. 57.

⁸⁹⁰ *DGAE* 1999-2002, n. 15.

⁸⁹¹ *EN* 13.

⁸⁹² CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*, 1965, n. 14.

⁸⁹³ CF. FORTE, B., op. cit., pp. 62-64.

Já apresentamos que todo esse processo é vivenciado no interior das comunidades que se colocam na trajetória do projeto de Deus para a humanidade. Por outro lado, ao gerar um novo conjunto de experiências e ideias, cada comunidade torna-se mistagoga no mundo, ou seja, torna-se sinal que fecunda o Mistério de Deus no mundo⁸⁹⁴.

J. M. Velasco recorda a proposição do Concílio Vaticano II sobre a ação eclesial e o lugar da comunidade enquanto testemunho cristão no mundo.

O Concílio Vaticano II nos ajudou a tomar consciência de que o sujeito, quando se fala de Igreja e suas ações e, portanto, da transmissão, é a Igreja inteira, toda ela povo de Deus. Isso comporta que o peso na realização da transmissão deveria passar, da Igreja em geral, com frequência identificada com a hierarquia, às comunidades vivas, às fraternidades em que estas existem e das quais constam as Igrejas particulares, de cuja comunhão se constitui a Igreja universal. A transmissão da vida cristã não se efetua tanto por proposição oficial de enunciados de fé, dogmas, princípios e normas, quanto pela possibilidade real de uma identificação prática com pessoas e grupos em que se têm feito realidade viva – e, assim, oferta de sentido vital para outros – aspectos fundamentais dessa ‘forma de vida’ na qual consiste o cristianismo⁸⁹⁵.

A comunidade é o lugar onde a mistagogia deve se tornar realidade, como mediadora do Mistério de Deus, na experiência do amor fraterno, na busca de respostas cristãs às questões existenciais, no cultivo da esperança escatológica da realização plena da Criação, segundo o projeto salvífico. “*Que o vosso amor seja rico ainda, e cada vez mais, em clarividência e plena percepção para discernir o que melhor convém*”⁸⁹⁶.

O papa João Paulo II, em discurso aos bispos do Brasil, remete a toda a comunidade a missão de evangelizar, e foca a experiência de comunhão como principal testemunho da comunidade eclesial.

(...) Assim estaremos forjando uma comunidade eclesial repleta de vitalidade e evangelizadora, que vive uma profunda experiência cristã alimentada pela Palavra de Deus, pela oração e pelos sacramentos, coerente com os valores evangélicos na sua existência pessoal, familiar e social⁸⁹⁷.

⁸⁹⁴ Cf. VELASCO, J. M., op. cit., p. 30.

⁸⁹⁵ VELASCO, J. M., op. cit., p. 78.

⁸⁹⁶ Cf. Fl 1,9.

⁸⁹⁷ JOÃO PAULO II. Discurso para os bispos dos Regionais Oeste 1 e Oeste 2. In: *Palavra de João Paulo II aos bispos do Brasil*. Paulinas, São Paulo, 2003, n. 2.

Se hoje muitos não encontram a comunidade de vida cristã que lhes oportuniza uma experiência mistagógica, onde se dê um conhecimento mais profundo do Mistério, juntamente com um autêntico conhecimento mútuo e laços de fraternidade concretos, cabe-nos rever a caminhada de nossas comunidades e resgatar esse processo fundamental. As comunidades locais são chamadas a ser contextos vitais, pois sua vocação é fazer a experiência concreta do amor que lhe é revelado e, assim, transformar as condições de vida em direção a um mundo mais humano e à espera do advento do Reino definitivo⁸⁹⁸.

Conclusão

Neste último capítulo, articulamos os dados apresentados e refletidos nos capítulos anteriores na direção da construção de um processo mistagógico que atenda à realidade da Iniciação Cristã de Adultos para os nossos tempos.

Um fator fundamental para esta atitude de resgate da Mistagogia foi constataremos, no confronto com a cultura atual – modernidade, pós-modernidade, modernização reflexiva –, muitos sinais de uma nova subjetividade, que traz consigo a gênese de uma dinâmica relacional. Emerge uma subjetividade que considera o ser humano de maneira integrada, em suas muitas dimensões, vivendo em um sistema complexo de relações com o mundo e com as pessoas. É uma subjetividade que se abre para a relação dialógica e que, através das práticas discursivas intersubjetivas, reconstrói seus significados e suas escolhas fundamentais. Neste sentido, estamos diante de um momento privilegiado para a evangelização, em que a subjetividade está aberta a novas experiências estruturantes e que se dá conta de que é o encontro com o outro, consigo mesmo e com o mundo que a conduzirá à realização.

A Iniciação Cristã de Adultos é matéria-prima para a evangelização em nossa sociedade, pois reúne temas-chave do Cristianismo como: identidade, comunidade, testemunho e missão. Mais do que buscar novas metodologias que dialoguem com o nosso tempo, a ICA pede uma fundamentação teológica que resgate sua essência e aponte caminhos pastorais. Esse quadro nos conduziu a duas experiências de Igreja: a Igreja-fonte de *Cirilo de Jerusalém*, em meados do século III, e a Igreja-local, na *Casa de Oração Batismo do Senhor*, no início do

⁸⁹⁸ Cf. PAGOLA, J. A., op. cit., pp. 52-53.

século XXI. Apesar do distanciamento histórico e contextual, há entre estas duas experiências uma ligação que possibilita a aproximação de natureza teológica: seu eixo referencial é a Mistagogia.

Após analisarmos as duas experiências de Igreja trouxemos pressupostos teológicos e princípios orientadores para o desenvolvimento do eixo mistagógico como referencial para a ICA atual. Além dessa sistematização com relação à ICA, acreditamos que a Mistagogia estabelece uma parceria fundamental no que concerne à evangelização: uma articulação entre o saber teológico e a ação pastoral-pedagógica, ou seja, entre o conhecimento específico de cada um desses saberes enquanto caminho profícuo na busca de respostas eficazes para a missão de evangelizar.

Desde os primórdios da caminhada da Igreja, encontramos o anúncio do *kerigma*, razão de ser da nova proposta salvífica que surge da experiência de encontro com Jesus, vivida pelos apóstolos, testemunhada e anunciada por seus seguidores e discípulos. O anúncio evangélico não era transmitido como uma adesão intelectual, mas com o ardor daqueles que experimentavam na própria vida o mistério pascal. Tornavam-se, mais do que anunciadores, testemunhas do Mistério.

Ser testemunha já é parte fundamental na dinâmica de comunicação da verdade de fé. O testemunho é percebido através da adesão pessoal ao Evangelho, que se reflete nas atitudes, na postura existencial, na experiência de fé que se faz palpável, realidade. Por isso, com base nesta experiência aquele que anuncia e testemunha, também convoca para a ela. O fundamental é que o mistério pascal de Cristo se torne realidade na experiência pessoal e transborde nas experiências relacionais e sociais.

Sendo assim, a ICA e os demais processos de evangelização não são fins em si mesmos, são meios. São momentos privilegiados e fundamentais nesse processo, porém enquanto mediações, necessitam estar atentos e abertos à escuta permanente da dinâmica da Revelação na experiência pessoal e comunitária, na Palavra revelada nas Escrituras, na Tradição, no Magistério da Igreja e nas interpelações que a sociedade apresenta.

A experiência mistagógica vivida na prática pastoral de Cirilo de Jerusalém não é uma proposta defasada com a realidade. Suas *Catequeses Mistagógicas* reúnem pressupostos teológicos e princípios pedagógicos que em

muito auxiliam a compreensão da dinâmica da ICA e que não podem deixar de estar presentes. Ao resgatarmos a experiência mistagógica nas orientações de Cirilo de Jerusalém nos colocamos no dinamismo da fé peregrina rumo à luz maior. Na verdade, é este mesmo o impulso fontal da teologia:

O conhecimento da fé expressa a necessidade de dizer a luz obtida, não para fazer cessar a busca, mas para dar-lhe um apoio que a ajude a comunicar-se e ir avante. A fé, início da teologia, é também o seu limite inexorável, que sempre denuncia sua provisoriedade e recorda o seu caráter de balbúcio do Mistério, sempre ainda aberto às surpresas de Deus⁸⁹⁹.

O grupo de Catecumenato com Adultos da *Casa de Oração Batismo do Senhor* local participa da caminhada da Igreja, está imbuído da uma teologia fiel às orientações do Magistério e que, ao mesmo tempo, é capaz de dialogar com nosso tempo sem perder seu enraizamento na Palavra e na Tradição. É uma comunidade viva, apostólica que, a nosso ver está entre muitas comunidades que se tornam testemunhas de Cristo no mundo, profundamente encarnadas no mundo e co-responsáveis no projeto de Deus para seus filhos e filhas.

A crise da pastoral tradicional reclama a urgência de uma revisão profunda do processo de ICA, da vitalidade das comunidades e do modo concreto de viver a relação Igreja-mundo e fé-cultura.

Nossa reflexão se propõe a confirmar a importância de uma ação pastoral-pedagógica fundada nos princípios que nortearam a Igreja dos primeiros séculos, não como uma repetição mecânica de um processo distanciado em muito na história, mas como eixo orientador, como chave de compreensão e de revisão da ação evangelizadora atual. A ação evangelizadora vem buscando renovar-se à luz das orientações do Magistério e do diálogo com os novos tempos. A experiência mistagógica nos lembra que a participação dos fiéis na dinâmica pastoral e sua inserção eclesial deve ser acompanhada desde a iniciação, e buscar uma participação frutuosa, interna e externa, na qual o fiel se deixe configurar com Cristo ressuscitado, pela ação do Espírito Santo.

A experiência de Deus não se dá de maneira dispersa, distraída, dissipada no esquecimento sistemático de si mesmo. A mistagogia nos fala de que o encontro com Deus supõe um caminhar, uma existência que caminhe até a centralidade da pessoa, na mais profunda intimidade e, na densidade desta

⁸⁹⁹ FORTE, B. op. cit., p. 58.

experiência, o encontro com a mais radical alteridade, a presença de Deus. É uma experiência que leva a pessoa a superar a dupla tentação de desistir, perder a esperança de encontrar o sentido da vida, ou pretender realizar-se por si mesma, e que a conduz à abertura ao Mistério que se oferece e que a faz ser.

É uma experiência que retoma a dinâmica primordial da fé, de encontro com a verdadeira Transcendência. Na sua imensa rede de relações, a mistagogia nos coloca diante da origem da experiência de fé, ou seja, nos coloca diante de Deus e, a partir desta centralidade, todos os elementos do processo passam a assumir o lugar de mediadores, sejam os agentes da evangelização, os destinatários, a estrutura, os instrumentos selecionados, os conteúdos, a comunidade, a sociedade. Os elementos que se articulam em torno do eixo mistagógico, tornam-se não os primeiros agentes, mas os colaboradores do Espírito, e responsáveis em auxiliar as pessoas e comunidades no crescimento de sua vida em Cristo.

Concluimos este capítulo, com as palavras do Papa João Paulo II, na sua Mensagem por ocasião do Dia Mundial da Paz, confirmando a premência de que a religião seja força propulsora de uma nova humanidade:

A religião possui uma função vital para suscitar gestos de paz e consolidar condições de paz, podendo desempenhá-la de forma tanto mais eficaz quanto mais decididamente se concentrar naquilo que lhe é próprio: a abertura a Deus, o ensino da fraternidade universal e a promoção duma cultura solidária⁹⁰⁰.

⁹⁰⁰ JOÃO PAULO II, Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz, 1º. de janeiro de 2003, *Pacem in Terris: um compromisso permanente*, n. 9. Disponível em: <http://www.arquidiocese.org.br/paginas/jp2003.htm>. Acesso em: 6 de junho de 2008.

Conclusão Geral

O tema que nos propusemos a analisar e desenvolver neste trabalho partiu de uma convicção fundamental: **a presença e a implicação de Deus na totalidade do ser humano e do mundo**, até o ponto em que toda e qualquer experiência religiosa e cristã desta presença exige uma sintonia com o Mistério imanente e implícito na história, na vida de seus filhos e filhas, na dinâmica da Criação.

Não transcorremos esta elaboração sem uma experiência pessoal e comunitária da Mistagogia, ou seja, este caminho “acadêmico” foi, para nós, um caminho no qual nos deixamos conduzir pelas mãos do Senhor, buscando estarmos atentos às fontes da Revelação, à sua dinâmica da história da humanidade e na experiência particular do grupo em Catecumenato da Casa de Oração Batismo do Senhor.

Nosso mistagogo nesse caminho foi Cirilo de Jerusalém, com quem nos identificamos e nos afiliamos com confiança nos passos com os quais conduziu sua comunidade primeira, em Jerusalém, e que se tornam fontais para a caminhada eclesial de todos os tempos. Apesar de ter atuado pastoralmente em uma cultura específica, a relevância de sua obra é universal. Trazemos as palavras da teóloga Lina Boff sobre a relevância do retorno às fontes da Revelação.

A renovação teológica das duas primeiras décadas do século vem confirmar novamente a lei geral: cada realidade religiosa redescoberta vem sempre acompanhada de uma nova consulta ‘às fontes’. O retorno às fontes busca confirmação, apoio, alimento e inspiração nos grandes ‘lugares teológicos’. A comunidade, portanto, é criação do Espírito do Senhor que a sustenta com sua força e a faz evento de comunhão em torno do anúncio⁹⁰¹.

Queremos dizer com tudo isso que acreditamos que **a teologia se faz também como caminho mistagógico**. É Deus mesmo que inspira nosso serviço específico e, ao mesmo tempo, condicionado pelas circunstâncias pessoais, históricas, construções e práticas discursivas. Além disso, nossa interpretação procurou partir de dentro das fontes da Tradição e do interior de uma experiência comunitária, a fim de que pudéssemos estabelecer um diálogo que não decidisse ‘a priori’ o significado da Mistagogia ontem e hoje. No entanto, nossa elaboração

⁹⁰¹ BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia*. op. cit., pp. 102-103.

não pretendeu ser mimética, mas estabelecemos um diálogo com a experiência mistagógica atual de corte crítico e reflexivo de seu significado.

Nossa consciência e compreensão prévia foi uma forma de questionamento, de preocupação e aproximação com as questões que emergiram para nós como relevantes no processo de Iniciação Cristã de Adultos. Enfim, ousamos nos situar como intérpretes, hoje, de uma fonte de sabedoria da Igreja dos primeiros tempos, confiantes de que esta interpretação foi mediada pela experiência do Mistério em todo o seu percurso. Fazemos nossas as palavras de J. Libanio sobre o fazer teológico:

No entanto, ela situa-se também num tempo, espaço, cultura, produzida por homens ou mulheres, obra de uma instituição ou de uma pessoa, de caráter oficial ou espontâneo. Essas determinações conotam limitação. Enquanto situada percebe aspecto próprio desse lugar. Sua riqueza. Mas é condicionada por ele. Seu limite. Numa palavra, todo lugar de conhecimento e de produção teórica possibilita ver a verdade universal, mas, simultaneamente, limita-a⁹⁰².

Nossa hermenêutica também visa potencializar a ação, no caso, contribuir para a reflexão quanto à identidade teológica da Iniciação Cristã de Adultos hoje e quanto ao caminho mistagógico que motiva uma nova fundamentação e articulação dos elementos que participam desse processo.

Ao final deste percurso desejamos trazer três temas que, a nosso ver, são elementares na reflexão sobre a Mistagogia: **o Mistério, o Caminho e o Espírito que tudo renova e integra**.

Em tempos de tanta desconfiança, desejo de tudo controlar e desvendar, até mesmo os enigmas mais profundos da humanidade e de seus arquétipos, a ideia de Mistério se defronta com a polaridade entre aqueles que se rendem ao Mistério, tremendo, fascinante⁹⁰³, atraente, revelado e por se revelar; e aqueles que desejam decifrá-lo por intermédio dos instrumentais das ciências físicas ou humanas. A Mistagogia nos coloca diante do primado do Mistério, presente e revelante, em movimento, em dinamismo compassivo e pedagógico, dialógico e paciente. Evoca o mergulho no mais profundo do humano, na sua ontologia-

⁹⁰² LIBANIO, J. B. A Teologia da Libertação. In: ALMEIDA, E.F. e NETO, L. L. (orgs) *Teologia para quê?* Rio de Janeiro: Mauad e Mysterium, 2007, p. 35.

⁹⁰³ R. Otto traduz a experiência religiosa com a expressão *mysterium tremendum et fascinans*. Cf. OTTO, R. *Il Sacro*. Milão: Feltrinelli, 1966, pp. 23-29.

existencial. Não se sobrepõe, nem se impõe; mas ecoa, apresenta-se, provoca e anuncia o novo libertador e realizador de si e de todos.

O ponto principal é que o ser humano não é auto-centrado, como um indivíduo autônomo, mas é criatura, cuja essência é aberta ao absoluto. Sua natureza já o envolve para uma relação como Mistério divino. Por isso, a mistagogia não é um lugar de encontrar a transcendência no mundo das pessoas, mas de despertar nelas mesmas, concretamente, que desde sempre, estão imersas no Mistério de Deus⁹⁰⁴.

Aqui reside a importância da linguagem evocativa, simbólica, pois é linguagem aberta e mediadora, potencial e narrativa. Dentre as linguagens presentes na experiência religiosa, aquela que reúne eficazmente este significado é a Liturgia; no caso da experiência cristã, é a Celebração Eucarística. Todo rito litúrgico realiza esta experiência, insere a pessoa no diálogo fecundo com Deus. No entanto, a Celebração Eucarística, insere o cristão no próprio Mistério de Deus, no seu coração, no encontro único e singular com Jesus Cristo. O Cristianismo não é uma filosofia do infinito, mas uma aceitação da particularidade de Deus que se revelou plenamente em Jesus de Nazaré⁹⁰⁵.

O Mistério experimentado na Celebração Eucarística não é puramente retórico, mas tem caráter de penetração progressiva no Mistério Pascal. É referente à realidade pessoal e comunitária, e não é uma referência secundária, mas sim a referência última (no sentido de princípio e fim). Esta experiência torna-se de tal forma central que faz repensar as demais referências do cotidiano e da história, deslocando para ela o foco de sentido. Consiste em uma espécie de antecipação da experiência fundamental em Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, um convite ao discipulado e à conversão existencial e cósmica. A experiência litúrgica torna-se um lugar privilegiado, não é uma tarefa a ser cumprida, não tem caráter emocional ou intelectual, e sim performático, configurando o fiel em Cristo Jesus, progressivamente.

Cirilo de Jerusalém é mais do que um catequista, é um místico. Se pudéssemos criar uma metáfora de sua atitude, diríamos que Cirilo faz catequese ‘de joelhos’. É o Mistério que o orienta, que guia seus passos e suas palavras. É o Mistério que o conduz e que o ensina a conduzir os catecúmenos e neófitos. É o

⁹⁰⁴ Cf. BACIK, J. J. op. cit., p. 50.

⁹⁰⁵ Ibid., p. 60.

Mistério que o ensina a agir pastoralmente e a encontrar os caminhos de sabedoria, ante os conflitos ideológicos de seu tempo. Em suas Catequeses, o Mistério de Deus é mais do que um tema ou fio condutor, é o próprio ar que se respira, nutre e renova a vida de seus ouvintes de todos os tempos.

Abrindo as portas a esse dinamismo, **a Mistagogia encontra eco no próprio coração humano**, porque não tenta convencer a pessoa desde fora de sua experiência. Ao contrário, ela se sintoniza com a experiência pessoal e decodifica para a própria pessoa, significantes e significados que ela reconhece. **A Mistagogia mobiliza uma auto-descoberta**, pois a pessoa se sente convidada desde dentro a ser partícipe do projeto de Deus, e não alguém que recebe ou solicita algo desde fora. **A Mistagogia também é abertura às relações fundamentais**, conduzindo a pessoa à integração de todas as relações, num processo para dentro e para fora de si mesma, refletindo sobre sua transcendentalidade essencial e unidade com a humanidade, com o cosmos e sua plenitude. **A Mistagogia é uma dimensão transcendental**, pois a pessoa se dá conta de que o que se revela de dentro de si e que identifica nos sinais na história e na Criação é o Mistério absoluto que dá sentido à toda existência.

O segundo tema é **o Caminho**. Ele nos propõe uma postura clara de mediação, de formação de discipulado, de dinamismo, de amor misericordioso em um rosto de Deus revelado por Jesus, capaz de esvaziar a si mesmo por amor a todos os seus filhos e filhas⁹⁰⁶. Evangelização não se confunde com querigma. Teologia não se confunde com Boa Nova. São **linguagens da diaconia**, servem à mistagogia na medida em que colocam como reflexão da experiência pessoal e comunitária da Graça de Deus atuante. Teologia é também caminho de iniciação ao Mistério que aponta para além de si mesma, para a fonte e horizonte de todos os seus esforços, a fim de iluminar a experiência humana⁹⁰⁷.

Um outro aspecto deste tema é a dinâmica da própria vida humana, na qual muitos acontecimentos são interligados e, pouco a pouco, começam a tecer o fio invisível da presença inefável de Deus, orientando a existência humana e a história ao seu sentido último. Este é um caminho pelo qual todo ser humano transita, e que, para o cristão, é demarcado pelas fontes da Revelação e pela experiência central do encontro com Jesus Cristo. Vejamos este aspecto sob dois

⁹⁰⁶ Cf. Fl 2,6-11.

⁹⁰⁷ Ibid., p. 46.

vértices: o que vem de dentro da pessoa humana, impulsionando-a a um agir amoroso, misericordioso, fraterno, humanizador; e o que vem de fora da pessoa humana, interpelando-a para este mesmo agir.

No primeiro vértice, podemos trazer algumas demandas internas: a busca de uma ética de responsabilidade, a busca do significado através da estética, a busca da liberdade para todo ser humano, o desejo de enfrentar o mal em favor do humano (principalmente do inocente). No segundo vértice, podemos citar ‘lugares’ nos quais a experiência de Deus interpela o ser humano: a própria condição humana e sua contingência; a entrega da vida ao enfrentamento da injustiça; a oração e o perdão; a dimensão simbólica da realidade e do ser humano; a busca do infinito; o rosto do ‘outro’; as contingências pessoais; os momentos de limitações e sofrimento; a interpelação que emerge da beleza.

Desejamos pontuar com esta dupla interpelação – de dentro e de fora da pessoa humana –, a presença de Deus na Criação, pulsando e convocando o ser humano a trilhar um caminho de sentido último para si e para todo o cosmos. Em virtude desta relação, entre a Criação e o Criador, a mistagogia torna-se um caminho que revela ao ser humano a teofania, a presença de Deus que irrompe e convoca toda a Criação ao seu destino único.

Cirilo de Jerusalém é aquele que convida e se disponibiliza a acompanhar o caminho que é iniciado ao experimentar o Batismo, em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. É aquele que não simplifica ou facilita o processo de conversão, mas, ao contrário, é firme, exigente, coerente e, ao mesmo tempo, anuncia o rosto de Deus compassivo, presente e misericordioso. É aquele que proclama o anúncio querigmático com toda a sua alegria e novidade, atraente e encantador. É aquele que exorta seus filhos e filhas a trilharem este caminho ao longo de toda a sua vida, com perseverança, fidelidade e criatividade.

O terceiro tema que desejamos trazer é **o Espírito que tudo renova e integra**. É comum encontrarmos nas práticas discursivas atuais a linguagem dualista, não apenas no que concerne à concepção de pessoa humana, mas também com relação ao Mistério de Deus: imanência e transcendência, fé e vida, religião e ética, rito e compromisso. Essas realidades são expressas muitas vezes como separadas, ou na melhor das hipóteses, dependentes. Trazemos aqui as palavras de K. Rahner: “O mundo em sua totalidade se encontra sob a graça de

Deus. Se trata de um fator interno à realidade criada, que tem seu ponto culminante na encarnação, e encontra sua culminância na escatologia”⁹⁰⁸.

A Mistagogia é caminho no qual o Espírito de Deus move, renova e integra o ser humano e todas as suas relações. O sopro do Espírito no coração humano o conduz à vida, ao compromisso existencial, à dimensão praxica e escatológica do seguimento de Jesus. Se não for assim, não é mistagogia. Torna-se uma experiência descolada da realidade, desintegrada da vida. Portanto, se não faz eco na existência, não responde ao sopro do Espírito Criador e Transformador.

Em outras palavras, não podemos dizer que a pessoa hoje tenha perdido seu sentido de Mistério, sua necessidade de ritos, que tenha abandonado sem mais a experiência religiosa ou mesmo que não tenha mais necessidade de expressar sua fé e buscar orientações para suas escolhas e metas. Mas, devemos sim, nos perguntar se estamos sendo mistagogos no processo de Iniciação Cristã e nos caminhos da evangelização; se não estamos impondo ritos que não fazem sentido no coração humano; se não estamos abusando da linguagem expositiva em detrimento das linguagens que evocam o Mistério no mais profundo do ser humano, da Igreja, da história, e de toda a Criação.

Esta interpelação nos conduz ao tema da experiência comunitária de Igreja. O Espírito vem e é acolhido na comunidade de fé. O Espírito convoca, movimenta, inflama, impulsiona na direção do projeto de Jesus. Seu convite reúne a comunidade de fé e constrói seu sentido de identidade e de pertença, sua vocação e sua razão de ser: testemunhar e anunciar Jesus Cristo ao mundo. É a experiência do Espírito que provoca, que renova e que integra a *ekklesia*, a *koinonia* e a *diakonia*⁹⁰⁹.

Quando visitamos a Casa de Oração Batismo do Senhor, não por acaso ou afinidade de propósitos, identificamos ali uma experiência da Mistagogia, por vivenciarem uma forte comunhão eclesial, fruto da acolhida ao Espírito e da sua experiência litúrgica, que a movimentava na direção do discipulado⁹¹⁰. É o sentido que Cirilo de Jerusalém dá à participação no Mistério de Cristo. Ele chama de

⁹⁰⁸ RAHNER, K. Orden Sobrenatural. In: *Sacramentum Mundi* IV, Barcelona: Herder, 1973, pp. 390-396.

⁹⁰⁹ Sobre o tema da pneumatologia na comunidade de fé ver o trabalho de BOFF, Lina. *Espírito e Missão em Lucas*. op. cit., pp. 180-190.

⁹¹⁰ “O fato de que as comunidades cristãs vivam em comunhão de vida e de compromisso histórico com o propósito de Deus, não é secundário; este fato quer ser uma resposta à própria consciência de Igreja que a comunidade tem”. BOFF, Lina. *Índole escatológica da Igreja peregrinante*. op. cit., p. 19.

koinonia, categoria cara para a teologia e que, para Cirilo, reúne comunhão e participação como caminhos de inserção no Mistério de Cristo. Não uma participação externa, como tarefa a ser cumprida, mas uma participação como fruto da comum+unidade com a Igreja.

Na experiência eclesial, o pólo pessoal e o pólo comunitário são respeitados em sua originalidade e também articulados incessantemente. É caminho pessoal e caminho comunitário. É caminho da Igreja particular e das comunidades locais e, caminho da Igreja universal. É caminho da Igreja e caminho de toda a História da humanidade. Nesse ponto, **Mistério, Caminho e Espírito** são uma única seiva que tudo percorre na história da grande família dos filhos e filhas do único Pai que a todos ama e para todos criou o Universo e viu que “*tudo era bom!*” (Gn 1, 4.9.12b.18b. 25c.31)

O Sínodo dos Bispos de 2005 trabalhou com o tema da Eucaristia como fonte e ápice da vida e da missão da Igreja e, desde os Lineamenta, a mistagogia veio à tona como um resgate fundamental, a partir dos Santos Padres: “O tema da mistagogia deve ser compreendido como introdução ao Mistério da presença do Senhor e, deve-se acentuar a necessidade de levar o homem de hoje a uma mais profunda aproximação a Deus, já que vive em ambientes onde parece negar-se a existência do mistério”⁹¹¹.

Em consonância com a maternidade eclesial, desejamos que este re-caminhar nas fontes e nas raízes da Tradição possa se tornar memória viva para o nosso presente, especialmente para o processo de Iniciação Cristã de Adultos. Que possamos estar em parceria, teologia e pastoral, e, em unidade com a sabedoria dos Santos Padres, manter em nossas comunidades o coração pulsante e sempre novo da fé em Cristo Ressuscitado.

⁹¹¹ SÍNODO DOS BISPOS. XI Assembléia Geral Ordinária. *A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. Instrumentum Laboris, 2005. Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 29 de setembro de 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAGRADA ESCRITURA

Bíblia de Tradução Ecumênica, TEB, São Paulo: Loyola, 1994

FONTES PATRÍSTICAS

CIRILO

CROSS, F. L. In: CYRIL OF JERUSALEM'S. *Lectures on the Christian Sacraments*. Londres: SPCK, 1951 (disponibilizada)

CIRILO DE JERUSALÉN. *Catequesis* Edición e notas de C. ELORRIAGA. Espanha: Bilbao/ Desclée de Brouwer, 1991

CIRILO DE JERUSALÉN, *Catequesis*. Tradução do grego e introdução por P. H. RIVAS. Buenos Aires: Paulinas: 1991

CIRILO DE JERUSALÉN. *Catequesis*. Introd., trad. e notas de J. S. BIELSA. Madrid: Ciudad Nueva, 2006

CYRIL OF JERUSALEM AND NEMESIUS OF EMESA. Tradução e notas de W. TELFER. London: SCM Press LTD, 1955

CYRILLE DE JÉRUSALÉM. *Catéchèses Mystagogiques*. Introd., texto crítico e notas de A. PIÉDAGNEL, Sources Chrétiennes 126. Paris: Du Cerf, 1966.

CIRILO DE JERUSALEM, *Catequeses Mistagógicas*. Trad. F. VIER, introd. e notas F. FIGUEIREDO. Petrópolis: Vozes, 2004

CIRILLO E GIOVANNI DI GERUSALEMME, *Catechesi Prebattesimali e mistagogiche*. Introdução e notas de G. MAESTRI e V. SAXER. Milano: Pauline, 1994

CIRILLO, *Le Catechesi*. Traduzione e note G. CARRARO. Vicenza: Tipografia commerciale editrice Vicenza, 1942

CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le Catechesi*. Versão, introdução e notas de E. BARBISAN. São Paulo: Paulinas, 1966

CIRILLO DI GERUSALEME. *Le Catechesi*. Introd., tradução e notas de RIGGI, C. 2.º edição. Roma: Città Nuova, 1997

OUTRAS FONTES

A Didaqué ou Doutrina dos Apóstolos. Introd., trad. do original grego e comentário de U. ZILLES, Petrópolis: Vozes, 1983

AGOSTINHO. *Confissões*. Livro III, cap. 6, n. 11. In: Coleção *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1980

_____. *A instrução dos catecúmenos*. Trad. original latino e notas por Maria da Gloria Novak, introd. Hugo Paiva, Petrópolis: Vozes, 1978

CRISÓSTOMO, J. *Catechesis baptismalis* V, 20. Sources Chrétiennes n.50, 10. Paris: Du Cerf, 1970

HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. Trad. da versão latina e notas por M. G. NOVAK, Petrópolis: Vozes, 1971

PEREGRINAÇÃO de Eteria: liturgia e catequese em Jerusalém no século IV. Petrópolis: Vozes, 1971

TERTULLIANO. *Apologeticum*, XVIII. CCL 1

_____. *De Baptismo*. Edizione: *Corpus christianorum series latina* (CCL) 1, 277-295. Traduzione: *Il battesimo*. Introduzione, traduzione e commento a cura di P. A. Gramaglia, EP, Roma 1979

DOCUMENTOS DA IGREJA

BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. *Sacramentum Caritatis*. Sobre a Eucaristia, Fonte e Ápice da Vida e da Missão da Igreja. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2007. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 22 de março de 2008

_____. *Audiência Geral*. 27 de junho de 2007. Roma: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 8 de julho de 2007

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Paulus; Paulinas; Loyola; Ave Maria e Petrópolis: Vozes, 1993

CELAM. II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. *A Igreja na atual transformação da América Latina à Luz do Concílio*. Conclusões de Medellín. São Paulo: Paulinas, 1968

_____. III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979

_____. IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. *Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã – Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre*. Documento de Santo Domingo. São Paulo: Loyola, 1993

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 1983

COMISION EPISCOPAL DE ENSEÑANZA Y CATEQUESIS. *Catequesis de adultos*. Orientaciones pastorales. Madrid: Edice, 1979

COMISSAO EPISCOPAL PASTORAL PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Igreja Particular, movimentos eclesiais e novas comunidades*. Subsídios doutrinários da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2005

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes sobre a Atividade Missionária da Igreja*, Documentos do Vaticano II, 1965, Petrópolis: Vozes, 1966

_____. *Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação Divina*, Documentos do Vaticano II, 1965, Petrópolis: Vozes, 1966

_____. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. Documentos do Vaticano II, 1965, Petrópolis: Vozes, 1966

_____. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*. Documentos do Vaticano II, 1965, Petrópolis: Vozes, 1966

CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA. *La iniciación cristiana*. Madrid: Edice, 1999

CNBB. *Catequese renovada*. Orientações e Conteúdo. São Paulo: Paulinas, 1983

_____. *Com adultos, catequese adulta*. Estudos da CNBB 80, São Paulo: Paulus, 2001

_____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 1999-2002*. São Paulo: Paulinas, 1999

_____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 2003-2006*. São Paulo: Paulinas, 2003

_____. *Projeto Nacional de Evangelização*. Queremos ver Jesus: Caminho, Verdade e Vida. 2004-2007, São Paulo: Paulinas, 2004

_____. *Segunda Semana Brasileira de Catequese*. Estudos da CNBB 84, São Paulo: Paulus, 2002

- _____. *Pastoral dos sacramentos da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1977
- _____. Encontro Nacional de Catequese de 1985. Síntese do relatório. *Comunicado Mensal da CNBB* 34, 1985
- _____. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. Documentos da CNBB 62, São Paulo: Paulinas, 1999
- _____. *Educação, Igreja e Sociedade*. Documentos da CNBB 47, São Paulo: Paulinas, 1992
- JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Omnium Ecclesiarum Matri*. Pelo XVI centenário da morte de S. Cirilo de Jerusalém. 1987. Disponível em: <www.vatican.va> Acesso em: 27 de setembro de 2006
- _____. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. 1990, São Paulo: Paulinas, 1991
- _____. *Discurso à Assembléia do Celam*. Porto Príncipe Haiti, Março de 1983
- _____. Europa debe recordar siempre sus raíces cristianas. In: *Ecclesia*, no. 2.242, Roma: Pontificio Ateneo Regina Apostolorum, 1985
- _____. *Exortação apostólica Tertio Millennio Adveniente*, 1994. Disponível em: <www.vatican.va> Acesso em: 22 de junho de 2007.
- _____. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*. Janeiro de 2001. Disponível em: <www.vatican.va> Acesso em: 28 de maio de 2007
- _____. *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae*. 1979, São Paulo: Paulinas, 1983
- _____. *Exortação Apostólica Christifideles Laici*. Sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. 1988. Disponível em: <www.vatican.va> Acesso em: 28 de maio de 2007
- _____. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. Sobre as relações entre Fé e Razão. São Paulo: Paulinas, 1998
- _____. Discurso para os bispos dos Regionais Oeste 1 e Oeste 2. In: *Palavra de João Paulo II aos bispos do Brasil*. Paulinas, São Paulo, 2003
- PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. A Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1975.
- _____. *Carta Apostólica Motu Proprio. Ecclesiae Sanctae*. AAS 58, 1966. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 5 de abril de 2008

_____. *Decreto Unitatis Redintegratio*. Sobre o Ecumenismo. 1964, n. 15.
Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 12 de maio de 2008

_____. *Decreto Nostra Aetate*. Sobre a Igreja e as Religiões Não-cristãs.
1965. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 12 de maio de 2008

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Catequético Geral*.
1971. São Paulo: Paulinas, 1979

_____. *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 1997

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo: Paulus, 2001

SECRETARIADO NACIONAL DE CATEQUESE. Brasil: encuentro nacional de evangelización de adultos. *Catechesis Latino Americana* 3, 1971

SÍNODO DOS BISPOS. XI Assembléia Geral Ordinária. *A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. Lineamenta, 2004 e Instrumentum Laboris, 2005. Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <www.vaticano.va> Acesso em: 29 de setembro de 2007

UFFICIO CATECHISTICO NAZIONALE. *L' Iniziazione Cristiana*. Documenti e orientamenti della Conferenza Episcopale Italiana. Leumann/Torino: Elledici, 2004

ESTUDOS PATRÍSTICOS

ALTANER, B. e STUIBER, A. *Patrologia*. São Paulo: Paulinas, 1972

AMATO, A. *Studio dei Padri e teologia dogmática*. In: TRIACCA, A.M. e COVOLO E. *Lo studio dei padri della chiesa oggi*. Roma: Ateneo Salesiano, 1991

ANGRISANI S. M. L. Ambrósio de Milão. In: BERARDINO A. (org.) *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Paulus, 2002.

ARAÚJO, J. M. Análise teológica das catequeses mistagógicas de São Cirilo de Jerusalém. In: *Fragmentos de Cultura*. Vol. 13, n. 4. Goiania: UCG, 2003.

BERARDINO, A. (dir.). Cyrille de Jerusalem. In: _____. *Dictionnaire Encyclopédique du Christianisme Ancien*. Vol.1, Belgica: Du Cerf, 1990

- BONATO, A. *La dottrina trinitária di Cirilo de Gerusalemme*. Roma: IPA, 1983
- BUNGE, G. *La paternità spirituale*, Magnano: Edizione Qiquaion, 1991.
Disponível em: <www.mclink.it/personal> Acesso em: 18 de outubro de 2002
- DANIÉLOU, J. *Sacramentos y culto segun los Santos Padres*. Trad. M. Herranz y A. Fuente, Madrid: Guadarrama, 1964.
- DRIJVERS, J. W. *Cyril of Jerusalém. Bishop and City*. Boston: Brill, 2004
- DROBNER, H. R. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2003
- FOLCH GOMES, C. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo: Paulinas, 1979
- GALILEA, S. *Reflexiones sobre la evangelización*. Ecuador : IPLA, 1970.
- HAMMAN, A. *Guida pratica dei Padri della Chiesa*. Milão: Ancora, 1968
- JEDIN, H., *Manual de Historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1966
- LAURENTIN, A. e DUJARIER, M. *Il Catecumenato. Fonti Neotestamentarie e Patristiche la Riforma del Vaticano II*. Roma : Dehoniana, 1995
- MAZZA, E. *La Mistagogia Una Teologia della Liturgia in epoca patristica*. Roma: Edizioni Liturgiche.1988
- MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. (trad.) *The works of Saint Cyril of Jerusalem*. England: America Press. 1969
- MIGNE, J. P. *Patrologiae cursus completus*. Paris: Series Graeca, 1857-1866
- MIGUEL FERNANDES, J. L. *Pneumatologia de Cirilo de Jerusalém*. Madrid: 1974. Dissertação de Mestrado. Pontificium Institutum Orientalium Studiorum.
- MORESCHINI, C. E NORELLI, E. *Storia della letteratura cristiana antica greca e latina*. Vol. II. Brescia: Morcelliana, 1996
- PADOVESE, L. *Introdução à Teologia Patrística*. São Paulo: Loyola, 1999
- QUASTEN, J. *Patrologia*. Madrid: BAC, 1977
- RILEY, H. M. *Christian Initiation*. A comparative study of the interpretation of the Baptismal liturgy in the mystagogical writings of Cyril of Jerusalem, John Chrysostom, Theodore of Mopsuestia and Ambrose of Milan. Washington: Catholic University of America Press, 1974
- RISI, F. M. *Di una nuova edizione delle opere di S. Cirillo Gerosolimitano ossia di un errore gravissimo falsamente attribuito a S. Cirillo*. S.C. di Propaganda Fide, 1884
- ROMERO POSE, E. Catequesis en la época patrística. In: VVAA. *Nuevo Diccionario de Catequética*. Madrid: San Pablo, 1999

SANTANA, L. F. R. *Batizados no Espírito. A experiência do Espírito Santo nos Padres da Igreja*. São José dos Campos: COMDEUS, 2000

TRIACCA, A. M. *Mystagogie doctrinale de la Prière*. In: *Mystagogie : pensée liturgique d'aujourd'hui et liturgie ancienne*. Conférences Saint-Serge, XXXIXe Semaine d'études liturgiques. Paris: Triacca e Pistoia (edit.), 1992

VILANOVA, E. *Historia de la Teologia Cristiana*. V.I. Barcelona: Herder, 1987

YARNOLD, E. J. Cyrillus von Jerusalem. *Theologische Realenzyklopädie* 8. Berlin/New York: Walter de Gruyter (1981/1993)

_____. *The awe inspiring rites of initiation. Baptismal Homilies of the fourth century*. Grã-Bretanha: Saint Paul Publications, 1971

INICIAÇÃO CRISTÃ, CATECUMENATO, LITURGIA, MISTAGOGIA

ALBERICH, E. *Catechesi adulta en una Chiesa adulta*. In: *Orientamenti Pedagogici*. Rivista internazionale di scienze dell'educazione. Gardolo: Erickson, 1991

_____. *La catechesi della Chiesa*. Saggio di catechetica fondamentale. Leumann : Elledici, 1992

_____. *Catequese Evangelizadora*. Manual de Catequética fundamental. São Paulo: Salesiana, 2004

ALBERICH, E. e BINZ, A. *Formas e modelos de catequese com adultos*. São Paulo: Salesiana, 2001

_____. *Catequese com Adultos: elementos de metodologia*. São Paulo: Salesiana, 2001

ALDAZABAL, J. *Dimensión Pascual y Pedagogía mistagógica de los sacramentos según el Catecismo de la Iglesia Católica*. In: *Phase*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 201, 1994

AMADO, J.P. *Iniciação cristã de adultos em ambiente urbano: relato de uma experiência*. In: *Magis*, Centro Loyola de Fé e Cultura: Rio de Janeiro, 2001

ANTONIAZZI, A. *Formação de cristãos adultos: desafios e respostas*. In: CNBB. *O Itinerário da Fé na "Iniciação Cristã de Adultos"*. São Paulo: Paulus, 2001

- ARNEDO, F. J. H. Palavras de abertura da Segunda Semana Brasileira de Catequese. In: CNBB. *Segunda semana brasileira de catequese*. Doc. 84, São Paulo: Paulus, 2002
- BARSOTTI, D. *Il mistero della Chiesa nella liturgia*. Firenze: Fiorentina, 1967
- BIHLMEYER, K. e TUECHLE, H. *História da Igreja*. Vol. 1, São Paulo: Paulinas, 1964
- BLESS, W. e LEEUWEN, H. *Guida al Catechismo Olandese*. Strumento di lavoro. Brescia: Morcelliana/Herder, 1969
- BOLLIN, A. e GASPARINI, F. *A catequese na vida da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1998
- BORNERT, R. *Les commentaires byzantins de la Divine Liturgie du VII^e. au XV^e. siècle*. Paris, 1966
- BOROBIO, D. Función litúrgico-sacramental del ministerio del catequista. In: *Evangelización, Catequesis y Liturgia. Phase 38*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1980
- _____. Catecumenato. In: FLORISTÁN SAMANES e TAMAYO, J. (dir.) *Conceptos fundamentales de Pastoral*. Madrid: Cristiandad, 1983
- _____. Catecumenato. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. M. (orgs.) *Nuevo Diccionario de Liturgia*. Madrid: Paulinas, 1987
- _____. *A Celebração na Igreja*. Vol. II. Os Sacramentos. São Paulo: Loyola, 1993
- _____. *La iniciación cristiana*. Salamanca: Sigueme, 1996
- _____. *Sacramentos y etapas de la vida*. Salamanca: Sigueme, 2000
- _____. El Catecumenado y su situación en la Iglesia actual. In: *Teología y Catequesis*, n. 83, San Dámaso: Madrid, 2002
- BOURGEOIS, H. *Teologia Catecumenale*. Brescia: Queriniana, 1993
- _____. O testemunho da Igreja antiga: uma economia sacramental. In: SESBOUÉ, B. (dir.) *Os Sinais da Salvação*. Vol 3, São Paulo: Loyola, 2005
- BUNGE, G. *La paternità spirituale*. Magnano: Edizione Qiquaion, 1991.
- Disponível em: <www.mclink.it/personal> Acesso em: 18 de outubro de 2002
- BUYST, I. e SILVA, J. A. *O Mistério celebrado: memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas, 2004
- CABIÉ, R. La iniciación cristiana. In: MARTIMON, A.G. (org.) *La Iglesia en oración*. Introducción a la liturgia. Barcelona: Herder, 1987

- CASEL, O. *Il mistero del culto cristiano*. Turim: Borla, 1966
- CASPANI, P. *La pertinenza teologica della nozione di iniziazione cristiana*. Milano: Edicion Glossa, 1999
- CAVALLOTTO, G. (org.) *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. Bologna: EDB, 1996
- _____. *Il modelo catechistico del catecumenato antico*. Disponível em: <www.catechetica.it> Acesso em: 3 de dezembro de 2005
- _____. Il nuovo rito di Iniziazione Cristiana degli adulti: origine, struttura e scelte pastorali. In: _____. *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. Bologna: EDB, 1996
- _____. Le catéchuménat et la maternité de l'Eglise. In: *La Maison-Dieu*, n. 72, Paris: Du Cerf, 1962
- _____. *Catecumenato Antico*. Bologna: Dehoniane, 1996
- CERVERA, J. C. La Mistica dei sacramenti dell'iniziazione Cristiana. In: ANCILLI, E. e PAPAROZZI, M. *La Mistica. Fenomenologia e riflessione teológica*. Roma: Città Nuova, 1964
- _____. *La Iniciación cristiana y el camino espiritual*. In: *Phase* 246, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 2001
- CERVERA, J.C. Iniciação cristã. In: FIORES, S. e GOFFI, T. (orgs.) *Dicionário de Espiritualidade*, São Paulo: Paulinas, 1989
- CLAES, J. L'initiation. In: *Lumen Vitae*, Revue internationale de la formation religieuse. Bruxelles: Centre International de la Formation Religieuse, 1, 1994
- CODINA, V. *Sacramentos da Iniciação. Água e espírito de liberdade*. São Paulo: Vozes, 1991
- COFFY, R. La celebración, lugar de la educación de la fe. In: *Evangelización, Catequesis y Liturgia. Phase* 38,, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1980
- COLOMB, J. Prioridade atual da catequese no conjunto da Igreja. In: *Concilium*, 53, Petrópolis: Vozes, 1970
- CONSELHO INTERNACIONAL DE CATEQUESE. A catequese de adultos na comunidade cristã. In: *Revista de Catequese*, 14, n. 53-54, São Paulo: Salesiana, 1991
- CURA ELENA, S. Símbolos da Fé. In: PIKAZA, X. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988

- CUVA, A. Asamblea. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. M. (orgs.) *Nuevo Diccionario de Liturgia*. Madrid: Paulinas, 1987
- D'ANNIBALE, M. A. A Celebração Eucarística. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Manual de Liturgia. A celebração do mistério pascal*. Volume III. São Paulo: Paulus, 2005
- DELCHAMBRE, J-P. L'initiation flottante chez les jeunes: tension entre le formel et l'informel. In: *Lumen Vitae*, Revue internationale de la formation religieuse. Bruxelles: Centre International de la Formation Religieuse, 1, 1994
- DERROITE, H. (org.) *Catechesi e iniziazione cristiana*. Leumann/Torino: Elledici, 2006
- DUJARIER, M. Experiências de iniciação cristã na África ocidental. In: *A crise da Iniciação Cristã, Concilium 142*, Petrópolis: Vozes, 1979
- DUJARIER, M. La funzione materna della Chiesa nella pratica catecumenale dell' antichità. In: CAVALLOTO, G. (org.) *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. Bologna: EDB, 1996
- ELIADE, M. *Iniciaciones místicas*. Madrid: Taurus, 1975
- ESCOBAR, F. A Celebração do Mistério de Cristo. In: CELAM, *Manual de Liturgia*, vol. II, A Celebração do Mistério Pascal. São Paulo: Paulus, 2005
- FALSINI, R. *L'Iniziazione Cristiana i suoi sacramenti*. Milano: OR, 1987
- FEDERICI, T. La mistagogia della Chiesa. In: ANCILLI, E. (ed.) *Mistagogia e direzione spirituale*, Roma/Milano: Teresianum/OR, 1985
- FLORISTÁN SAMANES, C. e ESTEPA, J.M. *Pastoral de hoy*. Barcelona: Nova Terra, 1966
- FLORISTÁN SAMANES, C. El ritual de la iniciación cristiana de adultos. In: *Phase*, Barcelona: Centro de Pastoral Liturgica, 1976, 1994
- _____. La Iniciación cristiana de adultos: prenotandos. In: *Phase*13, Barcelona: Centro de Pastoral Liturgica, 1973
- _____. *La evangelización*. Tarea del cristiano. Madrid: Cristiandad, 1978
- _____. La Iniciación Cristiana. In: *Phase*171, Barcelona: Centro de Pastoral Liturgica, 1989
- _____. Necesidad del Catecumenado. In: *Pastoral Misionera* 9, 1973

_____. *Para comprender el catecumenado*. Roma: Borla, 1993

_____. *Para comprender la Parroquia*. Estella, 1994

_____. *Teología Práctica*. Teoría y praxis de la acción pastoral. Salamanca: Sigueme, 1991

_____. *El Catecumenado*. Madrid: Propaganda popular católica, 1972

GARZÓN, J. J. C. *Catecumenado y Comunidad Cristiana en el Episcopado español* (1964-2006). Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 2006

GELINEAU, J. Ministérios e Serviços. In: _____. (org.) *Em vossas assembleias*. Teologia da Missa, São Paulo: Paulinas, 1975

GEVAERT, J. *Il dialogo difficile*. Problemi dell'uomo e catechesi. Leumann/Torino: Elledici, 2005

GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992

GONZALEZ, R. La Mistagogia en el Ritual de la Iniciación Cristiana de Adultos. In: *Phase 191*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1996

GUTIÉRREZ-MARTÍN, J. L. *Belleza y misterio*. La liturgia, vida de la Iglesia. Navarra: Eumsa, 2006

HERNANDEZ, J. M. Diez tesis sobre la iniciación cristiana. In: *Phase 171*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1989

HUEBSCH, B. *La catequesis de toda la comunidad*. Hacia una catequesis por todos, con todos y para todos. Santander. Sal Terrae, 2002

IBÁÑEZ, P. G; ÁLVAREZ, D. M. e CURSACH, J. L. S. Apresentação. In: LA BROSSE, O. HENRY, A. e ROLLARV, P. (dir.) *Dicionário de Termos da Fé*. Aparecida, Santuário e Porto: Perpétuo Socorro, original francês de 1989

LAFONT, G. A experiência espiritual e o corpo. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992

LELO, A. F. *A Iniciação Cristã*. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005

_____. Dinamismo sacramental y aplicación del Ordo Initiationis Christiana e Adultorum en Brasil. In: *Phase 255*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 2003

- LIEBART, J., SPANNEUT, M. E ZANI, A. *Introduzione generale allo studio dei Padri della Chiesa*. Vol. 1. Brescia. Queriniana, 1998
- LIMA JÚNIOR, J. *Evangelização, catequese e liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992
- LODI, E. *Liturgia della Chiesa*. Bologna: EDB, 1981
- LOPES, J. La iniciación cristiana, inserción en JesusCristo y en la vida de la Iglesia. In: *Phase 218*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1997
- _____. Catecumenato. In: FIORES, S. G. T. (org.) *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1998
- _____. La iniciación cristiana, inserción en Jesucristo y en la vida de la Iglesia. In: *Phase 218*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1997
- _____. Catecumenato. In: FIORES, S. G. T. (org.) *Dicionário de Espiritualidade*, São Paulo: Paulus, 1998
- MARSILI, S. A Liturgia. Momento histórico da Salvação. In: NEUNHEUSER, B. et al. *A Liturgia. Momento histórico da Salvação*. (Anámnese I) São Paulo: Paulinas, 1986
- MARTÍNEZ, D., GONZÁLEZ P e SABORIDO, J.L. *Proponer la fe hoy*. De lo heredado a lo propuesto. Santander: Sal Terrae, 2005
- MARTINI, C. M. Iniciação Cristã e Teologia Fundamental. Reflexão sobre as etapas da maturidade cristã na Igreja primitiva. In: LATOURELLE, R. e COLLINS, G. *Problemas e Perspectivas de Teologia Fundamental*. São Paulo: Loyola, 1993
- MATY, B. Catéchèse et liturgie paroissiale au service de la mission. In: *La Maison-Dieu* n. 234, Paris: Du Cerf, 2003
- MISTRORIGO, A. Mistagogia. In: _____. *Dizionario Liturgico-pastorale*, EMP, 1977
- NANDI, D. Catequese com adultos e performance comunicativa. In: CNBB. *Segunda semana brasileira de catequese*. Doc. 84, São Paulo: Paulus, 2002
- NEUNHEUSER, B. Movimento Litúrgico. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (orgs.) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- NOCENT, A. Iniciação cristã e comunidade. In: *A crise da Iniciação Cristã*. *Concilium* 142, Petrópolis: Vozes, 1979
- _____. Iniciação Cristã. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (orgs.) *Novo Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992

- NOCKE, F. Doutrina geral dos sacramentos. In: SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*. vol 2. Petrópolis: Vozes, 2000
- OÑATIBA, I. El Catecismo de la Iglesia Católica en comparación con la Sacrosanctum Concilium. La Liturgia en el Catecismo de la Iglesia Católica. In: *Phase73*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1997
- ORMONDE, D. O tempo da mistagogia. In: *Revista de Liturgia*, 182, março-abril de 2004, São Paulo
- _____. Pontos de partida para um catecumenato em etapas. In: *Revista de Liturgia*, 164, março-abril de 2001, São Paulo
- _____. Vale a pena os catequistas conhecerem o catecumenato. In: CNBB. *Segunda semana brasileira de catequese*. Doc. 84, São Paulo: Paulus, 2002
- OTTO, R. *Il Sacro*. Milão: Feltrinelli, 1966
- PALLIARD, C. A Catequese no catecumenato. In: *Concilium*. 22, Petrópolis: Vozes, 1967
- PASQUIER, A. Sociedade iniciática e sociedade à procura de iniciações. In: *A crise da Iniciação Cristã*. *Concilium*. 1979/2, Petrópolis: Vozes
- PASSOS, M. (org.) *Uma História no Plural*. 500 anos do Movimento Catequético Brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1999
- PEDROSA, V. Catequese Trinitária. In: PIKASA, X.O. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998
- POUILLY, A. e TRUDE, J. Expressão da corporeidade na Celebração. In: CELAM. *Manual de Liturgia*, vol. II. São Paulo: Paulus, 2005
- PRESENTI, G.G. Mistagogia. In: BORRIELO, L. et. al. *Dizionario di Mistica*. Vaticano: Editrice Vaticana, 1998
- RAHNER, H. *Mysterion*. Il mistero cristiano e i misteri pagani. Brescia : Morcelliana, 1952
- RENIER, L. M. Au coeur de l'acte liturgique et de l'acte catéchétique: la communauté chrétienne. In: *La Maison-Dieu* n. 234. Paris: Du Cerf, 2003
- RIBAS, L. F. O. *O Itinerário da Iniciação Cristã da fé de adultos em contextos urbanos*. Da pastoral de conversão à catequese de iniciação. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005
- RIZZI, A. O homem espiritual, hoje. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992

- ROCCHETTA, C. *Como evangelizar hoy a los cristianos*. El Rito de Iniciación Cristiana de Adultos como propuesta tipo para una nueva evangelización. Bilbao: EGA, 1994
- RUSCONI, C. *Vocabolario del Greco del Nuovo Testamento*. Bologna: EDB, 1997
- RUSSO, R. Os sacramentos da Iniciação Cristã. In: CELAM. *Manual de Liturgia*, vol. III, A Celebração do Mistério Pascal. Os sacramentos: sinais do mistério pascal. São Paulo: Paulus, 2005
- SAEZ, J. L. Catecumenato. In: FIORES, S. G. T. (org.). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1998
- SARTORE D. Catequesis y Liturgia. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (orgs.) *Nuevo Diccionario de Liturgia*. Madrid: Paulinas, 1987
- SCHNEIDER, T. (org.) *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2000
- SCHREIBER, B. La mistagogia. In: ANCILLI, E. e PAPAROZZI, M. *La Mistica. Fenomenologia e riflessione teológica*. Roma: Città Nuova, 1964
- SILVA, J. A. Relação entre Catequese e Liturgia. Uma visão histórico-teológica geral. In: SIVINSKI, M. e SILVA, J. A. (orgs) *Liturgia no coração da vida*. São Paulo: Paulus, 2006
- _____. A Iniciação Cristã em sua evolução histórica. Alguns apontamentos para estudo. In: COMISSÃO REGIONAL DA DIMENSÃO LITÚRGICA DO NORDESTE 3. *Liturgia e Inculturação*. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2006
- SPERA, J. C. e RUSSO, R. A Assembléia Celebrante. In: CELAM. *Manual de Liturgia*, vol. II, A Celebração do Mistério Pascal. São Paulo: Paulus, 2005
- SUDBRACK, J. Mística cristã. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992
- TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2001
- TAMAYO-ACOSTA, J. J. *Un Proyecto de Iglesia para el futuro en España*. Madrid, 1978
- TESTA, B. *L'iniziazione cristiana*. Una riflessione teologica. Lugano: Eupress FTL, 2006
- TRIACCA, A. M. Tiempo y liturgia. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (orgs.) *Nuevo Diccionario de Liturgia*. Madrid: Paulinas, 1987
- VALLEJO, A. L. Reflexión en torno a la perspectiva pastoral de la iniciación cristiana. In: *Phase171*, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1989

VASQUEZ, U. M. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001

VELA, J. A. *Reiniciación Cristiana, respuesta a un bautismo "sociológico"*. Contribución a un estudio de la Estructura pastoral de la Reiniciación, a partir do Capítulo IV del OICA. Pontificia Universidad Javeriana. Roma, 1984. Dissertação de Doutorado

VILLEPELET, D. La liturgie comme médiation de la catéchèse. In : *La Maison Dieu, Catéchèse et liturgie en dialogue*. Paris: Du Cerf, 2003

ZANI, A. *Liturgia e catequese nos Padres: notas metodológicas*, Belém, 2002

_____. *Curso de Atualização Teológica*. Belém: Mimeo, 2002

_____. *A Igreja contemporânea e o catecumenato*. Belém: Mimeo, 2002

_____. *A função materna da Igreja na prática catecumenal da antiguidade*. Belém: Mimeo, 2002

_____. *Identidade do processo catecumenal*. Belém: Mimeo, 2002

ZEVINI, G. Informações sobre experiências de iniciação cristã de adultos nas comunidades neocatecumenais. In: *A crise da Iniciação cristã, Concilium*, Petrópolis: Vozes, v.15/142, 1979

TEOLOGIA FUNDAMENTAL

BACIK, J. J. *Apologetics and the Eclipse of Mystery*. Mystagogy according to Karl Rahner. London: Notre Dame Press, 1980

BEOZZO, J. O. (org.) *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005

BENEDETTI, L. R. A experiência no lugar da crença. In: ANJOS, M. F. *Experiência Religiosa: risco ou aventura?* São Paulo: Paulinas, 1998

BINGEMER, M. C. L. *A identidade crística*. São Paulo: Loyola, 1998

_____. A alteridade e seus caminhos. In: FABRI, M. (org.) *Teologia e Novos Paradigmas*. São Paulo, Soter/Loyola, 1996

_____. Saber, sabor e sabedoria. In: BUARQUE, C. et ali. *Fé, Política e Cultura*, São Paulo: Paulinas, 1992

_____. *Alteridade e Vulnerabilidade*. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. A Sedução do Sagrado. In: CALLIMAN, C. (org.) *A Sedução do Sagrado*. Petrópolis: Vozes, 1998

- BINGEMER, M. C. L. e FELLER, V. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. Espanha: Siquem, 2002
- BOFF, Cl. *Teologia e prática, teologia do político e suas mediações*. Petrópolis, Vozes, 1978
- _____. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998
- BOFF, L. Constantes antropológicas e Revelação. In: *REB* 32. Rio de Janeiro: Vozes, 1972
- BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Prática Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1997
- _____. *Espírito e Missão na obra da Lucas-Atos*. Para uma Teologia do Espírito. São Paulo: Paulinas, 1996
- _____. *Espírito e Missão na Teologia. Um enfoque histórico-teológico: 1850-1930*. São Paulo: Paulinas, 1998
- _____. Índole escatológica da Igreja peregrinante. In: *Atualidade Teológica*, n. 13. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2003
- CODINA, V. *Sacramentos da Iniciação*. Água e espírito de liberdade. São Paulo: Vozes, 1991
- COSTA, R. F. As Cruzadas. In: BINGEMER, M.C.L. (org.), *Violência e Religião*. São Paulo: Loyola, 2001
- FABRI, M. (org.) *Teologia e Novos Paradigmas*. São Paulo, Soter/Loyola, 1996
- FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991
- FORTE, B. *A Igreja, ícone da Trindade*. São Paulo: Paulinas, 1991
- FUSSEL, K. Teologia da Libertação. In: EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulinas, 1993
- GEFFRÉ, C. *Como fazer teologia hoje*. Hermenêutica teológica. São Paulo: Paulus, 1989
- _____. *Le christianisme au risque de l'interprétation*. Paris : Du Cerf, 1983
- GELABERT, M. *Valoración cristiana de la experiencia*. Salamanca: Sigueme, 1990
- _____. Experiência. In: PIKASA, X. O. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998
- GESCHÉ, A. *O M al*. São Paulo: Paulinas, 2003
- GIGUÉRE, P. *Una fe adulta*. Santander: Sal Terrae, 1991

- GOMES, F. J. S., A Igreja e o Poder: representações e discursos. In: RIBEIRO, M. B. (org.) *A vida na Idade Média*. Brasília, UNB, 1997
- GONÇALVES, P.S.L. e BOMBONATO, V. I (orgs.) *Concílio Vaticano II*. Análise e Perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2004
- GOPEGUI, J. A. R. As figuras bíblicas do diabo e dos demônios em face da cultura moderna. In: *Perspectiva Teológica*, Ano XXIV, Belo Horizonte: CES, 1997
- HAIGHT, R. *Dinâmica da Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004
- KUNG, H. Redescobrir Deus. *Concillium* 22. Petrópolis: Vozes, 1990
- LATOURELLE, R. *Teologia da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 1972
- LIBÂNIO, J. B. *Desafios da Pós-Modernidade à Teologia Fundamental*. In: *Teologia na Pós-Modernidade*. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. (orgs.) São Paulo: Paulinas, 2003
- _____. *Eu creio, nós cremos*. São Paulo: Loyola, 2000
- _____. Itinerário da fé hoje. A propósito da teologia da fé. In HACKMANN, G. *Sub umbris fideliter*. Festschrift em homenagem a Frei Boaventura Kloppenburg. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1999
- _____. *Teologia da Revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992
- _____. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005
- _____. A Teologia da Libertação. In: ALMEIDA, E.F. e NETO, L. L. (orgs) *Teologia para quê?* Rio de Janeiro: Mauad/Mysterium, 2007
- LIMA VAZ, H. C. A linguagem da experiência de Deus. In:____. *Escritos de Filosofia I, Problemas de fronteira*, São Paulo: Loyola, 1986
- _____. Raízes da modernidade. In: _____. *Escritos de Filosofia VII*. São Paulo: Loyola, 2002
- _____. Unidade e diferença: linguagem e verdade na ciência. In: *Fé e Ciência: duas linguagens para uma verdade*. Rio de Janeiro: Cadernos Magis, nº. 18, 1995
- PALÁCIO, C. Novos Paradigmas ou fim de uma era teológica? In: FABRI, M. (org.) *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Soter/Loyola, 1997

PASTOR, F. A. Teologia e Modernidade: alguns elementos de epistemologia teológica. In: TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. (orgs.) *Teologia na Pós-Modernidade*. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003

QUEIRUGA, A. T. *A Revelação de Deus na realização do homem*. São Paulo: Paulus, 1995

_____. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2001

_____. *Pelo Deus do mundo no mundo de Deus*. São Paulo: Loyola, _____ . *Recuperar a Criação*. Por uma religião humanizadora. São Paulo: Paulus, 1999

_____. Repensar o mal na nova situação secular. In: *Perspectiva Teológica*. Ano XXXIII. 91, Belo Horizonte: CES, 1991

RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1989

_____. *O desafio de ser cristão*. Petrópolis: Vozes, 1978

_____. Orden Sobrenatural. In: _____. (org.) *Sacramentum Mundi* IV, Barcelona: Herder, 1973

_____. *Fondamenti della Teologia Pastorale*. Brescia: Herder/Morcelliana. 1969

_____. *Teologia e Antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969

ROVIRA BELLOSO, J. M. Trindade. In: PIKASA, X. e SILANES, N. (dir) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988

SCHILLEBEECKX, E. *História Humana, Revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 2003

TEPEDINO, A. M. Ecclesiologia de comunhão: uma perspectiva. In: *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro: PUC, n. 11, 2002

TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. *Teologia na Pós-Modernidade*. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003

VELASCO, J. M. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, Santander: Sal Terrae, 2002

_____. *Introducción a la fenomenología de la religión*. Madrid: Cristiandad, 1983

WITTSCHIER, S. *Antropologia y teologia para una educación cristiana responsable*, Santander: Sal Terrae, 1979

MODERNIDADE

ARANTES, P.E. Benjamim, Horkheimer, Adorno e Habermas. Vida e Obra. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980

ANTONIAZZI, A. Perspectivas pastorais a partir da pesquisa. In: SOUZA, L. A. G. e FERNANDES, S. R. A. (orgs.) *Desafios do Catolicismo na cidade*. São Paulo: Paulus, 2002

AZEVEDO, M. C. *Modernidade e cristianismo. O desafio à inculturação*. São Paulo: Loyola, 1981

AZEVEDO, M. C. Não-moderno, moderno e pós-moderno. In: *Revista da Educação da AEC*. Ano 22, n. 89, 1993

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BOAVENTURA SANTOS, S. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997

CAPRA, F. *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982

CASTIÑEIRA, À. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999

COX, H. *La religión en la ciudad secular*. Santander: Sal Terrae, 1984

DOMINGUES, J. P. *Interpretando a modernidade*. Imaginário e instituições. Rio de Janeiro: FGV, 2002

ESPERANDIO, M. R. G. *Para entender a Pós-Modernidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2007

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, 1989

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991

GIGUÉRE, P. *Una fe adulta*. Santander: Sal Terrae, 1991

GONZÁLEZ-CARVAJAL, L. *Evangelizar en un mundo postcristiano*. Santander: Sal Terrae, 1993

GONZÁLEZ FAUS, J. I. *Desafios da pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1995

- HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990
- _____. *Teoría de la acción comunicativa I. Racionalidad de la acción e racionalización social*. Madrid: Taurus, 1987
- HOBSBAWM, E. *Era dos extremos. O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- JAMESON, F. *As sementes do tempo*. São Paulo: Ática, 1996
- _____. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.
- KUHN, T. *A Estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1997
- KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997
- LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva, 1998
- _____. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 1998
- _____. *Notas sobre a pós-modernidade. O lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântida, 2004
- MIRANDA, M. F. A experiência cristã e suas expressões históricas. In: FABRI, M. (org), *Experiência religiosa: risco ou aventura?* São Paulo: Paulinas, 1998
- _____. *Inculturação da fé. Uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001
- OLIVEIRA, M. A. *A crise da racionalidade Moderna: uma crise de esperança*. In: _____. *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1999
- _____. Pluralismo e Ética. In: _____. *Ética e Práxis Histórica*. São Paulo: Ática, 1995
- _____. Pós-Modernidade: Abordagem filosófica. In: TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. (orgs.) *Teologia na Pós-Modernidade*. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003
- PEUKER, H. Crítica Filosófica da Modernidade. In: *Modernidade em discussão. Concilium/244-1992/6*, Petrópolis: Vozes, 1992
- QUEIRUGA, A. T. *Fin del cristianismo premoderno*. Santander: Sal Terrae, 2000
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001

SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. São Paulo: Record, 1999

VATIMO, G. *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. XVI.

WARNIER, J. P. *A mundialização da cultura*. São Paulo: Edusc, 2003

PESQUISA SOCIAL

BERGER, P. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1976

BORDIEU, P. et al. *A Miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2003

_____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

BRANDÃO, Z. *Pesquisa em educação. Conversas com pós-graduandos*. Puc.Loyola, 2002

CHAMPAGNE, P. et al. *Iniciação à Prática Sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1998

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1999

GANDIM, D. *A prática do planejamento participativo*. Petrópolis: Vozes, 1994

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, 1989

IÑIGUEZ, L. A análise do discurso nas ciências sociais: variedades, tradições e práticas. In: _____ (coord.) *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004

_____. A linguagem nas ciências sociais: fundamentos, conceitos e modelos. In: _____ (coord.) *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004

LEPETIT, B. Sobre a escala na história. In: REVEL, J. (org.) *Jogos de Escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998

MINAYO, M.C.S. (org.) *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994

PASSERON, J. *O Raciocínio Sociológico*. Petrópolis: Vozes, 1995

PINTO, L. Experiência vivida e experiência científica de objetividade. In: CHAMPAGNE, P. et al. *Iniciação à Prática Sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1998

REVEL, J. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998

RICOEUR, P. *Do texto à ação*. Ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés Editora, 1986

BIBLIOGRAFIA GERAL:

ANDRADE, P.F.C. *Fé e eficácia*. O uso da sociologia na Teologia da Libertação. São Paulo: Loyola, 1991

ATKINSON, J. M. e HERITAGE, J. *Structures of social action*. Studies in conversation analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1984

BECK, U. GIDDENS, A. e LASH, S. *Modernização Reflexiva*. Política, Tradição e Estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.

BECK, U. *Risk society: towards a new modernity*. London: Sage, 1992

BENJAMIM, W. *O Narrador*. Traduzido do original alemão Uber Literatur, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1969. In: *Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BOFF, L. e BOFF, Cl. *Da libertação*. O teológico das libertações sócio-históricas. Petrópolis: Vozes, 1979

CODINA, V. e ZEVALLOS, N. *Vida religiosa: história e teologia*. Petrópolis: Vozes, 1987

COLOMBÁS, G. *O Monacato primitivo*. Madrid: BAC, 1974

ECHEGARAY, H. *A prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1982

FABRIS, R. *Jesus de Nazaré, história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988

GALILEA, S. *Espiritualidade da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975

_____. *Evangelização na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1976

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1996

ISNARD, C. J. C. Apresentação da 7ª. edição do ODC, São Paulo: Paulus, 1994.

JAEGER, W. *Cristianismo primitivo e paideia grega*. Trad. Teresa Louro Pérez, Lisboa: Edições 70, 1961

LEVINAS, E. *Ética e infinito*. Lisboa: Ed. 70, 1988

_____. *El tiempo y el outro*. Barcelona: Paidós, 1993

_____. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993

_____. *Totalidade e infinito: Ensaio sobre a exterioridade*. Lisboa: Ed. 70, 2000

_____. *Transcendência e Inteligibilidade*. Lisboa: Ed. 70, 1984

- MAÇANEIRO, M. e MURAD A A *Espiritualidade como caminho e mistério*. São Paulo: Loyola, 1999
- MAÇANEIRO, M. *Eros e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1997
- MATEOS, J. e CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992
- MORIN, E. *A religação dos saberes. O desafio do século XXI*. São Paulo: Bertrad, 2001
- _____. *Complexidade e Transdisciplinaridade: A reforma da Universidade e do Ensino fundamental*. Natal: EDUFRRN, 1999
- PANIKKAR, R. *Elogio de la sencillez*. El arquetipo universal del monje. Estella: Verbo Divino, 1993
- RUBIO, A. G. *Encontro com Jesus Cristo Vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994
- TANNEN, D. *Talking Voices*. Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse. Cambridge: Cambridge University, Press, 1989
- TILLARD, J.M.R. *Religiosos, vivência e evangelho*. São Paulo: Loyola, 1978
- VOGUE, A. *Les règles des saints pères*. Paris : Du Cerf, 1982
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1989
- WENZEL, J. I. *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 1997

ANEXO 1 – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

1. Como você conheceu o Catecumenato?
2. O que te fez participar do grupo?
3. O que significou na sua vida? Alguma mudança?
4. Como foi o processo do catecumenato?
5. Como você se percebe antes e depois dessa experiência?
6. O que significou receber os sacramentos?
7. Qual a importância do catequista neste processo?
8. Qual a importância da missa na Comunidade neste processo?
9. Você gostaria que continuasse? Faz falta? De que forma?
10. O que é fundamental no Catecumenato, que não pode faltar?
11. Quais as dificuldades que você percebeu?
12. Que mensagem você deixaria para alguém que não fez essa experiência?

ANEXO 2 – ROTEIROS PARA ENTREVISTA GRUPAL

1. DEPOIMENTOS SOBRE O CAMINHO DO CATECUMENATO

Obs.: o Catequista orienta este momento como partilha, como testemunho diante da comunidade e também como testemunho para a pesquisa. Apresenta a metodologia como um serviço à Igreja através da pesquisa teológica da qual participam. Fala da diversidade das pessoas, das situações vivenciadas e, portanto, dos testemunhos.

Inicia com Oração: Vinde, Espírito Santo.

1. Como fui chamado para fazer este caminho?
2. O que acendeu meu coração antes e durante o caminho?
3. Quais as propostas que eu tinha quando entrei? Foram mantidas ou modificadas?
4. Quais as dificuldades que foram enfrentadas?
5. Que testemunho eu posso dar sobre esse caminho do catecumenato?

2. TEMAS IMPORTANTES NO CATECUMENATO

Entrevista grupal feita em 2 momentos:

1º. momento – introdutores, catequista

2º. momento - grupo completo, com os catecúmenos

1. Depois de 1 ou 2 anos de caminhada no Catecumenato, o que vocês consideram como fundamental para a formação de um catecúmeno? Para a iniciação na fé cristã?
2. Depois desse período de formação, o que vocês consideram que ficou faltando na formação de vocês?